JOÃO DE LEMOS

CANÇÕES DA TARDE

I

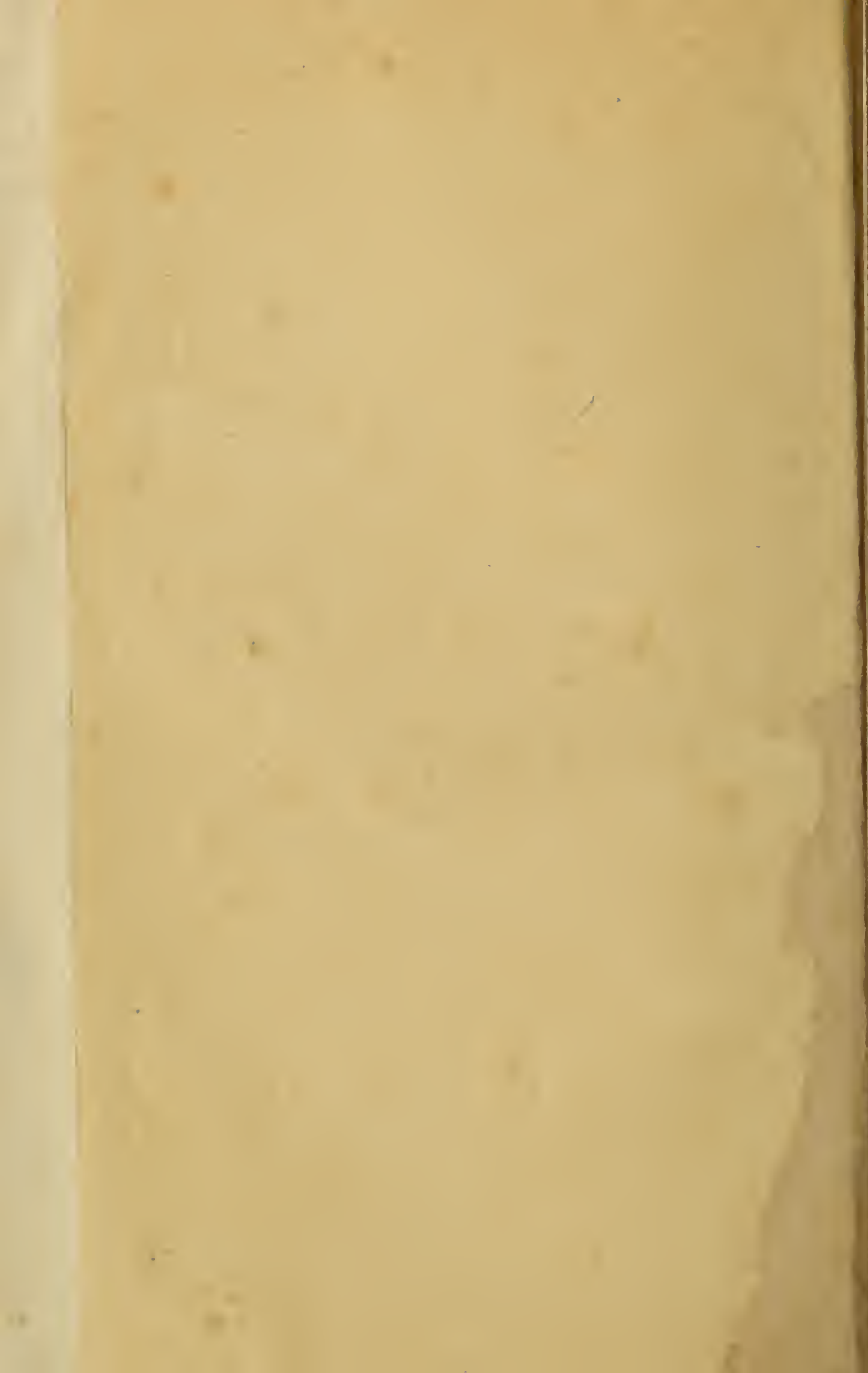
ULTIMOS REFLEXOS

II

HORAS VAGAS DE BUARCOS

1.ª EDIÇÃO

EDITORES
MARTINS & FERRAZ
Rua da Bitesga, 75, 1.º andar

1875

CANÇÕES DA TARDE

CANÇÕES DA TARDE

POR

JOÃO DE LEMOS

I

ULTIMOS REFLEXOS

II

HORAS VAGAS DE BUARCOS

1.ª EDIÇÃO

LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA
Rua da Paz, 7
1875

Meu João, primo e amigo:

Queres que eu veja os teus versos; e que te posso eu dizer que não pertenço á confraria do Parnazo? Bem sabes o que diz um dos nossos classicos:

Poetas por poetas sejam lidos

Que te posso eu dizer senão o que me dictar a amizade, eu que não passo de um curioso em tudo, mas sempre admirador do que é bom e bello?

Não ignoras que me foi sempre gostoso ler-te os meus opusculos, e que me fallas sempre com sinceridade, pois é preferivel que um amigo nos advirta a portas fechadas, ao dar brecha para que o vulgo nos assalte, sempre affeito a desmoronar com os tiros da inveja e da vaidade, ainda as mais solidas fortalezas. Pagar-te-hei pois na mesma moeda, fallando-te a pura

verdade e dizendo a impressão que me deixaram as tuas poesias; e forçado por essa mesma verdade a elogiar-te, não faço mais do que juntar a minha voz á consonancia da opinião litteraria, que te aclama em lugar mui distincto entre aquelles que professam a nobre carreira das letras; e não tomes isto como um comprimento banal, nem como *elogio mutuo*, pois a tua reputação litteraria está ha muito conquistada.

A primeira impressão que me deixaram foi excessivamenta grata, por ver que conservas a mesma energia, a mesma vivacidade de espirito e o mesmo calor poetico da mocidade, indicio certo e seguro que os padecimentos physicos se afugentaram, o que deve dar summo gosto aos teus amigos. Assim, encetando a minha critica, te digo que escolheste mau titulo — *Canções da tarde*, porque não vejo ainda cairem *as sombras;* e esperamos que os *reflexos* não sejão *os ultimos.*

É coisa notavel que as mais bellas poezias, dos mais eminentes poetas foram escriptas ao declinar da idade. Quando Camões escrevia:

> Vão os annos descendo e já do estio
> Ha pouco que passar até o outono:
> A fortuna me faz o engenho frio,
> Do qual já não me jacto, nem me abono.

É quando compunha aquellas inimitaveis Canções (X e XI), que poeta nenhum igualou, nem me parece ha de igualar, nas quaes o coração se desfaz em puro

amor, e a alma chagada sangra com a dôr e a saudade desparzidas por essas praias do Oriente, auzente da amante. Ovidio publicou as suas *Tristes* aos 53 annos de idade; Horacio as suas *Odes* perto dos 50; Petrarcha tinha 47 quando morreu a sua Laura, á qual sobreviveu 26 annos, e é depois da morte d'esta, que a muza do poeta italiano geme com mais poetica e intensa dôr nas suas rimas, no *Triumpho da morte*, e de uma maneira ainda mais tocante n'aquella notavel emenda lançada em uma folha do seu Virgilio; Bernardim Ribeiro, se é verdadeira a tradicção dos seus altos amores, tinha apenas 12 annos a Infanta D. Beatriz quando já corriam poesias d'elle impressas no Cancioneiro de Rezende. O nosso Garrett foi já velho e no fim da vida que escreveu os seus mais acalorados versos. Tu sabes como as damas gregas apodavam Anacreonte de velho, e elle graciosamente lhes respondia que vissem ellas *como nas rosas viçosas com quanta graça se entrelaçavam os brancos lyrios;* ellas riam-se e o velho de Theos póde dizer-se que morreu nos seus braços. Não foi, pois, com as unhas tenras, mas com mão tremula que dedilharam a lyra estes genios, fazendo resoar divinamente os nomes das Natercias, Corinas Lalages, Beatrizes, que immortalizaram nos seus versos.

Ha entes previlegiados, que revestem, mascaram a caducidade physica com os ornamentos do espirito; o privilegio do genio, como os exemplos que deixo apontados. Quantas vezes a tez rugoza do velho cobre um coração juvenil, e a aveludada do mancebo um cora-

ção gasto e pobre! Por isso é coisa bem difficil taxar a idade do coração, que não envelhece. Quantas vezes no centro do monte coberto de neves seculares ruge lá dentro, arde, escandece o vulcão! Assim, pensando melhor, tu meu João, ainda que na idade não estás no caso dos exemplos citados, deixa embora ir o titulo de *Canções da Tarde*, que são tardes de viçosa primavera e passemos adiante.

Não é possivel demorar-me detidamente na apreciação minuciosa da tua nova publicação; apenas direi duas palavras de relance. Escuso asseverar-te que a primeira parte—*Ultimos reflexos* é repassado do sentimentalismo que se inspira do coração onde nasceu, e se ateou para fulgurar em maviosa e brilhante poesia. A segunda parte contém primorosas poezias; limitar-me-hei a mencionar algumas para me não alongar. Serão lidas com summo prazer, especialmente as *Saudades do Claustro*, —*Sinigalia*—*Junto ao mar*—*A criança e o rouxinol*—*O cura de aldeia*—*A via ferrea* e o *Remorso*; esta ultima poesia, por si só, segundo o meu fraco entendimento, fazia a reputação de um poeta, e na maior verdura dos annos não farias melhor.

No genero faceto a *carta a um amigo* é a pintura, com verdade, d'esta triste epocha, que atravessamos. Não especifico outras ligeiras poesias do genero, porque, como sabes, não posso deter-me, e não lhe dou a mesma importancia por serem de occasião e passageiras. Limito-me a dizer-te que offereces ao publico litterario um bom brinde, que elle ha de receber, como sempre,

gostosamente. Foi modestia em ti, ou disconfiança mal cabida associar ao teu o meu humilde nome, a não ser como amigo, para uma empreza, leve para os teus hombros. Foi o mesmo que um homem com boa vista pedir a um cego para lhe mostrar o caminho, que tu tens sempre trilhado com tanta honra, gosto, e proficiencia.

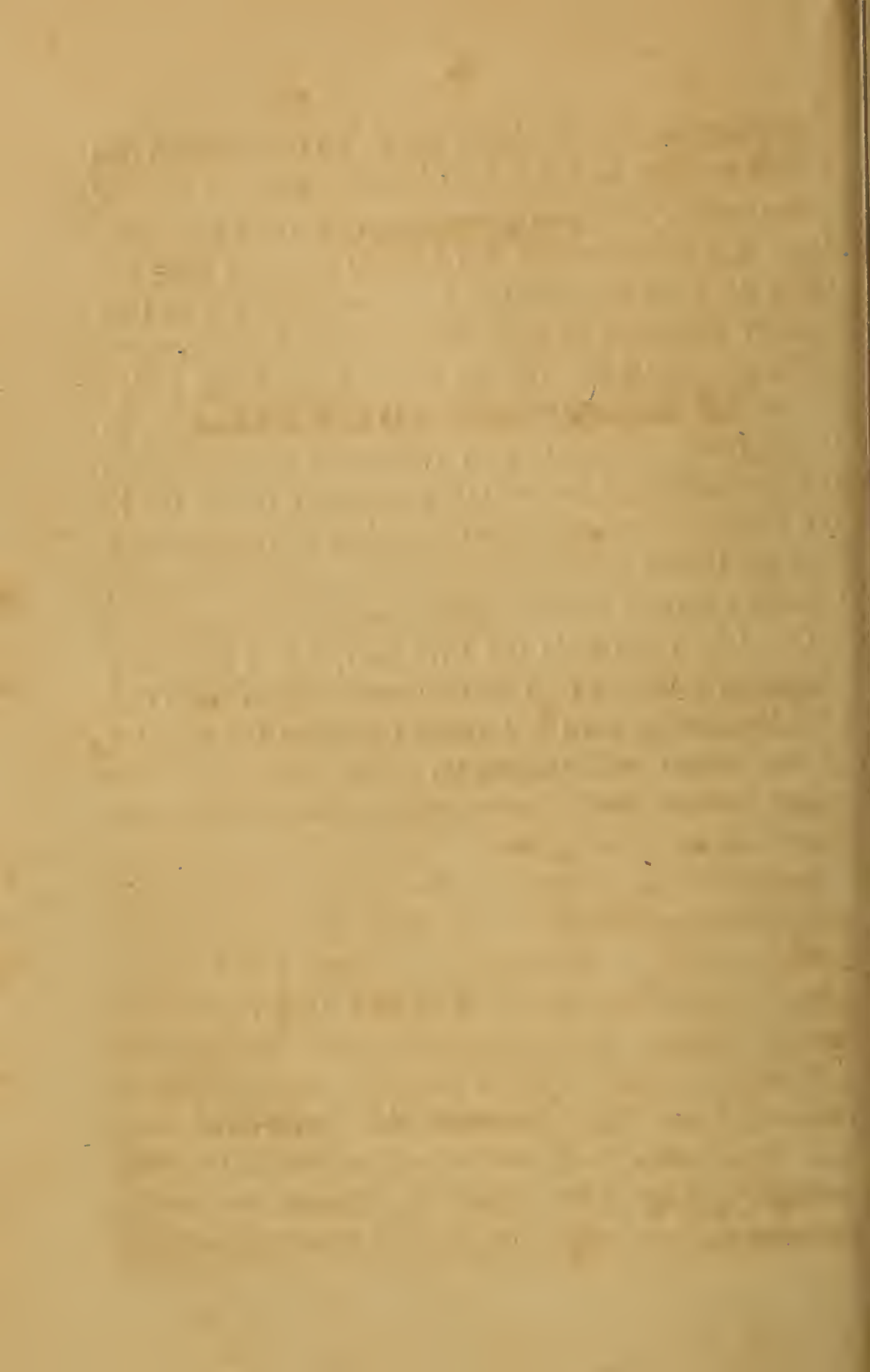
Agora, meu João, vou dar-te um conselho de amigo e com elle termino. Não sei se já te desobrigas-te; se o não fizeste, deposita com verdadeira contricção aos pés do confessor o peccado da preguiça, e dá-nos um livro maior, uma obra tecida e completa na qual mostres todo teu talento e conhecimentos; em verso e em proza, escolhe a fórma, e será sempre poesia.

Não faço votos pelo teu livro porque já a imprensa em geral, o espera com anciosa hospedagem, mas sim pela tua saude, para nos dares repetidos documentos do teu sempre lucido engenho.

Sou como sempre

Teu do coração,

Visconde de Juromenha.

Carnide. Quinta do Bom-nome,
10 de março de 1875.

CARTA

A

JOÃO DE LEMOS

Em meio do seculo 17.º escreveu o grande Bossuet —«La poésie se meurt! la poésie est morte!» e a esse mesmo tempo provavam-lhe Corneille, Molière, La-Fontaine e Boileau que a poesia estava cheia de vida como nunca até ali havia estado.

Passaram dois seculos e o apostolo do progresso Eugenio Pelletan sustentava em 1852 que a poesia metrificada tendia a desapparecer e estava por pouco; e n'esse mesmo anno abria a Academia as suas portas a Alfredo Musset, um dos maiores poetas que tem tido a França, e no anno seguinte dizia-lhe «não!» o gigante chamado Victor Hugo, publicando esse grito de cholera, essa obra prima de 7:000 versos, intitulada *Les Châtiments,* seguida logo depois da *Légende des Siècles*, monumento que ainda nos seculos futuros ha-de cer-

car d'uma aureola divina a memoria de quem o levantou.

Não, a poesia não morre emquanto houver homens, emquanto o amor, a indignação, o enthusiasmo, o culto de Deus e da patria, os doces e brandos affectos, ou as paixões viris dominarem a humanidade. Não morre, e tu és d'isso uma prova pelo que em ti mesmo se dá.

Lembras-te? Em 1844, ha já trinta annos, duas vezes o tempo a que Tacito chama grande espaço na vida do homem—*quindecim annos, grande mortalis ævi spatium*! Como é doce, e doloroso ao mesmo tempo, o recordar isto! mas em 1844, dizia, frequentavamos nós a Universidade n'essa Coimbra onde vivemos durante cinco annos, dia por dia, e quasi hora por hora, como se foramos dois irmãos, e tão intimos que não havia segredo de um para o outro.

> Duas almas assim sempre se entendem,
> Pendem ambas d'instincto a confundir-se.

Dizias tu, referindo-te á nossa amizade.

Nos nossos passeios, de tarde, pelo Penedo da Saudade, pelo valle de Cosêlhas, pela ponte d'Agua de Maias, ou na solidão do Almegre, onde o estudante da *Cabulogia*, dos nossos Couto Monteiro e Luiz de Bessa, ao ouvir o sino que lhe annunciava as aulas do dia seguinte,

> Ouviu berrar a negregada cabra;

Outras vezes, sentados no caes de Serieiro, no Ó da

ponte, mirando o Mondego e as suas nayades, ou embrenhados no Choupal em busca de sombras, quando não vogavamos n'um barco a sabor da veia, para que por mais tempo nos durasse o encanto; nos nossos passeios, digo, em que tambem nos acompanhava Augusto Lima, tão prematuramante roubado aos seus amigos, todo tu eras amor de poesia; a poesia era o teu norte, o teu iman, o teu encanto, a tua aspiração constante, e communicavas esse enthusiasmo a quantos te rodeavam. D'ahi nasceu o *Trovador*.

Com raras excepções, reuniram-se quantos por esse tempo, e em Coimbra, conversavam com as musas, e em volta de ti, diga-se a verdade, ainda que tu sejas o homem mais inimigo de louvaminhas que eu conheço, em volta de ti é que se agruparam, por que tu eras entre todos o mais poeta, eras o arauto d'armas que nos chamava ao combate.

Por esse tempo frequentava a Faculdade de Direito de S. Paulo, no Brazil, um mancebo de grande talento, e que seria o maior poeta d'aquelle virentissimo imperio, aliás tão rico de intelligencias, se a morte lhe não cortasse os vôos quando ainda não contava 21 annos de idade. Fallo de Alvares d'Azevedo.

Alvares d'Azevedo n'umas considerações que nos deixou sobre a litteratura e a civilisação de Portugal, depois de marcar a era brilhante da poesia na Castro de Ferreira e no poema de Luiz de Camões, e de a ver depois convertida em noite caliginosa, apenas allumiada a espaços pelo vertiginoso Bocage, e pelos *poetas que*

trouxeram a arma ao hombro na guerra da Carta, termina o seu estudo de philosophia e critica com estas palavras:

«A noite portugueza, como a de verão, talvez não seja longa. Façam-na um serão de luar os trovadores de Coimbra. Sim. Mas o que elles não poderão fazer é adiantar o dia.»

Os trovadores de Coimbra eramos nós, os associados para a empreza. Bem sabiamos que não rompiamos as trevas, se ellas existissem tão densas como as via o poeta brasileiro, n'um tempo em que os poetas da Carta escreviam — *O Camões* e a *D. Branca*, os *Ciumes do Bardo* e a *Harpa do Crente.* Tambem estavamos certos de que não adiantavamos o dia da regeneração, uma hora que fosse, porque eramos humildes, mas com os olhos na patria e a crença em Deus aventuramo-nos.

O livro ahi está; se nem em serão de luar podémos converter a noite diz-nos a consciencia que alguma coisa fizemos, e em todo o caso, bem ou mal, ficou elle marcando uma época na historia da poesia portugueza d'este seculo. A cada folha que se publicava dizia em Lisboa Antonio Feliciano de Castilho — Avante, mancebos! e a ti — Bravo! João de Lemos. *Macte, nova virtute, puer...!*

Sae a folha 5.ª traz o *Tumulo de Nero,* e o mestre da poesia no n.º 44 da *Revista Universal Lisbonense* de 22 de maio de 1845 escreve: «Recebemos a folha 5.ª do *Trovador.* Desejavamos poder copial-a toda. Por

amostra damos a *Sepultura de Nero,* trecho lyrico superior ao qual nada conhecemos em portuguez.»

Estava firmada a tua reputação como poeta, e affecida por quem tinha conquistado o direito de o fazer.

Effectivamente, quando n'essa collecção não houvesses escripto mais do que o *Tumulo de Nero, Natus est Jesus, Festim de Balthazar* e *Lua de Londres* bastavam estas para te dar o logar de honra entre os poetas do *Trovador.*

E como poetavas tu? Aponto um exemplo d'entre muitos, para os que te não conhecem de perto, nem sabem quanto era espontanea a tua musa. N'uma noite de S. João, tão festejada de descantes e fogueiras na rainha do Mondego, era a fogueira dos Palacios Confuzos uma das mais garridas. Ahi estavamos, como bairristas, pagando o nosso tributo á diversão, quando de repente te vi desapparecer. Meia hora depois, saindo de caza, voltavas com uma peça de versos e lias ao clarão das chas:

....

Oh! quem podera n'esta hora
Das prophecias d'amor
Ouvir á bella das bellas
A sina do trovador!

A fogueira dos seus olhos
Já queimou minha alma inteira,
As outras fogueiras fallam,
Só não falla esta fogueira!

Reverdece o orvalho as flôres
Hoje crestadas na chamma;
Só meu pranto na flôr d'alma
Tão baldado se derrama!

....

Tinhas escripto, antes improvisado, no meio dos foguetes, dos descantes e do ruido da festa, as vinte e cinco estrophes que intitulaste—*O meu S. João.*

Meu caro amigo, repito-te, eras o primeiro entre nós pela espontaneidade da idéa formulada em metro, pela correcção e melodia do verso, pela riqueza e naturalidade da rima, de que dão testemunho os trechos mais meditados; pelo arrojo e pelo calor da imagem. A quanto não chegarias, que riquezas nos legaras, se o minotauro das nossas luctas partidarias te não houvesse lançado no campo da imprensa politica!

Dos que registaram o seu nome no *Trovador* são já mortos, que eu saiba, Gonçalves Dias, Augusto Lima, Evaristo Basto, José Freire de Serpa, D. João da Azevedo, Luiz Corrêa Caldeira, Marcellino de Mattos, Mousinho d'Albuquerque e Almeida Garrett, que até esse, como sabes, se não dedignou de associar-se aos humildes enviando-nos uns versos. Nove de vinte e seis, excede a terça parte! é triste dizel-o. E dos que vivem, e mais effectivos foram na sua collaboração quantos se conservam fieis ao culto da deusa? Couto Monteiro? Pereira da Cunha? Antonio de Serpa? Castro Freire? Francisco Palha? Henrique O'Neill? Palmeirim? Eu?... Tu só! Alguns d'estes antes de emmudecer, ainda colligiram os seus versos em volume. Eu nem isso, que os tenho, uns perdidos, outros espalhados pelas folhas da imprensa periodica, que é quasi o mesmo.

Tu só! que quando te julgavam adormecido depois

que em 1858, a instancias dos teus admiradores, publicaste o *Cancioneiro,* sahes agora com as *Canções da Tarde.* Bem hajas.

Não, a poesia não morreu para ti, meu velho amigo. Em Buarcos na estação de banhos de 1874, na presença do mar, o grande inspirador, acudiu-te o estro e escreves-te — as *Horas vagas de Buarcos* — a 2.ª parte das *Canções.* Em frente das ondas, tão inquietas como a nossa mocidade, e tão saudosas como o nosso passado, retemperaste a lyra dos amores addicionando-lhe os *Ultimos reflexos* — 1.ª parte do teu livro. É para que n'elle houvesse de tudo, e fosse variado como a teia da vida; — a anecdota, o conselho, o epigramma, a paixão, a saudade, o ciume, a esperança, a humildade e o orgulho, o riso e as lagrimas.

Nas tuas *Horas vagas* não haverá talvez o antigo vigor, nem a mesma força de colorido, porque não se escrevem duas vezes na vida *Tumulos de Nero;* como n'alguns dos *Ultimos reflexos* não haverá a chamma da mocidade, porque não ha aurora, que reaccenda o fogo que declina volvendo-te ao tempo em que escreveste o — *Bem hajas.*

Não importa. Pelo que foste, e pelo que és ainda, serás lido com interesse, pelos homens, porque encontrarão no teu livro a variedade que os deleita; por *ellas,* porque ainda lhes fallas de paixão e de amor, quando outros no outono da vida dissertariam tomando para lemma estes tristissimos versos de Voltaire:

. . . .

Quoi ! pour toujours vous me fuyez,
Tendresse, illusion, folie,
Dons du Ciel que me consoliez
Des amertumes de la vie !

On meurt deux fois, je le voit bien ;
Cesser d'aimer et d'être aimablé
C'est une mort insuportable ;
Cesser de vivre ce n'est rien.

. . . .

Felizes os que se chamam Garrett, e que podem no declinar da existencia sentir a febre dos vinte e cinco annos para nos deixarem as *Folhas Caidas*, antes de se esconderem nas sombras da grande noite.

Amigo, bem me aprazia agora deter-me por mais um pouco a conversar comtigo sobre estes assumptos, mas é forçoso dizer-te adeus!

Dize ás *Canções da Tarde* o mesmo que Ovidio dizia ao seu livro, começando a escrever os *Tristes* no desterro de Tomes, «. . . *liber, ibis in Urbem* . . . » e não receies que lhe faltem leitores, nem temas que as auras lhe não sejam propicias.

Lisboa—Abril 1875.

A. X. Rodrigues Cordeiro.

A ANTONIO PEREIRA DA CUNHA

Meu querido Pereira da Cunha: Pois que tu tens vivido vida d'aldeia em terras de provincia, na tua deliciosa quinta de Portozello, para mim de tanta saudade; já te assentaste muitas vezes, ao descair da tarde, á beira do caminho, ficando-te com os olhos absortos no quadro natural, que se desenrolava diante de ti, e com os ouvidos afagados pelos sons diversos, que te chegavam, coados brandamente pela folhagem do arvoredo.

O sol some-se pouco a pouco, além por traz da longinqua serra; as sombras desdobram-se lentas, como que espriguiçando-se pelos penedos visinhos; aqui, mais perto, volta do seu cerrado a casa o lavrador de vara ao hombro, entoando uma cantiga singela, precedido dos bois como Virgilio os descreve, de arado vol-

tado no jugo, e fixada a vista na casinha branca do valle, d'onde o fumo, precursor da ceia, já sobe em leve espiral a confundir-se com as nuvens. Da encosta, desce o rebanho, balando, em demanda do aprisco, acompanhado pelo adolescente pastor, que encontra a gentil moça de cantaro á cabeça, sobre o qual arquêa seus roliços braços, tão alvos como as mangas da camisa arregaçadas n'elles, e trava-se ontre os dois um idylio mais formoso que os idylios de Gesner.

Depois, ouve-se, ao longe, o tremido e rouco gemer d'um carro, transbordando de milho por escamisar, na direcção da aldeia; aqui proximo, o ramalhar da balsa, e o breve, stridente chilrear do melro, que n'ella se acoita; d'acolá, no campanario da Egreja a voz suave e melancolica do sino das Ave-Marias...

E de tudo o que vês, como de tudo o que ouves se te compõe no espirito umas harmonias sem arte, que, no tumultuar do mundo, lembram ás vezes. Não é verdade?...

Pois as minhas *Canções da Tarde* não são mais ambiciosas. São as *canções* da minha *tarde* da vida. Permitte que t'as offereça. Ninguem sabe melhor do que eu o pouco que valem. Escuso que m'o digam. Mas que ha-de ser se a primavera passou, e já começa a anoitecer em roda de mim? Agora, no meu outono, e na tarde d'estes dias, acertei apenas de encontrar essas amarelladas folhas, que se despegaram da arvore. Já entrevejo o sol a sumir-se, e entreescuto o sino a tocar. Assim mesmo, como amor tambem é offerenda, a ti as

dedico; a ti, que tens sido sempre o meu primeiro, o meu mais constante, e melhor amigo. Não as olhes pela pequenez do que são, mas pela grandeza do affecto que com que t'as consagra

O teu do coração,

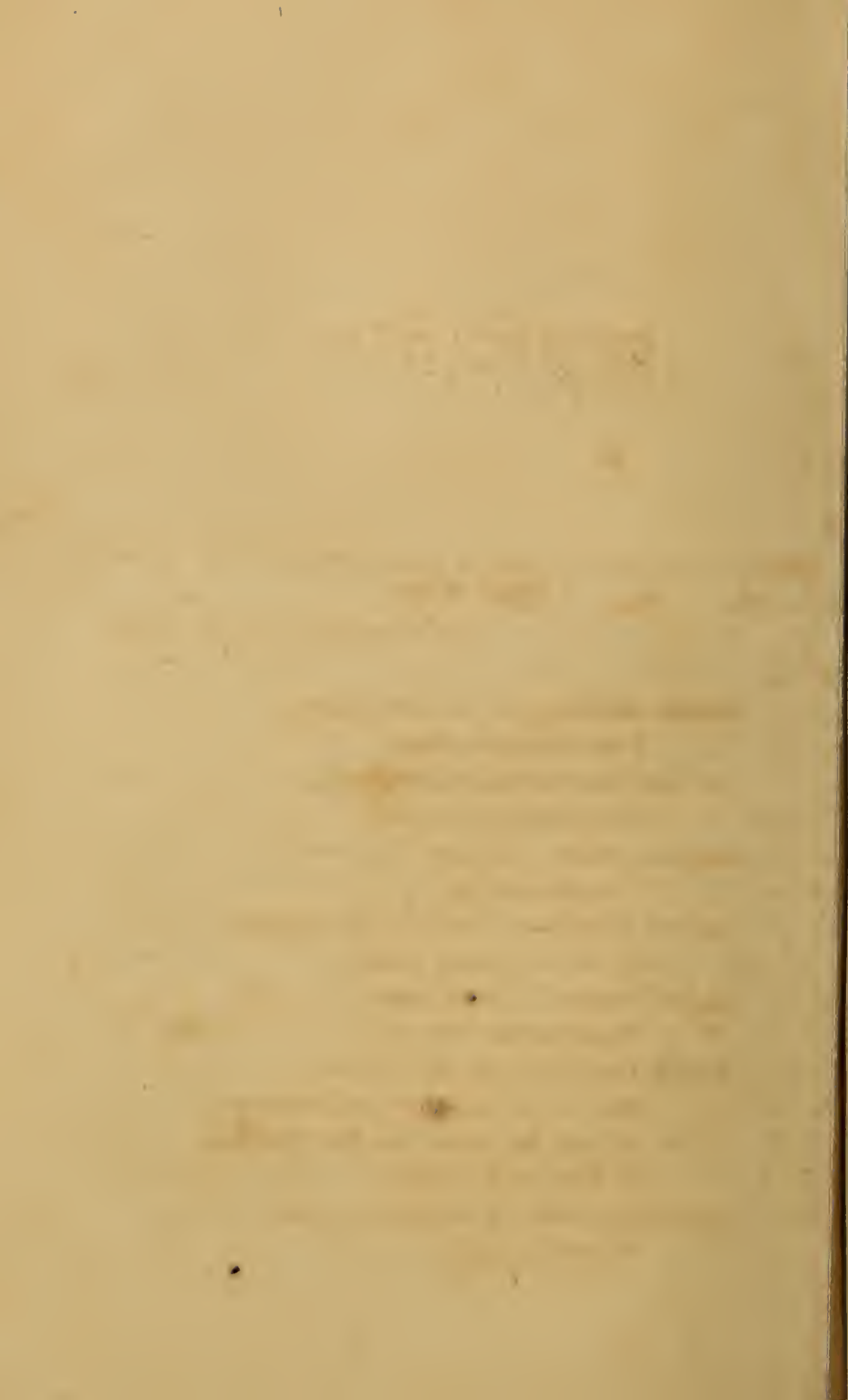
João de Lemos.

EXPLICAÇÃO

Ninguem me tome á conta de *pretenção* este titulo, de *reflexos*, que se engana de todo.

A quadra da vida em que foram compostos estes versos, já me não permittia offerecer áquella que m'os inspirou, se não *reflexos* pallidos *e ultimos*, da luz viva de outros tempos. Era apenas o clarão descorado, que, *de tarde*, se vê pelos montes, aqui e além. Mas os ólhos descançam, mais socegados e gostosos, n'esse mortiço, e sombreado clarão, do que, muitas vezes, se fitam nos campos, que sintilham e despedem chamas, nas horas quentes da manhã. Ora, do sentimento proprio, cada um póde fazer a idéa que quizer; não fica mal; ainda que lhe chame sol, vindo d'ahi os *reflexos*, ninguem desconfia; ninguem vem com as mãos á cara da gente...

Só se forem umas certas pessoas, aquem se não costuma acceitar depoimento n'estes casos, por demasiado suspeitas. Da musa, já não é assim; é obrigação de cada um dizer mal da sua, e louvar a do visinho. Portanto, fica entendido que os *réflexos*, se referem áquelle meu sol, que eu posso gabar á minha vontade, sem reparo dos ouvintes... masculinos.

I

Sem nome

Mulher! Mulher! Acceita n'um sorriso,
N'um sorriso dos teus,
Dos que nuncios são já do Paraizo,
Os pobres versos meus,
Paga-me assim o livro que inspiraste,
Ó perola sem par!
Que aos meus olhos, então, o liso engaste
Ha-de, ao menos, brilhar
Mulher! Mulher! E ousei assim chamar-te
Simplesmente sem véu,
Aquelle usado véu dos que tem arte,
Que — ai de mim! — não tenho eu!
Não te inventar um nome, em falso chrisma,
Do Deus do Belveder!
Um d'estes nomes de brilhante prisma,
E sómente mulher!

Pois já agora, não mudo. E se precisa,
Meu amigo, leitor,
D'esses nomes sonoros, tome *Elisa*,
Ou *Julia* ou *Leonor*,
Ou *Laura*, ou qualquer outro ; mas eu chamo
Ás coisas o que são ;
É por isso, que digo áquella, que amo :
Mulher do coração !
Mulher querida ! Acceita n'um sorriso,
N'um sorriso dos teus,
Dos que nuncios são já do Paraizo,
Os pobres versos meus !

II

Duvida e esperança

Olho... e cuido que lhe vejo,
Se encontra os olhos c'os meus,
Fulgir, ás vezes, nos seus
O amor atravéz do pejo;
Cuido ver-lhe sintilar
O suave sentimento,
Como, olhando o firmamento,
Se vê nas trevas brilhar
Longiqua pequena estrella,
Com rapida luz, mas bella.

Baixa-os logo, desce o véu
Das fartas longas pestanas,
Sombras ciosas e ufanas,
Que me vem toldar o céo;
De novo, fulgindo erguidos,

Ei-los, como que perdidos,
Pela sala, aqui e além;
Não sabe o que ha-de fazer-lhes,
E eu não sei que hei-de lêr-lhes
N'esse incerto olhar tambem.

Outras vezes de repente,
Sóbe-lhe á face o rubor,
Sem ninguem fallar d'amor,
C'uma palavra indiff'rente;
E depois, porque córou
De lhe eu fallar ou fallar-me,
Córa mais; e eu a queimar-me
Na chama que ella ateou,
Sem saber se ardo em castigo,
Ou se se queima comigo.

Mas esta duvida assim,
Que tem da duvida o travo,
Tem tambem o doce favo
Da doce esp'rança, por fim;
Em quanto duvido espero,
E quazi que mais não quero
Do que mais quero; que então...
Não sei, receio, supponho,
Podia esvaecer-se o sonho,
Sonho do meu coração.

III

Pobre coração!

Que é isso, coração? Pois inda sentes?
Inda sonhas d'amor?
Ai! Desfolhada flor,
Não reverdeces mais, não creio, mentes!

Cala-te, coração;
Que te importa o que os olhos indiscretos
Te vão lá segredar, pintando affectos
De sonhada vizão?
Dorme o teu somno sepulcral; morreste;
És sombra, sombra só,
Do passado no pó,
Dormindo á sombra de feral cipreste!
Dia... luz... luz d'amor...
Para ti, coração, será lembrança,
Mas não te póde ser já luz d'esp'rança,
Não, desfolhada flor!

IV

Se assim fosse!

Se assim fosse, meu Deus, se inda podesse
Ser amado e amar?!
Se da cinza a palmeira renascesse!?
Se eu, naufrago do mundo, ao menos, esse
Esp'rançoso pharol visse no mar?!
Baldado imaginar!
Enganadora esp'rança!
Nenhum pharol a minha vista alcança!

Nem eu... nem ella...! Que lhe importa a ella,
Que eu possa amar ou não?
A muitos captivou, brilhante estrella,
Outros melhores, sem nenhum mer'cel-a,
Que a todos deixa suspirando em vão!
Ah! pobre coração,
Enganadora espr'ança,
Nenhum pharol a minha vista alcança!

V

Não te entendo, coração

Mas se não amo, nem posso,
Que póde então isto ser?
Coração, se já morreste
Porque te sinto bater?
Ai, desconfio que vives
Sem tu nem eu o saber.

Porque a ólho quando a vejo?
Porque a vejo, sem a olhar?
Porque longe dos meus olhos
Me andam os seus a lembrar?
Porque levo tantas horas
N'ella sómente a pensar?

Porque timido lhe fallo,
E d'antes não era assim?

Porque mal a voz lhe escuto
Não sei o que sinto em mim?
Porque nunca um *não* me acode
Em tudo o que ella diz *sim*?

Porque estremeço contente
Quando ella me estende a mão,
E se aos outros faz o mesmo
Porque é que não gosto então?
Deveras que não me entendo
Nem te entendo, coração.

Ou me enganas, ou te engano;
Se isto amor não póde ser,
Não atino, não conheço
Que outro nome possa ter;
Ai, coração, que vivemos
Sem tu nem eu o saber.

VI

Impossivel

É impossivel, bem sei...
Mas, seja embora, que a vida
Nunca a previ mais florida,
Nunca mais bella a sonhei,
Quero este amor impossivel,
Esta doçura terrivel,
Este amargoso prazer;
Quero viver d'este engano,
Porque o triste desengano
Já me fazia morrer.

Já, confesso; isto que eu sinto
É por força accezo amor;

Debalde lhe escondo o ardor,
Debalde a mim proprio minto,
Na lucta vencido, em fim,
E feliz por ser vencido,
Porque não hei-de rendido
Dizel-o ao menos, a mim?
Digo, confesso; uma estrella
Ha só no meu céu—é ella!

Ó estrella que a fulgir
Me doiras a phantasia,
Vejo-te de noite e dia,
Vejo-te mesmo a dormir;
E nem penso se me amas,
Prendo-me á luz que derramas,
Sem nada te perguntar,
Pois de ti enfeitiçado,
Ou seja ou não seja amado,
Sempre estrella, eu te hei-de amar!

VII

Não fujas

N'essas horas rapidas,
Que a teu lado passo,
Cada vez me faço
Mais escravo teu;
Só te miro estatico,
Mas eu goso e vivo,
De me ver captivo,
Contemplando o Céu.

Se me forçam impios,
De tal modo a vista
Que de ti desista

Meu teimoso olhar,
Como a agulha tremula,
Em movido solo,
O perdido polo
Quero logo achar.

E nos olhos limpidos,
Que te encontro acaso,
Como a abelha em vazo
De nectarea flor,
Então bebo sofrego,
Co'a razão perdida
Todo o mel da vida
N'um sonhado amor.

Mas tu foges timida!
Tu desvias logo
Esse olhar, que é fogo,
Onde eu ardo em vão!
Se o enlevo é tacito,
Se o recata o seio
De que tens receio?
Não me fujas, não.

Deixa um dia, em extasis,
D'este amor por palma,
Afogar minh'alma,
Que a teus pés já puz,
Na torrente magica
D'esses olhos lindos,
Chammejando infindos
Borbotões de luz.

Tu bem vês que subito
Me fizeste louco,
Oh! espera um pouco
Co'esse olhar só teu,
Anjo, deixa, deixa-me
Comprehender que vivo,
De viver captivo,
Contemplando o Céu!

VIII

Hoje, sim

Hoje sim... Cuidei... par'cia
Que do baile no tumulto,
Quando eu era quasi occulto,
Buscavas o meu olhar.
Não me engana este desejo?
Poderei crer no que vejo?
Começas, em fim a amar?

Se soubesses que ventura,
Que intenso prazer celeste
N'aquelle instante, me deste
Ao ver-te buscar-me assim!?...
Ai! Gosa d'esta doçura;
Cede, amor, cede ao meu rogo,
Arde comigo no fogo
Com que me queimas a mim.

IX

Se eu fosse...

Se eu fosse as auras que te vem brincar
Na trança em desalinho,
Faria lá meu ninho.
Se eu fosse a criancinha, a quem vaes dar
Beijos, enternecida,
Chorava toda a vida.

Se eu fosse a flôr no seio...ai! que nem sei
Que fazer n'esse caso...
Desmaiava em tal vazo.
E se d'um grande reino eu fosse Rei,
Ó querida joia minha,
Fazia-te Rainha!...

Mas auras, flôr, monarcha e criancinha
Não sou!... Sou pobre louco, bem o vês...
Apenas sei e posso, vida minha,
Captivo o coração, morrer-te ao pés!

X

Quem t'o disse?

Para mim não vale nada
A sentença tão gabada
De que ao homem dera o bem
Da palavra, Deus, no intento
De exprimir seu pensamento,
Pois deu-lhe os olhos tambem.
Não pensas como eu, querida?
Quem te fallou, minha vida?

Mudo sempre era ao teu lado,
Mas viste d'alma expressado
Meu pensamento d'amor,
Quem t'o disse, flôr celeste?
Ah! Dize, como o soubeste,
Sem subir-te á face a côr?
Tu eras muda e eu mudo
E os olhos disseram tudo.

Pretendem pouco intendidos
Que o caminho dos ouvidos
É mais curto ao coração,
Pode ser, se o fogo é brando,
Mas, se é vivo, sahe voando;
Rebenta como em vulcão,
Queima flôres, queima abrolhos;
E só se intendem os olhos.

XI

As Pombas

Que estás vendo, querida? Aquellas pombas?...
Pois vê, que vês amor,
Como o verás na flôr,
E em tudo; de que tu zombas
Sem teu frio zombar ter nunca fim!
Se ellas podessem com seus ternos beijos
Fazer-te estremecer, sentir desejos
D'uma ventura assim,
Ventura sem remorsos!...Doce esperança,
Que minha alma não alcança,
De vós, ó pombas, me viria a mim!

XII

O ninho das andorinhas

Eil-as chegadas, querida,
As silvanas d'alem-mar!
E eil-as na doce lida
Do seu ninho fabricar.
Com que fadiga e cuidado
Não vae elle architectado
Na beira do teu telhado!
Que amorosa precaução!
Na lida das avezinhas,
No ninho das andorinhas,
Nada vês, nem advinhas
Que te falle ao coração?

Não te falla o encanto mago
Com que, alegres, vão e vem,
Trazendo cá, bago a bago,
Humida terra d'alem?

E qual d'ellas mais ufana,
Com sciencia quasi humana,
Lá tece a airosa cabana
Aos tenros filhos em flôr;
Põe-lhe, depois, contra o frio,
Contra as neblinas do rio,
O musgo, o frouxel macio,
E inda por dentro, amor!...

Mas tu córas, vida minha?...
Despertou-te Deus, emfim?...
Abençoada andorinha,
Se d'amor fallou por mim!
Abençoado o seu ninho,
Se da esp'rança no caminho
Me appar'ceu! Meigo carinho
Vos prometto, amor sem par;
E das mãos de brutas gentes,
Insensiveis, inclementes,
Andorinhas innocentes,
Os vossos ninhos livrar.

XIII

A folha d'hera

Hontem, anjo querido, quasi a medo,
E com mil precauções,
Lustrosa folha d'hera escondi, ledo,
No livro d'orações,
No teu livro de reza,
Que, por acaso, achei sobre uma meza.

Ah! Vê na pobre folha d'esse arbusto
De viver singular,
Do meu affecto a imagem! Murcha, a custo;
Morre, onde se enlear;
D'entre pedras, dá flôres;
Como eu, que, junto a ti, florejo amores!

E como a hera fende os edificios
De forte construcção,

Tambem eu abrirei com sacrificios,
Teu duro coração.
D'este amor, que não cança,
Seja a hera, em teu livro, doce esp'rança!

Pede, pede ao Senhor, quando rezares,
A folha vendo alli,
Que dê mate, por fim, aos meus pezares
Dando-me a vida, em ti;
Porque, sem ti, querida,
Esta vida que eu vivo, não é vida.

XIV

Nem comtigo nem sem ti!

Anjo! Que estranho castigo
Com que Deus me pune aqui!
Nem posso viver comtigo
Nem posso viver sem ti!

Comtigo? — Se és sempre fria
Ás chamas do meu amor!
Sem ti? — Se tenho o meu dia
Dos teus olhos no fulgor!

Por isso, ó anjo, maldigo
A má hora em que te vi!
Nem posso viver comtigo,
Nem posso viver sem ti!

XV

Não me queixo

Foste sem mim ao theatro,
E foste ao baile sem mim!
Não me queixo, nem te digo
O que então disse comigo
N'aquellas noites sem fim!

Queixar-me! com que direito?
Que sabes do meu amor?
Não sabes, nem talvez queres...
E depois, diz que ha mulheres
Que tem prazer n'esta dôr!

Não me queixo, digo apenas
Que em quanto risonha alli,
Na dança e nas harmonias,
Tu para os outros vivias,
Vivia eu só para ti.

E gosava eu mais, de certo,
Eu só co'a minha visão;
Eu, no encanto da miragem,
Contemplando a tua imagem
N'uma ditosa illusão.

Gosava mais porque amava.
E porque, mesmo a gemer
Nos meus indiscretos zelos,
Eu via os teus olhos bellos,
E tu, que foste lá ver?

Embora, pois, ao theatro,
E ao baile tu vás sem mim,
Não me queixo, e só te digo
Que sei guardar-te comigo,
E que eu goso mais por fim.

XVI

O anjo d'Abril

De galas se veste a terra,
Já na alcatifa da serra
Desabrocha a branca flôr,
Brilham perolas na relva,
Nos ramos quedos da selva
Canta o plumoso cantor.

Fez-se o ar mais transparente,
O sol desfez mais luzente
As nuvens, que lhe eram véu;
Brilha agora vivo e puro
No cristal azul escuro
D'essa campina do céu.

Tambem á noite as estrellas,
O suave fulgor d'ellas,
Já mais suave reluz,
E mais linda e clara e nua,
Já vem a saudosa lua
Tingindo os campos de luz.

Murmuram mais doce as agoas
E até parece que as magoas
Se acalmam no coração;
Dizem que isto é primavera,
E que ameiga a propria fera
O poder d'esta estação.

Mas eu sabendo, querida,
Que em Abril vieste á vida,
Eu digo que dizem mal;
No meu affecto profundo
Digo que a festa do mundo
É festa por teu natal.

Digo, sim, que esta belleza,
As galas da natureza,
Florea terra, o céu d'anil,
Festejam flôr entre flores,
Voto d'amor entre amores,
Ao Anjo puro d'Abril!

XVII

Porquê ?

Que fiz eu ?... Porque desvias
De mim os olhos ? Porque ?
Ao menos, nas agonias
Dos tristes meus te revê !
Olha inda uma vez, querida,
Só por ver como partida
Em mil pedaços a vida
Me deixas com esta dôr...
Olha inda uma vez, querida,
Olha inda uma vez, amor!

Olha... e vê cômo maldigo
O baile, onde alegre entrei ;

Eu vinha feliz comtigo,
Só d'uma esp'rança, bem sei;
Mas essa mesma perdida
Porque ha-de agora, querida,
Ficar de todo, e despida
D'esta alma a innocente flôr?
Olha uma vez, minha vida,
Mais uma vez, meu amor!

Pois eu que fiz? De que crime
Sou punido assim por ti?
Olha... verás... não me opprime
Nenhum remorso... eu não vi
Lá mais ninguem, minha vida;
Só te vejo a ti, querida,
Que és minha esp'rança florida.
Olha... acaba o meu temor...
E a culpa não commettida
Perdôa, perdôa, amor!

XVIII

Se te peza!...

Oh! como passou depressa!
Como acaba, mal começa!
Como, assim, se desfez essa
Risonha e doce illusão!
Que te custava, enganado,
Levar-me ao teu carro atado?
Tenho acaso tão pesado
Este pobre coração?

Ai! querida, se te peza,
Se não podes co'a rudeza,
Que lhe poz a natureza,
Fadando-lhe amor sem fim,
Vê então, vê bem, querida,
Como, na enganada lida
Do teu amor, e da vida,
Me pezará elle a mim!

XIX

Balsamo

Oh! Bem hajas, *filha!* É balsamo,
Que, innocente, mal suspeitas,
Esse, que ora tu me deitas,
C'os instinctos da affeição,
No fundo golpe, que a duvida
D'aquella noite tão triste,
Me deixou, como tu viste,
Aberto no coração!

Oh! Bem hajas, que na angelica
Voz carinhosa me acalmas;
De esp'rança verdejam palmas
No que tu dizes assim!...
E Deus te ouvira, anjo candido!...
Mas não sabes, coitadinha...
Não sabes, nem se adivinha...
Se eu mesmo não sei de mim!...

XX

Saudade

Houve um amante, que pref'riu a ausencia,
Para de longe descrever melhor,
Em doce, carta, a arrebatada ardencia
De seu ardente, arrebatado amor.

É que sabia que a saudade inspira;
Que, meiga, apura o sentimento, então;
E que na mente do que em vão suspira,
Mais bella vive a suspirada em vão.

É que sabia que o desejo cresce,
Quando a distancia se interpõe fatal,
E a viva côr com que, então, floresce
O bem que lembra, e até mesmo... o mal!

É que sabia com que affecto anceia
O cego a luz, que elle uma vez perdeu;

Com que olhos longos, de longinqua areia,
Se busca á patria o escondido Céu !

Mas ah !... Se tinha d'uma auzencia as penas,
Com outra penna lh'as mandava lá ;
E eu ? E eu ? !... O mais que posso, apenas,
È suspirar, mas em segredo cá !

É suspirar, na praguejada ausencia,
Sem que ella saiba minha triste dôr,
Como não sabe a arrebatada ardencia
De meu ardente, arrebatado amor !

XXI

Acabou tudo

Mas ah ! porque foi tão breve ?...
Que estranho vento se atreve
A levar-me, n'aza leve,
Folha a folha, a branca flôr ?
Foi o meu atroz destino,
Que assim me traz, peregrino,
Vagando sem luz, sem tino,
Atraz d'um fugido amor !

Acabou-se tudo agora...
Acabou tudo n'est'hora...
E eu ficarei, embora...
Sosinho e triste, outra vez... !
Não mais te verei, descança ;
Porque, emfim, se não te alcança
O meu amor, tambem cança
Amar debalde, bem vês.

Não mais te verei... acabe
Tudo entre nós ; mas sabe
Que mal sabes quanto cabe
D'amor em meu coração ;
Sabe isto por fim ; e um dia
Talvez, com magua tardia,
Te peze da tyrannia
Com que esfolhaste a illusão !

XXII

Deus não quiz

Deus não quiz; — tornei a ver-te,
Sem o buscar nem querer;
Oh! Foi Deus... tornei-te a ver...
E quando esp'rava perder-te,
Quando me cria infeliz,
Torno a achar-te de repente,
Candida pomba innocente,
Torno a esp'rar ser feliz!

Innocente, sim, e eu, louco,
Que sem provas te accusei;
Que sem te ouvir te julguei,
E tanto, e tal, por tão pouco!
Oh! esquece este rigor
Contra a funesta apparencia,
Vingada pela innocencia,
Vingada por este amor!

Foi, foi este amor, por cego,
Que ao julgar que te perdeu,
Viu logo perdido o Céu,
E perdeu todo o socego;
Perdôa-lhe a sem-razão
Com que te julgou perdida,
Porque tu és minha vida,
Vida do meu coração.

XXIII

Lagrimas

Oh! Que lagrimas bem vindas!
Pois que atravez d'esse véu,
D'essas perolas tão lindas,
Cahindo no collo teu,
Ergues os olhos ao Céu!

A dôr d'alma a desenfia,
A baga e baga, na mão,
Diante da morte fria...
Mas se o Céu fitas então,
Tem esp'rança o coração.

E tua alma outra alma alcança,
Por entre os prantos, e a dor;
E teu olhar é de esp'rança,

D'esse affecto, em puro ardor;
Que ventura! Esp'rança! Amor!

Oh! Que lagrimas bem vindas!
Pois que atravez d'esse véu,
D'essas perolas tão lindas,
Cahindo no collo teu,
Ergues os olhos ao Céu!

XXIV

Que tarde aquella !

Que tarde ! Que tarde aquella !
Deixa que eu te falle d'ella,
Deixa a memoria fallar,
Que de tudo bem me lembro.
Era por fins de setembro ;
Transparente e doce o ar;
Não bulia uma só folha ;
E fomos, por tua escolha,
Junto d'uma Cruz singella,
Sentar-nos á beira-mar...
Que tarde ! Que tarde aquella !

Oh ! Nunca, nunca me esquece !
Melhor tempo, depois d'esse,
Me correu ao pé de ti,

Mas, então, a vez primeira
Nos teus olhos, feiticeira,
Eu vira o que nunca vi!
Ao triste, de esp'ranças ermo,
Ao triste, coitado, enfermo,
Mostraste-lhe meigo interesse,
Por se assim partir d'alli...
Oh! Nunca, nunca me esquece!

Ambos juntos suspirámos!
E, como as aves nos ramos
Já presas do mesmo amor,
Nossos olhos confundidos,
Por largo espaço esquecidos
Ficaram, té que o fragor
Das ondas nos acordara!
Desfez-se a visão preclara
Em que os dois nos enleámos,
Mas deixou n'alma o fulgor...
Ambos juntos suspirámos!

Que tarde! Que tarde aquella!
Nunca mais a imagem bella
Póde a memoria deixar;
Nunca mais vi indiff'rente
Nem ondas do mar plangente,
Nem a tarde á beira-mar,
Sem sentir dentro do peito
Um como encantado effeito,
Apparecendo-me essa estrella
Entre as doçuras do ar...
Que tarde! Que tarde aquella!

XXV

Vi-te chorosa

Vi-te chorosa, suffocada, tremula,
C'os lindos olhos rouxeados já,
Vi-te co'a face desbotada, pallida,
Como anjo triste, desterrado cá

Vi-te os soluços a tremer nos labios,
Co'a dôr de dentro, que adejava alli,
E extincta n'elles a brilhante purpura,
Que nunca, em outros, mais brilhante vi.

Tinhas cruzadas sem poder co'a magoa
Sobre o regaço as descahidas mãos,
Porque, emfim, viras que, na lucta asperrima,
Eram co'a morte teus esforços vãos.

Chorei comtigo como irmão, que, em publico,
Tambem podia acompanhar-te assim,

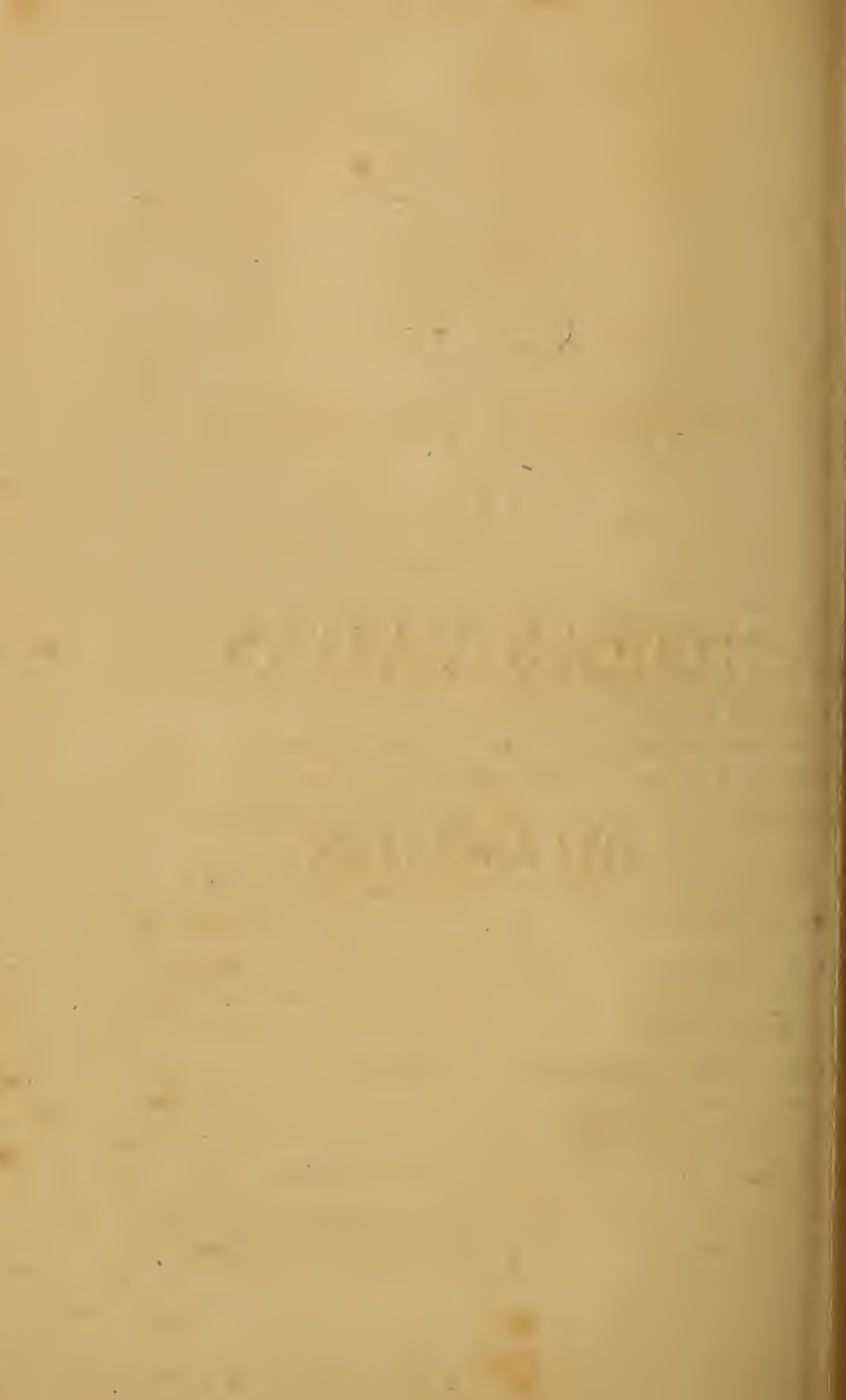
Chorei sincero, que a que nós perdiamos
Era a que eu tinha como mãe, por fim.

Mas, então mesmo, quando os olhos languidos
Lá te encontrava co'a expressão da dor,
Os meus sabiam, entre o veu das lagrimas,
Mandar-te sempre a expressão do amor.

II

HORAS VAGAS

DE

BUARCOS

ADVERTENCIA PREAMBULAR

Já passaram algum tempo n'uma praia de banhos? se não passaram, teem perdido os meus leitores uma das coisas mais divertidas d'este divertido mundo.

Ha uns encantos, que escuso enumerar, porque os conhecedores os sabem perfeitamente; e os outros não os comprehenderiam bem, por mais que lh'os eu explicasse, e que são os mesmos em todas as praias.

Mas quando uma pessoa toma banhos, póde presumir, com auxilio, ainda assim, da imaginação, o que é que está alli a fazer; se porém, tem ido só para authorisar e acompanhar os banhos da familia, não ha imaginação que baste a explicar-nos satisfatoriamente a vida, que alli se leva. Debalde os medicos nos dizem que os ares e passeios maritimos fazem bem; e fazem, reconhecemol-o depois; como porém, o remedio se não apalpa logo; não é dos que entra, desagradavelmente, pela boca, ou, em impressão mais desagradavel ainda, dos que vem em ondas frias sobre a cabeça, persuade-se qualquer homem de boa fé que não está alli a *fazer nada*. Eu vin-

gava-me em andar fóra de casa todo o tempo que podia, e com todo o tempo, bom e mau, que Deus mandava.

Mas como não havia de viver na rua, algumas horas passava em casa, defronte d'uma mesa, na salinha da minha bonita habitação, em Buarcos, a rabiscar papel. Eram *as horas vagas* da minha *vida* alli de *não fazer nada*. E d'esta reunião de *nadas* é que saiu este ligeiro livrinho. Não o tomem por outra coisa, que por outra o não dou nem considero. Era a primeira anedocta que me lembrava, ou me contavam ; a primeira coisa em que se acertava de fallar ; o que se lia n'um jornal ; remeniscencias de outras leituras ou successos ; um passeio ; tudo, em fim, me offerecia assumpto para o meu encher de papel nas *horas vagas* da minha voluntaria penitencia de andar na rua a toda a hora, ou de *não fazer nada*. E tenho dito, com singella verdade, o que são estes versos.

I

Rei e Reo

Quando os reis o que hoje são
Não eram ; ao Rei pedira,
De dura lei contra a ira,
Um condemnado, perdão.

Diz-lhe o Rei : «pois faze acção,
«Que me escuse entre o meu povo ;
«Algum feito raro e novo,
«Que seja á graça razão.»

Volve o réo : «eu ponho a mão
«Nos Evangelhos, assim...
«Ao seu burro a ler latim
«Ensinarei ; — vêl-o-hão.»

«Em que tempo ?» torna então
O rei dos tempos tyrannos :

«Quero, precizo dez annos»
Diz o réo, d'olhos no chão.

«Vae começar a lição;
«Vae-te da minha presença,
«Que eu, entretanto, á sentença
«Te suspendo a execução.»

Fez o Rei esta tenção.
Sae o réo. «Ó desgraçado,
«Ficaste apenas esp'rado,
«Com tua louca invenção!»

Diz-lhe um. — «Isso é que não;
Responde o réo, «não fiquei,
«Que ou eu, ou burro, ou Rei,
«N'este tempo, morrerão!»

II

Oração de Chateaubriand

Do *genio do Christianismo*,
Ao pé de Roma, o author,
No tempo em que inda, então, o scepticismo
Não lhe alagava os campos ao redor;

Ao pôr do sol, n'um passeio,
Aberta de par em par,
Vendo d'um templo a porta, entra, e no meio
D'elle, crente, ajoelhou, e pôz-se a orar...

Não distante, era outro crente
Rezando, mas a oração
Nos labios ciciava tão fervente
Que bem par'cia vir do coração...

A contemplal-o se esquece
O bom viajante meu,

E junta á prece d'elle esta outra prece,
Que, piedoso, dirige, alli, ao Céu;

«Ó meu Deus, Vossas Mãos tomem,
«Benignas, esse rogar;
«Fazei, fazei, Senhor, áquelle homem
«O que Vos pede, aqui, ante este altar;

«E sua prece sentida
«Me aproveite a mim tambem,
«Para que estes dois homens, que, na vida,
«Se encontram uma vez, e depois vem

«A morte; e na Eternidade
«A encontrar-se tornarão,
«Se admirem do poder da caridade,
«Um ao outro devendo obrigação!»

III

O Alferes da Melhor

Junto a Condeixa, algum dia,
N'um logar, dito *a Melhor*,
Certo bom homem vivia
Parcamente, lavrador;
Parco em meza e mais prazeres,
Era mui velho; e Alferes
Da Bicha, que já morreu,
Tropa, que houve, em tempo antigo;
Encontrei-me co'este amigo
Em casa d'outro, e disse eu:

— Quem me dera essa receita,
Alferes! Que idade tem?
— Noventa annos de colheita.
— Noventa?! Poucos os vêem!
— Porque são tolos, coitados.
— Tolos, diz? — Digo; os cuidados
De não *perder a colhér* (*)
Devem ser té aos cincoenta;

(*) Locução popular de algumas aldeias de provincia, que vale o mesmo
e «morrer».

Depois então, bem se renta,
Morre a gente quando quer,

É erguer sempre a cabeça,
Não se deixar succumbir...
— Que diz, alferes? Ora essa!
Dá me vontade de rir!
— Pois, ria; tem liberdade...
Mas ha fundo de verdade
No dito do tal senhor,
Covardes, prefere a morte,
À coragem cabe a sorte
D'este Alferes da Melhor.

IV

As rozas de Santa Izabel

Onde ides, correndo, asinha,
Onde ides, bella Rainha,
Onde ides, correndo, assim?
Porque andaes fóra dos Paços?
Que pezo levaes nos braços?
Oh! Dizei-m'o agora a mim...

El-Rei, pergunta, e se espanta,
À nossa Rainha Santa,
Pergunta El-Rei Dom Diniz,
Que, de industria, portas fóra,
Pelos caminhos agora,
De industria, encontral-a quiz.

A Santa, regalos novos,
Fructas, pão, e carne, e ovos,
No regaço e braços seus,

Sem cuidar ser surprehendida,
Ia levar farta vida
Aos pobresinhos de Deus!

Coram-lhe as faces formosas,
E responde — «*levo rozas*...»
Dom Diniz deitou-lhe a mão
Ao regaço, de repente,
Mas de rubra côr virente
Só rozas lá viu então!...

Como o tempo era passado
Nos jardins, no monte e prado,
De rozas e toda flôr,
El-Rei, cheio de piedade,
Nas rozas da caridade
Viu a benção do Senhor!

E d'aquelle rozal d'ella,
Tirando uma roza bella,
Que guardou no peito seu,
Disse-lhe: «em paz ide agora,
Que eu me encommendo, Senhora,
Á Santa, ao anjo do Céu.»

V

Compensações

Era um dia, em Salvaterra;
Eis chega Manuel Tenreiro,
Que, vindo de brazileiro,
Alvoroça toda a terra.

Encontrou-se c'um amigo,
Que ha muitos annos não via:
Abraços, festa, folia...
— Inda hontem sonhei comtigo;

O que tens feito, não dizes?!
Quem dera o tempo passado
Em que nós, mais o Morgado,
Andavamos ás perdizes!

Mas por lá o que tens feito?
— O que fiz? Casei; ora essa.

—Muito bem.—Que bem? foi peça,
Que a mulher tinha defeito.

Um genio! Vivo demonio!
Uma vibora! Um leão!
—Foi mau.—Não foi. Santo Antonio
Metteu n'isso a sua mão.

Vibora rica...—Bem 'stamos.
Não 'stamos, porque o dinheiro.
Que ella trouxe, todo inteiro,
Em gado grôsso o gastamos,

Que morreu.—Forte desgraça!
—Qual desgraça, Antonio Telles?
Porque do gado nas pelles
Fiz mais dinheiro.—Tem graça

E bom foi.—Não foi, que logo
O empreguei n'umas casas,
E vi-as feitas em brazas,
Porque n'ellas pegou fogo.

—Que infeliz! Não tem que ver!...
—Não fui tal. Feliz me chama
Porque ardeu dentro da cama,
Co' as casas, minha mulher!

VI

Luz nas trevas

Toldam sombras de morte o mundo em roda!
Aqui, fria indiff'rença,
Como geral doença
D'espiritos da moda;
Alli, vil corrupção a força toda
Dos costumes e crenças deita a terra;
Por toda a parte a Deus insana guerra,
Tomando-o por tyranno!...
Só d'esp'rança e d'amor, contra este susto,
Na mão de velho augusto,
Brilha um facho de luz no Vaticano!

VII

As duas caveiras

Lá vae agora uma historia
Curiosa ; se a memoria
    Me não falhar ;
Mas não vão pensar que minto,
Contou-m'a o Doutor Jacintho,
Epaminondas sem par.

De Waterloo iam junto,
Elle e um tio, hoje defunto
    Em Santa Cruz, (*)
Com mais outros portuguezes ;
Vão ao campo, onde os francezes
Levaram sova de truz...

Off'recem-lhe uma caveira,
Inda cheia de poeira
    Bem marcial,

(*) Brazil.

E que, dizem, com verdade,
Fôra, em vida, propriedade
D'um *foutre, Monsieur de tal.*

Comprou-a o tio brazilico,
Santo velho, que era rico,
E folgasão,
Dizendo : *levo p'ra a terra*
Caco d'um cabo de guerra
Do Imperador Napoleão!

Eis, na viagem, tornando
Por Waterloo, senão quando,
Sem mais nem mais,
Do mesmo, como a primeira,
Off'recem-lhe outra caveira,
Famosos restos mortaes!...

Como é isto, exclamam todos ?!
Então você, pelos modos,
Fabrica tem?!
Já na ida... estou lembrado...
Diz o tio, mui zangado,
É logro; não dou vintem!

Pois faz mal, volve o tratante,
Levava prenda chibante,
E qual não ha.
A outra qualquer alcança;
Esta era d'elle em criança;
E é barata... tome-a lá!

VIII

Amarillys (*)

Do Vezuvio na garganta
Desabrocha, em tenra planta,
Formosa flôr ;
Mais formosa entre as formosas,
Mais linda que as lindas rosas
De rubra côr.

É de purpura vestida,
Qual rainha, mas a vida,
Brilhante em vão,
Perdendo as galas, que teve,
Esmorece ; morre, em breve,
No ardente chão.

Assim, no mundo, outras flôres,
Que mais esplendem de côres
Vivas sem par,

(*) Flôr, da familia dos «narcisos».

N'esse esplendor tem a sorte
De logo precoce morte
As vir ceifar.

Candente lava as queimara
A mesma que mais preclara
As floresceu.
É que, na terra, o destino
Do brilho mais peregrino,
É para o Céu !

IX

A velha e o diabo

N'uma certa aldeia rustica,
Boa velha, a Deus fiel,
Antiga promessa em divida
Foi cumprir a São Miguel.

Leva duas vellas candidas
Pendentes da crespa mão,
Entra a egreja, e lá, na alampada
Accesas, com devoção.

Vae-se, curvada e timida
Seus Padres Nossos rezar,
E pôr as vellas ao inclito
Archanjo, no seu altar.

Põe uma ao santo, outra ao rábido
Visinho, que tem aos pés,
E, bem rezadinha e placida
Vinha-se embora talvez ;

Eis vae encontral-a o parocho,
Que a esteve a espreitar, sagaz,
E diz — *Que faz, Tia Monica,*
Pois dá vella a Satanaz?

Deixe-me cá, volve subito
A velha, *eu sou egual,*
Em toda a parte — é meu calculo —
Ter amigos, não faz mal.

X

Charitas, id est, amor!

Quando, incenso no thuribulo,
Christo pendeu no patibulo
Morrendo por nós, na cruz;
Quando, no cruel supplicio,
Se off'receu ao sacrificio,
Sobre o Calvario, Jesus;
No momento, em que era exangue,
E olhava, expirando, o Céu,
Na terra, onde cae o sangue,
Um anjo novo nasceu!

Mesmo d'ao pé do Madeiro,
D'entre o sangue do Cordeiro,
Surge o anjo, e diz — *amor!*...
Depois, ergue-se nas azas,
Contempla as longinquas cazas...

Parte em missão do Senhor.
Parte, voa, corre a terra,
Nunca mais paragem faz,
Lida sempre, ora na guerra
Ora nos males da paz.

Não ha miseria, no mundo,
Não ha mal, por duro e fundo,
Que o anjo não tome a si.
Aqui, a velhice ampara,
Faz de mãe, virtude rara,
Ás criancinhas, ali,
Enfermo nenhum lhe escapa,
A todos estende a mão;
Aos nús dá vestido e capa;
Aos famintos, dá-lhes pão.

É dos tristes companhia;
Procura de noite e dia
Onde haja no mundo dôr;
Nem pobres encarcerados
Esquecem aos seus cuidados,
Aos perfumes d'esta flôr;
Toda a desgraça conforta,
E como quem vem da Cruz,
Leva ahi de porta em porta
A todos carinho e luz.

Oh! Quem és, anjo divino,
Com teu fulgor peregrino,
Com teus carinhos dos Céus?
Oh! Quem és? Se a fé não fôra,

Cuidaria o mundo agora
Que eras tu o proprio Deus!...
— Venho de Deus, mas sómente
Sou a missão do Senhor,
Mão do braço Omnipotente,
A caridade, o amor!

XI

Bem te conheço!

Uma vez, era eu pequena,
(É minha avó a fallar ;)
Na egreja da Magdalena,
Que acolá brilha ao luar ;

Era o Antonio do Prado,
N'esse tempo, sacristão,
Baixinho, gordo, córado,
E fumos de sabichão.

Tinha uma voz de pipia,
Mas presumpção até ali ;
Muita vez na sacristia
P'ra o não ouvir me metti.

Que tempo ! Que tempo esse era !
Quem m'o tornára outra vez !

Mas da vida a primavera,
Quando se vae, vae de vez !

Como eu dizia, o Antonio
Presumia de cantor,
E levado do demonio
Em ladainhas,... primor.

Aqui o visinho Cunha,
O genro do *Zé Pax-vobis*,
Tinha-lhe posto a alcunha
Do Antonio *Ora pro nobis*.

Porque mais repenicado,
Mais em ponto d'alfenim,
Do que o Antonio do Prado,
Ninguem cantava o latim.

Veiu um dia, o grande dia
Da santa. — Grande funcção ;
Missa cantada, Maria,
Festa rija, e com sermão.

O prégador — não te conto ! —
Revolvendo terra e Céu,
Á santa, ponto por ponto
A vida lhe descozeu.

E parece que a santinha
Não o fôra sempre assim ;
Ai ! Credo ! Que vida tinha
Antes de santa por fim !

O Prado, o sermão ouvira,
Mordendo os beiços sem dó,
«*Quem sabe se isto é mentira?!...*»
Disse, ouvindo as culpas só.

Porque lá dentro chamado
A coisas da obrigação,
Não soube o homem, coitado,
A final, da conversão.

E abalado este devoto,
Da santa, disse, com pena,
«*Cá me fica, p'ra mim noto,*
«*O que ouvi da Magdalena!*»

Chega maio, vae-se ás vinhas
O prior e o sacristão,
A cantar as ladainhas,
Como é d'uso e devoção.

Agora o verás, Maria,
O Prado, que ventas tem,
Ao prior lá respondia
Nos mais santos, muito bem;

Mas chegando á nossa santa,
Em que na voz mais primor
Punha, apurando a garganta...
Pois d'esta vez, não senhor.

O prior com voz pequena
Venceu do povo o zum, zum,

Nomeando a Magdalena
E o Prado fez : — *hum, hum, hum !*

Olhem que maldita prece !
Quasi que inda desfalleço !
É como se elle dissesse :
Oh ! Bem sei ; bem te conheço !

XII

O frade e o somno

Frei Gonçalo, santo frade,
Era a sua perdição
Pezado somno, que lhe ha-de
Sempre, contra a piedade,
Retardal-o na oração ;
Por mais que o bom frade insista,
É em vão ; mas o trapista
Tambem era machinista ;
E scismou de contrapôr,
Invocando o seu patrono,
Ao demonio, feito somno,
Engenho despertador.

Era, nas coisas de bulha,
O relogio singular ;
E mal apontava a agulha
As horas, como fagulha,
Que fosse em paiol pegar,
Tudo faz por acordal-o,

Pois ha no relogio um gallo
Uma trombeta, um cavallo,
E, a qual mais pertinaz,
Apurava o artificio,
A bem do *Divino officio*,
Por vencer a Satanaz.

Em quanto foi novidade,
Correu tudo menos mal;
Mas depois que o nosso frade,
No meio da tempestade,
Se affez á bulha infernal,
Debalde o gallo cantava,
A trombeta em vão tocava,
E o cavallo relinchava,
Estrugindo em roda o ar...
Frei Gonçalo, na tormenta,
Por seu lado a bulha augmenta
Aos roncos, a resonar.

Vale-se, então, d'outro invento
O frade; de mais vigor,
Mais efficaz, n'este intento
De lhe ser despertador,
Causando-lhe alguma dôr.
Do relogio, á hora dada,
Faz que uma prancha aguçada
Venha, com forte pancada,
Nas pernas d'elle cair...
Quero ver, diz frei Gonçalo,
Se a prancha não vence o gallo,
Se hei de ficar a dormir!

A prancha, á hora, caia...
O bom frade, dava um ai...
Mas, todo em santa alegria,
Nas rezas da noite fria,
Coxeando, ao côro vae.
Mas, ou do Demo ciume,
Que embotasse á prancha o gume,
Ou naturesa, ou costume,
Faltava á reza, outra vez!
Se as pernas, mesmo dormindo,
Tentado do somno infindo,
Encolheria talvez?!...

Outro meio inda mais forte,
E de mais pod'rosa acção,
Meditava, quando a morte
Lhe estende a implacavel mão...
Toma o frade esta mão dura,
E, d'alma em doce candura,
Diz, olhando a sepultura,
Que a todos assusta, assim:
«Graças, ó Deus infinito,
«Acaba o somno maldito,
«Irei acordar, emfim!...»

XIII

Medico e sacristão

Era uma vez, lá na aldeia,
Passava o sr. doutor,
Sem doenças ter na aldeia,
Em trajes de caçador.

Eis que o chamam p'ra um doente,
Parte, assim, sem mais nem mais,
Até, por ser diligente,
Da caça c'os atafaes.

D'arma ao hombro, já na vinda,
Encontrando o sacristão,
Diz-lhe: —«*fui ver a Florinda...*
Tornou-lhe o sacrista: —«*Então,*

«*Já posso tratar do enterro?*
— «*Qual historia? Não, senhor:*
«*Que já mesmo a tiro, os erro,*»
Sorrindo, disse o doutor!

XIV

Morte e vida

Além, jaz na caza um morto...
Que foi luz, que foi amor,
Mulher, filhos, sem conforto,
Em luto e pranto ao redor!...
Além, silencio profundo,
Só cortado d'algum fundo,
Soluçado, ardente ai,
D'algum suspiro amoroso,
Que apenas murmura — *esposo!*
Ou que diz apenas—*pae!*

Aqui, no ar o foguete
Estruge em som festival,
Aqui, a festa promette
O rumor d'um arraial;
Aqui, danças e cantares,
Aqui, vozes sem pezares
Os echos enchendo vão...
Eis, pois o mundo!... Eis a vida!...
Ora o riso, ora a sentida,
Triste dôr do coração.

XV

Um deputado calouro

Chegava ao palratorio de S. Bento
Calouro deputado;
Eis que, no corredor, *antigo trunfo,*
Em chistes encartado,
Encontrando-o, lhe diz: «chega de novo,
Permitta a advertencia;
Duas coisas aqui vem arriscadas,
Relogio e consciencia.
Diz-lhe o calouro então: «oh! socegado
«Fique Vossa Excellencia.
«O relogio, á cautella, não o trouxe,
«Que aprendi nos burricos; (*)
«A consciencia! Co'a minha e mais co'a sua,
«Creia, não iam ricos!»

(*) Quem to fez alveitar?...

XVI

A criança e o rouxinol

(Imitação)

Que bem cantas, passarinho!
Mas porque é d'ao pé do ninho?
Porque não vens ao caminho?
Porque não pousas ali?...
Desce, pois, desce do ramo...
Se soubesses como te amo!
Ah! como eu gosto de ti!

Mal me approximo tens medo!...
Mais te embrenhas no arvoredo!...
E eu a buscar-te assim, ledo!...
Não terás, tu, coração?!
Oh! Mostra que não acérto,
Deixa chegar-me lá perto,
Deixa pôr-te a minha mão...

Como, então, hei-de afagar-te!
Quantos carinhos sem arte!
Que beijos por toda a parte
N'essas pennas de setim!
Vem, vem, rouxinol querido...
Que, outra vez, tornas, perdido,
A voar longe de mim!

Mas vem, por ver-me contente,
Que os filhos da pobre gente
Por diversão teem sómente,
Os pobresinhos como eu,
Da pobreza nos rigores,
Ou d'estes campos as flôres,
Ou avezinhas do Céu!

E mal hajam os malvados,
Que commettem taes peccados
De trazerem espantados
Os passarinhos do ar!
Por isso, nenhum, com susto,
Vem cá, n'um proximo arbusto,
Junto ás crianças pousar!

Cede, tu, ás minhas preces...
Que, se acaso tu viesses,
Esquecido de tuas messes
N'esta mãosinha... Talvez,
Talvez;—a mim o prometto—:
Já, certo de meu affecto,
Voltarias outra vez.

Quanto é bello teu destino!
Voar no espaço divino,
Ou, n'um canto peregrino,
Á noite, ou ante-manhã,
Dar ao bosque a voz suave...
Que vida, tu, tens, ó ave,
Que vida tens, minha irmã!

Tu nunca choras; teu pranto
É só nos sons do teu canto!
Ai! Quem pudéra outro tanto!
Quem não chorára tambem!
Quem azas me désse um dia!...
Eu bem sei onde, então, ía,
Ia ao Céu ver minha mãe!...

Na terra a terás, ainda...
E por isso a vida linda
Te parece; e nunca finda
A tua alegre canção...!
Eu pobre de mim, coitado!
Eu, tenho, apenas sol nado,
A noite no coração!

Mas ambos, ambos sejamos
Na vida, que atravessamos,
Eu, na terra, e tu, nos ramos,
Eu, orphão, e tu, cantor,
O que Deus quer; e, em pranto,
Ou em riso, seja um canto
Nossa vida ao Creador!...

XVII

O medico e o calceteiro

Ao pagar em bom dinheiro,
Certo doutor criticava,
Em rija disputa brava,
A obra d'um calceteiro.

Mas este acabou a guerra,
Dizendo : olhe, pelos geitos,
De nós ambos os defeitos,
Seu doutor, cobre-os a terra.

XVIII

Politica da politica

Por cair um gabinete
Sem voto parlamentar,
Cuidavam uns innocentes
Que as urnas iam fallar.

Qual historia ? ! Outros arames
Pódem mover a armadilha ;
Talvez quizessem que a Carta
Se lesse como a Cartilha ! ? !

Assim, pois, aos successores,
Fallando em urna um amigo,
Sorrindo, bateu-lhe no hombro,
E disse mestre Rodrigo :

Camaras são como as cazas,
Co'a mesma razão de ser ;
É melhor compral-as feitas
Do que mandal-as fazer.

XIX

O cego e o paralytico

(Versão livre de Florian)

Uns aos outros n'esta vida
Nos devemos ajudar;
Ser-nos-ha mais leve a lida
No do mundo triste mar.
Com amorosos extremos,
O bem que aos outros fazemos,
Dá prazer ao coração;
Já esta boa doutrina
Confucio ensinou na China
Co'a a seguinte narração:

Da Azia n'uma cidade
Dois pobresinhos, em dôr,
Viviam, de longa idade,
Fazendo a todos horror;

Era um tolhido, outro cego,
Ambos sem pão e socego,
Cançados dos males seus,
Pela morte, em altos brados,
Chamavam desventurados,
A pedil-a aos surdos Céus.

Em sua enxerga jazia
O tolhido, enchendo o ar
De lamentos todo o dia,
Na praça, onde o vão poisar;
E mais lhe peza a doença,
Vendo a fria indiff'rença
Da multidão aos seus ais,
Quem geme sem ser ouvido,
É mais acerbo o gemido,
E padece muito mais.

O cego, coitado, exposto
A mil p'rigos em montão
Era sempre; sem encosto,
Sem guia, sequer, d'um cão.
Que, fiel, docil amigo,
Levasse o cego comsigo,
Precedendo o seu clamor;
Um cão dedicado ao dono,
Um cão nas trevas patrono,
Nas trevas quasi fulgôr.

Eis que um dia, senão quando,
O ceguinho, a tropeçar,
E as paredes tateando,

Junto ao tolhido foi dar;
Ouvindo-lhe a voz dorida,
Sentiu a alma commovida,
Que não ha, de certo, não,
Em quem mais impressão faça
Do que á desgraça, a desgraça,
Ao triste, seu triste irmão.

E diz o cego ao tolhido:
— «Tenho o meu mal, tens o teu,
«Mas se n'um só bem unido
«Quizesses... talvez que o Céu
«Se mostrasse menos duro...
— «De que serve, eu te conjuro,
«Nossas miserias juntar,
«Se somos barco sem remos?
— «De que serve?! Ambos nós temos
« O que falta a cada qual.

«Tenho eu pernas, tu tens olhos;
«Levo-te eu, e guias tu;
«Transporemos os escolhos
«Com nosso mal menos cru;
«Tua vista diz-me a estrada,
«E, já n'ella allumiada,
«A meus passos darás lei,
«Porque, em vez de vacillantes,
«Já seguros, como d'antes,
«Onde quizeres, irei.

«Ligados em laço eterno,
«Sem nunca indagarmos lá

«Qual dos dois, no amor fraterno,
«Qual mais proficuo será,
«De dois tristes sem ventura
«Um, de sorte menos dura
«Faremos, então, por fim :
«Eu, levando-te nos braços
«Para ti darei meus passos,
«E tu verás para mim.»

XX

Um burro a acabar

N'um cavallo, para Alvito,
De longe, vae Zé Casmurro,
E a malla, mais o mocito,
Vão, atraz d'elle, n'um burro.

Descem um monte, eis que ao moço
Assaltam sustos em barda,
Porque já sobre o pescoço,
O burro levava a albarda.

Indo, pois, qual posto em grelhas,
O rapaz espertalhão,
E não vendo mais que orelhas
Ao burro, exclama então :

— Falta muito, sor meu amo,
Para chegarmos onde é?
— Tu andas que nem um gamo!
Porque perguntas? Porquê?

— Porque, se dura a jornada,
Sem embargo de seu mando,
Não chego, ou chego sem nada,
Que o burro vae-se acabando!

XXI

Lição na eira

Vem das margens do mondego,
Onde foi cursar... latim,
Manuel Flór,
E cuidava o pobre cego,
Que já vinha feito, emfim,
Senhor doutor.

Porque parou varias vezes
Á porta ferrea, a espreitar
Este ratão,
E porque ouviu muitos mezes
Aquelle som singular
Da *cabra* (*) então!

Entretanto, lá na aldeia,
Que lhe era patria feliz,
O velho pae,

(*) Chamam assim os estudantes ao sino da Universidade.

Labutava em lida cheia;
Na eira e vinha o *Zé Luiz*
Suando vae.

Eis chega o nosso estudante,
Que deixa espantada a mãe
C'o seu saber,
Fallando por figura a cada instante
E latinorios tambem,
Dos de tremer!...

Vae, depois, á eira e n'ella,
Vendo o encinho, que é no chão,
Dentes ao ar.
Diz: «meu pae, que coisa é aquella?...»
Esp'rando, de ignorante, o sabichão
Ali brilhar.

«Carrega-lhe aqui n'um dente...»
Diz-lhe o pae. Elle caiu;
Parvo rapaz!
Põe-lhe o pé... vem, de repente,
O cabo, que reteniu
Nos queixos, zaz!

«Ora, o diabo do *encinho!*»
Co'a mão na barba gritou
O espertalhão.
Acode a isto o velhinho;
«Vê se o nome te lembrou
Agora, ou não?!...»

XXII

Nem insomnia rheumatica !

Gemia um triste enfermo em triste leito
Com rheumatismo agudo.
Meu Deus ! Acabae tudo !
Saía-lhe do peito,
Por não achar na cama sitio a geito,
E não poder dormir de noite ou dia.
Lembra-se um de empregar a versaria
Da musa gallicana,
E taes alexandrinos crús, sem termo,
Móem o pobre enfermo,
Que sómente acordou na outra semana !

XXIII

Segredos do repouso

(Imitação)

— *Porque* és muda, harpa sonora,
Nem enchem teus sons o ar?
Perdestes a voz seductora
Ou não tens mais que cantar?

— Espero a noite e a mão d'alva donzella
Que, da lua ao pallor;
Abraçando-me terna, casta e bella
Descantará d'amor.

— *Porque* és de folhas despido?
Teu bello verde onde jaz?
Que é feito de teu vestido,
Dos rouxos cachos, lilaz?

— Espero que me acorde, em voz plangente
Na aurora, o rouxinol;

E que os viços me torne brandamente
D'Abril o puro sol.

— E *Porque* és tambem, poeta,
Como de pedra sem voz?
Pois se nasceste propheta
Que emmudeces junto a nós?

— Espero luz do Céu, qué, peregrina,
Inspire o coração;
E afinada esta voz por voz divina
Seja o canto oração!

XXIV

O saloio e o ourives

—Quero um annel c'umas letras,
Tome isto de cór p'ra si,
Que digam á Marianna
Eu mo... mo... morro por ti.—

E na voz toda tremida,
Punha o homem, sim, senhor,
A expressão mais carinhosa
De seu mais ardente amor.

—Pode vir na quarta feira,
Diz-lhe o ourives, a buscal-o;—
Volta o saloio, no dia,
Suando, como um cavallo.

—Leia lá,... e, lendo, o ourives,
Que ao mesmo tempo, sorri,
Em voz natural, coitado,
Leu só : *eu morro por ti.*

—Não presta, o annel não quero,
Diz o saloio, zangado,
E não foi por minha culpa,
Que eu ensinei-lhe o recado.

Até me lembra dizer-lhe :
Tome isto de cór p'ra si,
E depois foi d'este modo :
Eu mo... mo... morro por ti.—

—Ah ! sim ! Recordo-me agora...
Mas essa encommenda é rara !
Isso leva mais feitio ;
Ha-de ficar-lhe mais cara.—

— Eu não lhe pergunto o preço,
Se não quando lh'a pagar ;
Faça-me a obra a meu gosto,
E custe ella o que custar.—

— Pois d'aqui a oito dias,
Diz-lhe o ourives, então,
Hei-de ter-lhe a obra prompta
Á sua satisfação.—

Volta, por fim o saloio ;
O ourives já não sorri ;

E lê com voz commovida;
Eu mo... mo... morro por ti.

—Isso é que é, diz o tal botas;
Vou com elle bem feliz!...—
E deu ao bom do ourives
O dinheiro que elle quiz.

XXV

Na noite de Natal

SCENA DE INFANCIA

(Imitação)

Primeira voz

N'esta noite, mais se apura
A geada na verdura,
Tem brilho mais singular;
Anda-se o bosque a toucar
De perolas scintillantes;
Pendem dos ramos diamantes;
Haverá festa no ar?

Segunda voz

Ha festa em todo universo;
Não vês acolá no berço,
Reclinado sobre a mão,

O nosso amigo divino,
Que se fez p'ra nós menino,
Que veiu ser nosso irmão?

Terceira voz

Hoje a lua e as estrellas
Tambem nasceram mais bellas
E brilham com mais fulgor;
A quem darão luz melhor?
Gela o frio membro e membro;
Porque em noite de dezembro
Ardem com tal esplendor?!

Segunda voz

Fez-se carne o Verbo eterno,
Foi, emfim, vencido o inferno,
Lá desponta, ao longe, a Cruz...
Por isso o Céu, mais jocundo,
Annuncia a *nova* ao mundo
Em mil torrentes de luz.

Primeira voz

E cada alma acorda agora,
Como avezinha na aurora
De florente, doce abril;
N'esta noite aos Céus d'anil,
De prazer e grato espanto,
Porque levanta seu canto,
Porque os hymnos são a mil?!

Segunda voz

Porque a noite em si trazia
Mais formoso e puro dia
Do que o sol mais festival;
Porque esta é noite de encanto,
Em que o mundo é todo um canto
Canto de festa ao Natal!...

XXVI

Na sepultura d'um amigo

Ligou-nos a amisade em laço estreito,
Vivemos juntos, foi-nos prosp'ra a sorte
Mas choro agora a viuvez do peito,
E para unir-me a ti espero a morte!

XXVII

Papelão

Um pobre, á porta da Igreja,
Pede esmola a um papelão;
Este faz que a gente o veja,
E dá-lh'a, fechada a mão.

«*Enganou-se*, diz o pobre,
«*Ha-de ter coisa somenos,*
«*Deu-me prata em vez de cobre...*»
Grita o outro: «*não dou menos*».

Melhor o pobre repara,
Vê falsos *dez réis*, e, aos ais,
Mostra-lh'os; — volta-lhe a cara,
E diz, baixo, «*não dou mais*».

XXVIII

Um Santo infeliz

Manuel das Graças,
Ermitão barbaças,
Com seu pau na mão,
Grossa corda em cinto,
Para São Jacintho
Pede esmola e pão.

Traz em vidro o Santo,
Entre o pardo manto,
Sobre o peito seu;
E supplíca e berra;
Vae de terra em terra,
Promettendo o Céu.

O pão recebido
É logo comido,

Do Santo em louvor;
Mas quanto ao dinheiro,
No bento mialheiro
O vae logo pôr.

Que tem consciencia,
E mais paciencia
O bom Ermitão;
Por isso bem promptas
Á noite faz contas,
De contas na mão.

Mas é bem que o tempo
N'algum passatempo
Se possa matar;
Por tanto, convida
Ao Santo, na Ermida,
Convida a jogar.

Trez setes é o jogo,
Que jogam; e logo
O Santo a perder...
São sortes! Desgraças!
Manuel das Graças,
Que lhe ha-de fazer?!

Do dia o dinheiro,
Que vem no mialheiro,
N'este jogo, assim,
Perde sempre o Santo;
E o parceiro, o manto
Tirando, por fim,

«Porque és vicioso,
«Se és tão desditoso,»
Chorando, lhe diz?
«Ah! Eu bem o sinto!
«Mas, meu São Jacintho,
«És muito infeliz.»

XXIX

Junto ao mar

(A minha filha Maria Lucia)

Olha o mar!... Que maravilha!...
Vê, repara, minha filha,
Já tens idade, já lês;
Podes lêr, que ahi bem perto,
Tens immenso livro aberto,
Aberto mesmo a teus pés,
N'esse mar, que varias plagas
Incessante vae banhar!
Oh! que segredos nas vagas!
Oh! Que mysterios no mar!

Não olhes como a mais gente
Insensivel, indiff'rente,
O livro da creação.

Olha, *vendo*, com criterio
Todo o pasmoso mysterio
Da natureza em acção...
E ha homens tão perdidos,
Que pedem provas aos Céus,
Quando seus proprios sentidos
Negam, negando a Deus?!!...

Ora, o mar alaga a praia,
Roça-te as orlas da saia
Mansamente, sem furor;
Ora, encrespa o dorso, irado,
E, dando medonho brado,
Na rocha rebenta em flôr;
Ora, par'cendo que a mira
Traz d'amor em terreo ser,
Beija os penedos, suspira
Anda na areia a gemer...

Ás vezes, como que dorme;
Repousa o gigante enorme;
Então, quedo e mudo está;
Arqueja de quando em quando,
E é só n'isso, respirando,
Que signal de vida dá.
Mas não te fies, que em breve
Acorda e faz-se leão,
Vindo, ao longe, uma aura leve
Que se transforma em tufão.

Mas vês, filha, como as ondas
Além nas pedras redondas,

Fervendo, como em crisol,
Fazem da espuma diamantes,
Que se espargem rutilantes
Aos vivos raios do sol.
E, ao longe, a vista se perde,
Para o norte e para o sul,
Em cristal de claro verde,
Ou cristal de claro azul.

E alli, do monte na falda,
Da derretida esmeralda
Surge a *nau* (*) negra de pez;
A *nau*, rocha carcomida,
Da constante eterna lida
D'essas aguas que tu vês...
Vão-n'a sulcando cada hora,
Dia a dia, vezes mil,
Bem fundo, como se fôra
Ponta de fino burril.

Estoura-lhe o mar na crista,
E tão frequente, que a vista
Cança o rábido cachão;
Em furia um corso, outro corso
A morde; baldado esforço
De seculos! Tudo em vão!

(*) No caminho da mina de carvão, junto a Buarcos, sáe das aguas, perto da estrada, um rochedo negro, que alguma similhança tem com um barco de quilha para cima, chamam-lhe a «nau»; e o mar o tem riscado meudamente, de modo que a espuma desce em fios de leite pelos riscos abaixo, produzindo um bello effeito á vista.

Tem funda raiz na terra,
Escusa cançar-se o mar;
Faça guerra sobre guerra
Que o não consegue arrancar.

Mas causa aos olhos deleite,
Quando em fios, como leite,
A espuma correndo vem
Da *nau* nas costas de ferro,
E o mar, tenaz em seu erro,
Não cansa nunca tambem!
Parece o luctar tyranno
Contra a Igreja e contra a Fé...
O erro persegue-a insano,
E a Igreja sempre de pé...

Vês, filha, como nas lettras
D'este livro, que soletras,
Se pode achar bom saber?...
Ás aguas pergunta agora
Quem as move a cada hora?
Que leis tem para as reger?
D'onde vem? Que são? Que influxo
Tem na terra o seu vae-vem?
E seu fluxo e seu refluxo
Que importa á lua tambem?

Pergunta, pergunta áquellas
Desgrenhadas ondas bellas
Quem assim as fez irar?
Porque vem, bramindo guerra,
Contra os penhascos da terra
Com furia eterna, sem par?

Foi vento?! Mas que é o vento?...
Olha, filha, é tudo assim;
Abysma-se o pesamento
N'estes segredos, sem fim!...

Ali, no penhasco, nota,
Maria, a leve gaivota
Tão airosa e senhoril!...
Lá vae agora voando...
E depois, como está brando,
Descança no vasto anil.
Pousa, e deixa-se ir levada
Pelas ondas, sem pavor,
Qual criancinha embalada
Por mãos do materno amor!

Quem nas aguas a segura?
Quem rede de malha dura
Na vista e bico lhe deu,
Com que pesca, filha minha,
Argentea, fugaz sardinha,
N'um mergulho?... Foi o Céu!
Mas, aqui mesmo defronte
Vejo luzir o pharol...
É que já n'este horisonte
Começa a sumir-se o sol...

Oh! soletra agora as côres
Das auri-purpureas flores
Que lhe brotam ao redor...
Que rouxo pó espalhado
No mar, no monte, no prado!
Que suave luz d'amor!

Precursora do luar!...
Do pôr do sol a luz bella,
Que nos convida a scismar
Quando desponta uma estrella

Eil-o, pois!... Nunca fulgira
Mais vivo n'esta saphira,
Que temos por tecto aqui!
Nunca a lua mais formosa
Appar'ceu; do Céu a rosa
Com luz mais pura não vi!
N'esse espelho reflectida
Seus raios mais reproduz,
E faz, das aguas na lida,
Muitas luzes d'uma luz!

Esquece-se aqui a gente!
E tudo agora é fulgente
Até sae fogo do mar!
Não vês, não vês a ardentía?...
Não vistes como corria
Nas ondas sem se apagar?
E na praia uma fogueira
De barqueiros se accendeu...
Luz nos barcos, d'agua á beira,
Luz no mar, na terra, e Céu!...

Mas vamos, vem, minha filha,
É tempo.—E que mais brilha
Em tudo que viste, ou vês?
Que mais te commove a mente?
Pensa, dize, lisamente,
Junta as letras d'uma vez.

Foi o mar com seus segredos?
É esta lua nos Céus?
Luzes da terra ou penedos?
Que foi ou que é? É Deus!

Deus! sim! É esse o brado
D'este quadro variado,
Aos olhos e ao coração!...
Que livro! Que livro em tudo!
Faze sempre n'elle estudo,
Aprende aqui a lição;
Decora as folhas diversas,
Que no seu livro Deus pôz,
Juntando as letras dispersas
Que gravou ahi p'ra nós!

Que espectaculo sublime!...
Nem mesmo os olhos do crime
Pódem vêl-o sem pasmar!...
Mas tu, anjo de innocencia,
Mais deves a Omnipotencia,
Vêr no Céu, na terra e mar!
Ah! Teu amor se consagre
Do que vês ao grande auctor!
E ante este eterno milagre,
Levanta as mãos ao Senhor!

XXX

No Mosteiro da Batalha

Do lusitano heroe victoria illustre,
O artista esculpiu na pedra dura;
Inda os povos do mundo o feito espanta,
Inda os olhos espanta a architectura!

XXXI

Para um tumulo

(O do meu amigo Diogo Barata de Lima e Tovar)

Vaidades esta pedra não pregôa,
Ouropeis sem valor;
A virtude procura melhor c'rôa
No seio do Senhor!
Embora ao soterrado um nome illustre
Désse o mundo tambem;
Foi-lhe sempre da gloria maior lustre,
O ser homem de bem!

XXXII

Ah! Pato!

Ah ! Pato ! Porque enxovalhas
As pennas alvas d'outr'ora ?
Porque prendes maravalhas
Na tua lyra canora ?
Antes fosses pato-mudo,
Se, no fim do teu estudo,
Teu bico se fez agudo,
Picando a gente christã !
E, para quê, Pato amigo ?
Para um nome de castigo
Ser *defensor de Renan!*

E depois, grasnando, em f'reza
Rasgas, c'o bico mordaz,
As vestes d'uma Princeza ! . . .
Por onde andaste, rapaz ! ?

Tu tinhas mais fidalguia,
Tu sabias cortezia;
Quem é que assim te estropia,
Meu Pato do coração?
Mas se cuidas que voaste,
Foi quando mais patinhaste,
Menos te ergueste do chão.

Nem penses que os gabos publicos
Do bom senso, no porvir,
Merecem uns taes republicos
Bravejando!... Farão rir.
Ai! Faze as pazes co'a Egreja!...
E tua mãe, que não veja
Do Céu, onde é bem que esteja,
Não veja o teu patinhar;
Faze as pazes com a C'rôa!...
Volta ás doçuras, entôa
O teu antigo cantar!

XXXIII

Historieta

Bocage, rei da harmonia,
Cuidou que podia tudo,
E poz-se a brincar um dia,
Por signal que foi no Entrudo.

Pega na lyra sonora
E n'uns *garfos* peregrinos,
Racha, emplasta, ata por fóra,
Enxertando alexandrinos.

Nas doces cordas *puxadas*,
Os *garfos*, se rebentaram,
Nem com mãos tão adestradas,
Nem ali mesmo pegaram !

Que do Parnazo o bom povo,
Ponha os olhos n'este espelho...
Não pense que faz cha novo,
Que faz sómente *cha velho.*

XXXIV

Saudades do claustro

Ai! Cella, minha cella do mosteiro!
Ninho de puro amor!
Onde a vida do Céu gosei primeiro,
Santa paz do Senhor!

Ai! Cella, minha cella! Antes festiva,
Não te verei eu mais!
Onde a vida vivi contemplativa,
Gosos celestiaes!

Nas azas da oração, doce e fervente,
Rompendo o terreo véu,
Subir, subir aos pés do Omnipotente...
São já gosos do Céu!

Ai! Cella, minha cella! Virgem d'antes,
Virgem de estranha luz,
Que luzes te darão, por mais radiantes,
Que valham as da Cruz?!

Que sons, por mais sonoros d'alegria,
Podem soar melhor,
Do que das preces d'alma a melodia,
Aura, que beija a flôr?!

Ai! Cella, pobre cella, enviuvaste
Das esposas de Deus!
Vaes ser, ó d'alvas perolas engaste,
Fundido por atheus!

E cae, perdida a perola, tristinha,
De baldão em baldão!
E era só minha a cella, muito minha,
Que a meu pae custou pão!

E emquanto atroz violencia folga e medra,
Calcando toda lei...
N'essas ruas, talvez, sobre uma pedra,
Faminta, morrerei!

Que outros espoliados, já foi visto,
Golpe das mesmas mãos,
Á mingua mortos, em affronta a Christo,
Frades!... Nossos irmãos!

Innocentes, entregam-nos as almas,
Sem conforto e sem luz,
Aos escarneos do mundo... e como palmas
D'esta innocencia... a Cruz!

Assim elles ao Mestre! E lhes perdôa,
Prégando sempre amor!
Pede bençãos ao Céu, fazendo c'rôa
Ao Pae, da propria dôr!

Onde ireis pousar hoje pombasinhas,
Se já não tendes lar?!
Oh! Livres, livres, dizem! Coitadinhas,
Se nem podeis voar!

No Deus, que nutre as plantas, confiamos,
Deus de nossos avós;
Nutre os vermes do chão, aves dos ramos,
Esp'remos tambem nós.

Não nos fallem, porém, de liberdade...
Beijamos o grilhão!
Quem liberta captivos de vontade,
Livres opprime então!

Coragem, pois, irmãs; com nosso Mestre,
Inda foi mais cruel.
Pagaram-lhe até mesmo o bem terrestre
Com espinhos e fel!

Ai! Despem-nos, irmãs? !... A Elle, outr'ora
Despiram-n'o tambem;
E jogaram-lhe as vestes!... Calla e ora
Dando por mal o bem!

Façamos nós o mesmo. É santo exemplo;
Mas deixem-nos gemer!
As saudades do claustro, e cella, e templo,
Crimes não podem ser.

Ai! Cella, minha cella do Mosteiro!
Ninho de puro amor!
Tu serás meu suspiro derradeiro!
Depois... paz do Senhor.

Oh! Recinto sagrado da clausura!
Que saudades!... Adeus!
Adeus, adeus p'ra sempre! Adeus ventura!
E... perdôe-lhes Deus!

Deus!... Talvez... se podér...! Ah! Eu lhe off'reço
O que padeço assim!
De salvação, Senhor, sejam-me preço
Estas dôres, por fim!

Saudades do meu ninho, como as sente
A andorinha, debil ser,
Quando a mão lh'o desfaz de crua gente,
Que se morre, a gemer!...

Ai! Que mais não vejo as lagens santas
Do dormitorio meu!
Nem mais da minha Egreja imagens tantas,
Onde era estar no Céu!

Nem mais as louzas das irmãs finadas
Meu pranto regará!
Ao menos, d'estas penas despenadas
Ao menos, livres lá!

Nem, horas doces de soidão querida,
Vos gosarei jámais,
Onde do rumor vario d'esta vida
Nem chegavam signaes!

E quem me ha-de volver a voz do sino,
Tão grata ao coração,
Que, em terno, meigo som, quasi divino
Me chamava á oração?

E o relogio dourado, ao pé da escada,
Que, ao subir e descer,
A cada passo meu, cada pancada
Me lembrava o morrer?!

E a reza em cummum, e penitencia
Sem nunca mais tornar?
Ó santo amor de Deus, santa innocencia,
Derribaram-te o altar!

Nem mais do côro grande, ó grande Christo,
Eu beijarei teus pés!
E pensar, ó meu Deus, que nada d'isto
Gosarei outra vez!...

Nem da cêrca as roseiras tão viçosas,
De viçosos botões,
D'onde á Virgem levava tantas rosas
Co'as minhas orações.

Nem minha diversão, pura e singella,
Contando cada vão,
Quando o luar as grades da janella
Estampava no chão!

As grades! Só terror de fracas almas,
Que julgam que o forjar
De ferros voluntarios castas palmas,
É feito singular!

E tudo, tudo, ó Deus! Não volta e passa!
Tudo, tudo, Senhor!
Que tempo! Que descrida, insana raça
Mandaste em teu rigor!

Mas inteira, Meu Deus, tua vontade
Seja cumprida emfim...
Muito embora o pungir d'atroz saudade
Triste, me mate a mim!...

XXXV

Sudorifero infallivel

No meu tempo, em Coimbra, para medico,
Estudava um rapaz,
Moço bem comportado, nada cábula,
E bastante sagaz.
N'um acto, perguntou-lhe um cathedratico,
Que espremel-o mais quiz:
«*Se em tal doença*... (e deu-lhe um nome hellenico
Dos que a gente maldiz,)
«*Quizesse ao seu doente, em abundancia*
«*Promover-lhe suor*,
«*Que remedio empregava, então, sollicito?*
«*Diga, faça favor?*

Corre o estudante a escala aos sudoriferos,
Apontando um a um,
E a todos diz-lhe o lente, com tom rispido,
Sem lhe agradar nenhum,
«*Mas se inda não suasse?*—Volve ironico
O rapaz singular:
«*Mando-o aqui fazer acto, pois de marmore*
«*Que seja, ha-de suar.*»

XXXVI

Um saloio em S. Carlos

Saloio, pimpão d'aldeia,
N'um comboio mais barato,
Chapéu novo, novo fato,
D'algodão tufada meia,
Foi fazer a sua estreia
De *S. Calros no treato.*

Era o *home* embascado,
De fóra d'uma torrinha,
Todo ouvidos, ao trinado
Da Dama, de pastorinha...
Eis que a caza abaixo vinha,
Da orchestra c'um grande brado!

Eram timbales, fagotes,
Rabecas e rabecões...
Nem Judas Iscariotes
Aguentava taes trovões:
São diabos aos pinotes,
Disse o tal c'os seus botões!

E como o ouvido lhe assola
A bulha, que é tal e tanta,
Estende o pescoço e a bola,
Gritando: «Virgem Santa!
«Eh! Rapazes da viola,
«Deixem cantar quem canta!»

XXXVII

Caso de deitar a perder

—Ai! Sempre trabalhos
Comnosco tem vez!
Levantam-se mesmo
Debaixo dos pés!

— Que foi ó marido?
— Que havia de ser?!
E não ha-de um homem
Deitar-se a perder?!

— Passava um enterro,
Eu chego e pergunto,
A um da irmandade,
Quem era o defunto;

— E vae senão quando
Responde o patife,
(Vê tu que resposta!)
«O que vem no esquife!»

XXXVIII

A Laura

Se eu fosse o mar, em que te banhas, Laura
Mal tu chegasses, amansava as ondas,
Indo de rastos, namorado, humilde,
Os teus pés beijar;
Se fosse o Céu, quando, n'essa hora, visse,
Teu corpo airoso mergulhado na agua,
Ardendo em zelos, choveria raios,
E seccava o mar!

XXXIX

A via ferrea

Que vem além, no horizonte?
Que rebentou d'esse monte
Em carreira tão veloz?
Parece enorme serpente,
Sibilante monstro ingente,
Raivoso, direito a nós!
Oh! Pavor estranho e summo!
Oh! Phantastica visão!
Da cabeça, sae-lhe fumo,
Da boca, acceso carvão!...

Transpõe tudo, o valle e a vargem!...
Se chega d'um rio á margem,
Logo o rio deixa atraz;
Alta montanha na frente,
D'um lado o vês, de repente
Do outro lado o verás;

Cazas, bosques, monumentos,
T'é, ao longe, o proprio mar,
Com rapidez de momentos,
Passam, somem-se no ar!

Faz lembrar, o mundo, a vida,
Como seta despedida,
Que parte direita ao fim:
Fumo, sonho d'um instante!
Aqui vae... logo distante...
Fugindo... fugindo assim...
E passa a locomotiva
Prados, arvores em flôr...
Como passa fugitiva,
Em nós a idade, o amor!

Como da campa na estancia,
Se vão amigos da infancia,
Ou do tempo juvenil,
Como os prazeres d'outr'ora
Se somem a cada hora,
No desengano senil!
E vamos, vamos, depressa,
Que nos apressa o carvão...
Já se anda forrando a eça...
Já se avista a estação!...

Á noite, quem vê de lado
Todo o monstro illuminado,
Palacio simelha então;
Palacio estranho, movente
Arrastando varia gente
De diversa condição;

E no palacio encantado,
Rindo, chorando se vae...
Até que o termo é chegado...
Pára a machina, dando um ai!

O monstro silvou, chegando,
E inda de quando em quando,
Como quem suspiros dá;
Talvez seja de cançado
Que esse forte, agudo brado,
Á chegada, solte lá!...
Que monstro é este? não dizem?
É do mundo, ou infernal,
Ou celeste a sua origem?
Que é isto? É bem ou mal?

Deve ser bem se não erro;
Chamam-lhe via de ferro,
Que pôz ás distancias fim;
É d'homem audaz processo
Por santa lei do progresso,
Que a mesma foi sempre assim.
Nem se cuide que isto é salto
Do tempo, nos fastos seus,
Pois vem só da lei do alto,
É sómente a mão de Deus!

XL

Na porta d'um cemiterio

Aos nobres, aos plebeus, ricos e pobres,
Surge, no mar da vida, este recife,
As rosas da illusão aqui lhes calca
Co'a planta assidua o conductor do esquife!

XLI

As catacumbas em Roma

Ó Roma subterranea! Mais pasmosa
Que essa, qne, sobre ti, vive em ruínas
De historico valor!
Ó necropole santa! augusto berço
Dos filhos do Calvario! Roma occulta,
Roma talvez maior!
Eis-me entranhado, emfim no labyrintho
De estreitos corredores, nos meandros
De estranha confusão,
Que no tupho talhou, sob os immensos
Plainos da outra Roma, com fé viva,
Do crente assidua mão!

Do crente, que no seio vae da terra,
Por vastas galerias, sempre em susto,
Quasi sem ar nem luz,
N'um milagre tenaz, entre os verdugos,
Que o perseguem sem treguas noite e dia,
Acoutar-se co'a Cruz!
Eis-me nas Catacumbas!... Pelas trevas,
Succedendo-se túmidas, om ondas
De negro, horrido mar,
Vem, nas dedáleas voltas, tenue facho,
Aqui, além, dos guias indiff'rentes,
A escuridão mostrar.
Lá por cima susurra enxameando
A turba ignara c'os ignaros proceres
Calcando-te em desdem!
E tu des-te-lhe amor e liberdade...
T'é aos proprios palacios da opulencia
Déste as pedras tambem!
Oh! D'aqui, foi d'aqui, dentre estas sombras,
Caliginosas, humidas e frias,
D'este mar sem pharol,
Que do mundo na noite, em luz divina
De cristalinos raios, fulgurantes,
Se levantára o sol!
E, atravéz do negrume, inda hoje mesmo
Apôz dezoito seculos, *do Dia*
O reflexo tereis...
Foi n'este escuso templo, que viu Christo,
Nos ardores da Fé embevecidos,
Seus primeiros fieis!

Aqui Papas e Bispos e mil crentes
Da santa Religião santos mysterios,
Com primitiva fé,
Unidos celebrando, conservaram
Á terra insana a perseguida Igreja,
Velada, mas de pé!
Ó recinto sagrado, pasmo e gloria
Da christandade toda! Resumias
N'estas cavernas só,
Dos vivos e dos mortos a cidade;
Eras templo e altar a uns, na lida;
A outros, leito ao pó!...
Mas que silencio infindo n'estes antros!...
Nem leve som se escuta... mal percebo
Meus passos sem rumor!
Debalde applico o ouvido a toda a parte,
De toda a parte vem silencio sempre!
Que frigido pavor!...
Percorro então, sem guia, longo espaço,
A um lado e outro os passos dirigindo
Em viva agitação...
Não atinava onde era, que de vista
Perdêra os fachos e sentia apenas
Bater-me o coração...
Oh! Momentos d'angustia!... Era perdido
Na inextrincavel selva de caminhos
De incessante cruzar,
Sem que nenhum me leve, tateando
Á salvadora luz!... E só de trevas
Mudo, quieto mar!

Se eu vivo, d'entre os vivos, sou riscado...
E n'esta noite eterna passo os dias
Pelo dia a gemer!...
E patria, esposa, filhos!?... Já sem forças
De sentir e pensar, sentei-me exhausto,
Implorando o morrer!...
Só vendo trevas só silencio ouvindo,
Era em meio da vida a fria morte,
E mais cruel, talvez...
Ó Deus, piedoso Deus! Disse em minha alma,
Não me mates assim... o dia, a vida...
Ó Deus, inda outra vez!...
Eis que subito vem àquelle abysmo
De silencio profundo um triste canto,
Do homem cantando o fim...
Ora, as vozes, de frouxas, se perdiam
No concavo do antro, ora, distinctas
Eram ao pé de mim!...
Nunca vozes, mais ledas me par'ceram,
Nunca tom melancolico em meu peito
Mais doce reteniu!...
Traz das vozes me fui... eram bons monges
Em pio psalmear, na crypta augusta
Onde a Cruz refloriu!...

E a alma tambem reflorida
Senti, na esp'rança da vida,
Que o canto me trouxe á luz;
Orei dos santos nas tumbas,
E saí das catacumbas
Por novo favor da Cruz!

XLII

Modo de tomar remedios

Um doutor a certa dama,
Que era em remedios fallada,
Receitou, por mal de cama,
Uma escura garrafada.

— Tome um copo d'hora a hora,
Diz elle; eis que ella entra em ancia...
Entra aos ais... — «Minha senhora,
«Infundada repugnancia!

«No primeiro copo, é justa;
«Depois, vae-se bem ao fundo...
— Respiro; já não me assusta;
Começo pelo segundo.

XLIII

Sinigaglia

Vens de Roma, a grande, a bella,
Vens de Roma, a eterna flôr,
De Roma, do mundo estrella,
De Roma, que diz — *amor?* (*)
Admiraste-lhe as ruinas,
As mil obras peregrinas,
Em pedra e telas divinas,
Fascinando os olhos teus?
Deu-te sombra o grande *Cedro*,
Viste lá, fallas-te a PEDRO,
Foi quasi visão dos Céus,
Foi quasi fallar com Deus?

(*) E sabido o antigo anagramma de Roma — «amor»

Bem sei. — Mas entra na pobre
Sinigaglia... tem brazão,
Que a vista crente descobre,
E que falla ao coração.
Viste o heroe deslumbrante,
D'este seculo o gigante,
Na rocha de diamante,
Co'a fronte banhada em luz?
Viste-o firme, desthronado,
De louro eterno c'roado,
Dos labios correr-lhe a flux
O mel, encostado á Cruz?!...

Vê seu berço, viandante...
Aqui, descido do Céu,
Aqui, em tempo distante,
Foi aqui, que *Elle* nasceu!
Olha esta caza singella...
Foi aqui! Mas corre áquella,
Que, d'além, não longe d'ella,
Te brada, em voz singular,
Do intimo ouvir bem acceite,
«*Minha mãe deu-lhe aqui leite*»
Diz a inscripção lapidar,
Que o filho mandou gravar.

Oh!... Contempla, peregrino!...
Ao passado a vista dá...
Contempla aqui o menino
Que, hoje velho, viste lá!...

Quem, então, ao peito da ama,
Suspeitára aquella chamma,
Que tanto clarão derrama
Nas trevas da terra, assim ?!
Quem suspeitára que, ao erro,
Inflexivel, como o ferro,
O tão fragil cherubim,
Havia surgir por fim ?!

Que sorrisos não daria
Á boa *Marianna*, então ?!
Que socegada alegria !
Que tranquillo coração !
Quem diria que essas flôres,
Que do riso esses fulgores,
Se trocassem n'estas dôres,
Que, hoje, o pungem lá sem dó ?!
E que o fraco infante, outr'ora,
Novo *Hercules*, agora,
Faria morder o pó
A tantos... e *Elle* só ?!

Hercules, vem-lhe do sangue,
Dil-o outra pedra tambem,
Porém tal, que deixa exangue
Todo inimigo...! Ninguem,
Oh! Ninguem, então, no infante,
Em prantos a cada instante,
E nos passos vacillante,
Ninguem *Hercules* prevê!...

Mas por esforço o não tomem,
A força não vem do homem,
A força vem-lhe da Fé;
PEDRO, *pedra* sempre em pé!

Aquella pedra é eterna.
Debalde se agita o mar...
É luz de luz sempiterna,
Perpetuamente a brilhar.
Venha do sul, ou do norte,
Por mais violento e mais forte,
O tufão, que não traz morte,
No seu baldado rancor!...
Do passado é esta a historia,
No porvir, a mesma gloria,
Do inferno contra o lavor;
Assegurou-lh'a o Senhor!

Mas olha como ao menino
A Providencia escreveu,
Desde o berço, seu destino
Em claras letras do Céu!...
É do *Monte de Piedade*,
Que, então, sae quem depois ha-de
Ter o nome e qualidade
De Pio — Pio immortal!
Olha a Virgem Dolorosa,
Como espinhos d'esta rosa
N'essa lapide *mural!*...
Oh! Prophecia fatal!

Faze aqui, viandante, estudo;
Pedras, cazas, livros são;
Parece que falla tudo,
Tudo parece lição!
Na caza, mal se entra a porta
Logo luz, que nunca é morta
Ante a Virgem, nos conforta
Dizendo — *educado aqui!*
Na pedra, a Virgem das Dôres...
Sempre a Virgem, seus amores
E a Virgem, Pio, *por ti*,
Á *gloria dada*, sorri!...

Já vês, pois, que, em fino aroma
De suavidade christã,
Sinigaglia vence Roma
Agora... *meia* pagã!
Agora... triste cidade!
Em nome da liberdade,
Encarcerada a verdade!...
Até quando, ó Deus, será?...
Não temos passadas glorias,
Mas, siquer, estas memorias
D'aquelle, que opprimem lá,
Por brazão as temos cá!

XLIV

Ergo... rosas!

— Já viste os versos da moda?
Confessa que é racional
Vêr só n'elles letra grande
Depois de ponto final.

— De certo. Mas pede a logica,
Pois que a harmonia lá está,
Poupar papel nos chouriços,
E tudo a eito pôr lá.

Porque umas depois das outras
As regrinhas hão-de ser?
Porque ha-de ficar na folha
Tanto papel por encher?

XLV

Berlioz

Do velho mosteiro, na Igreja, entre os lumes,
Que fulgem, co'as rosas do candido altar,
Em rôlos de fumo, do incenso os perfumes,
Louvores da terra aos Céus vão levar!

É festa; e de festa repicam os sinos;
O orgão retumba com sons festivaes...
Eis chegam... eis entram, de gala, os meninos,
Que foram eleitos dos anjos rivaes!...

Á meza se acercam da sacra Eucharistia...
O acto começa... do Padre na mão,
Aos sons ineffaveis, de doce harmonia,
Apparece... (ajoelhemos) das almas o Pão!

Que scena sublime! Que vista! Que encanto!
Que vozes das monjas! E aos jovens, em flôr,
Por entre os aromas, e luzes, e canto,
Jesus vir do alto, nas azas do amor!...

Um d'elles, mais feito dos crentes ás palmas,
Talvez mais tocado da chamma christã,
Talvez deslumbrado no enlevo das almas,
Co'as vozes das monjas; co'a voz d'uma irmã; (*)

C'os sons saudosos do orgão canoro;
C'o altar scintilante; então lhe par'ceu
Que via, que ouvia dos anjos o côro,
Aos seus pobres olhos abrindo-se o Céu!...

E esse quem era? Que moço inspirado,
Que assim se arrebata no encanto da voz?
É elle!... E que logo em si e sente o brado
Que á musica o chama... *Heitor Berlioz!*

Foi lá... foi de Christo, no templo, no imperio,
Que o genio acordara; foi junto do altar;
D'amor foram vozes, d'amor ao mysterio (**)
Que o fogo sagrado, lhe vem revelar!...

Religião Santa! Que, fertil, repartes
Aos homens, no mundo, teus mysticos dons!
És sombra fecunda d'artistas e artes,
Nas côres, nos versos, na pedra, nos sons!

(*) A irmã de Berlioz, educanda no convento das freiras, onde elle fez sua primeira communhão, e se passou o caso a que se referem estes versos.
(**) O que se estava cantando era um hymno á Eucharistia.

Ah! Foi de tua força tão viva; tamanha,
Que *Heitor* se formára; foi força do Céu,
Que esse astro accendêra, que enflora a Alemanha,
Que o mundo extasia na voz de Romeo! (*)

(*) Berlioz é o auctor de — «Romeo e Julieta.»

XLVI

Doidinha!

Doidinha! Vês? .. É bem feito!
Nem borboleta nem flôr
Te hão-de escapar? Sentes dôr?
Dize, doe-te?... Com effeito!...
Já inda agora no peito
Déste além... deixa cá vêr...
Se andas sempre a correr!
Valha-me Deus, buliçosa!
Que te importava essa rosa?
Picou-te a mão?... Que ha-de ser
Se mexe em tudo! É bem feito
Mas não chores, deixa ver...
Doe-te muito? Com effeito!
Não se póde! Não tem geito!

E fez-te sangue na mão?...
Coitadinha! Vem sentar-te
Junto a mim ali no chão,
Vem, que a dôr ha-de passar-te...
Ai! Lá deitou a correr
Que viu flôr ou borboleta...
E partiu como uma seta,
Nem já sente a dôr na mão!...
Que idade tão venturosa!
Oh! Deus te veja crescer,
E não tenhas, como a rosa,
N'outro tempo, espinhos, não;
Nem da leve mariposa
O voar de flôr em flôr.
Quem, então, corre e no peito
Dá tambem, é outra a dôr,
Outro chorar, outro effeito;
Como os espinhos da rosa,
Que entram, deixando a mão,
Co'a picada dolorosa
No fundo do coração!

XLVII

Miscellanea

(Carta a um amigo)

Pois que nós estamos longe
Um do outro, amigo, a ti,
Meus pensamentos de monge
N'esta carta lanço aqui;
Conversemos; vou fallar-te
Em verso, despido d'arte.

Vou dizer-te o que eu cá digo
N'estes sitios a scismar,
Quando sósinho commigo
Me entretenho a conversar,
Olhando os ceruleos montes,
Da aldeia nos horisontes.

Entra tudo na conversa,
Tudo, sem tom nem som ;
Materia vasta e diversa,
Seja mau ou seja bom.
E, n'esta, agora comtigo,
Permitte, que o mesmo sigo.

Com que então a mão da Russia
Deu piparote em Berlim?
E Bismark e toda a sucia
Desesp'raram? Pois a mim,
Cá isto a mim não me aquenta,
Nem tão pouco me arrefenta.

O que eu só vejo bem claro,
Na Europa, só vejo a acção
Dos *tres pontinhos*, meu caro,
Armados em empurrão,
Que cada vez mais negreja,
Á de Christo Santa Egreja.

Mas tambem o que sabemos,
Todos que pensam como eu,
É que em vão as mãos dos Demos
Empurram obra do Céu!
É debalde a crua guerra,
A Egreja não vem a terra.

Muito embora as bismarkinas
Ferreas forças de maçõ̃es
Se empenhem ; contra as divinas
Palavras, não ha Samsões ;

Contra a Egreja, disse o Eterno,
Não prevalece o Inferno.

Assim tambem contra a morte,
Em soando a hora no Céu,
Ninguem lhe sustém o córte!...
Inda hoje o Forjaz morreu;
Aquelle Forjaz sezudo
Do nosso tempo do estudo.

E que contraste! Aqui, festa
Hoje era tambem ; e vi
Além, tristeza funesta,
Risos e danças aqui!...
Assim nos corre tecida
A teia da nossa vida!

E como a vida ligeira
Vae fugindo! e tanto afan,
Em todos tanta canceira
Atraz d'uma sombra vã!
Atraz d'um rir com mil dôres,
D'espinhos com raras flôres!

Ai! Quasi ninguem encara
A vida pelo que é,
Matando a sêde na clara
Corrente pura da Fé,
Tendo a terra por passagem,
Tendo a vida por viagem!

Nem sequer muitos bem usam
Da rasão, que têem de Deus,
Antes, coitados! abusam
Contra a terra e contra os Céus!
Tenho aqui a prova certa
Em cada gazeta aberta.

Ora, vejo um certo *Pato*,
Vestido de rosicler,
Com remendos pelo fato
D'uns cueiros de Voltaire,
A tomar a liberdade
De nos cuspir impiedade!

Ou, com modos de *vasconço*,
Que em pequeno nem viu chá,
Babar com doesto insonço
Uma Princeza! Não ha,
Não ha miseria mais tola
Que a borbulha feita empôla!

Ora, vejo uns pateótas
Esganiçados gritar
Contra a *secca*, e—patriotas,—
Erguerem as mãos no ar,
Reunidos em conselho,
P'ra matar Pinto Coelho.

Porque, dizem, tem fechadas
As chuvas no seu bahú,
E que hão-de ser libertadas,
Ou leval-o Belzebuth,

Que é culpada d'estas fragoas
A Companhia das aguas!

Tambem vejo em castilhano
A calumnia erguer a voz
Contra o carlista *inhumano*!
E a quem o dizem, a nós!?
A nós, victimas da manha,
Dos seus contrarios d'Hispanha!

E ao pé da porta, reparo
Na moda d'hoje, que faz
Irem senhoras, meu caro,
Tomar banho, de rapaz;
Levam só — parece pêta, —
Levam calças e jaqueta!

E algumas, que figuronas
De rotundas proporções!
Se irão ali, em taes monas,
Disfarçados maganões?!
Não ha coisa mais impropria,
Mas coisa do tempo propria!

D'este tempo liberdeiro,
Sem vergonha, sem pudor,
Que ao homem, por mais grosseiro,
Ao rosto lhe sobe a côr,
Quando inda, por seu peccado,
Não é de todo estragado.

Se o Garrett inda existisse...
(Não te lembras do *Arco*, tu?)
Diria que esta ratice
Era das Damas do U!...
Mas pois que é já enterrado,
Eu lhes faço o baptisado.

Apparecem-me brilhantes
Em prosa e verso — meu Deus! —
Uns litt'ratos mudos d'antes,
Que hoje fallam terra e Céus,
E nos quaes nada faz móssa;
São sabios de pôlpa *grossa*.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Ás vezes, ouve-se o ecco
Dos berros que elles lá dão,
E a bulha do murro sêcco
Na meza da discussão;
Mas que importa, se da sova
Brota sempre idéa nova?!

Politica funda e *di capo*
Lhes sae da mente em trovões,
Em tudo fallam de papo,
Levam tudo aos encontrões;

E o mundo jaz mudo e quedo,
Penedo contra penedo.

Ha, n'estes, uns mais serenos,
Pulchros, guapos, de primor,
Que não acreditam menos
Em si proprios, tenra flôr
Dos Cupidos presumídos,
Em letras de mão mui lidos.

Affectam uns certos modos
Mais suaves, — casca só ;
Por fim de contas, são todos
Saídos do mesmo pó ;
E em tudo mettem o dente,
Com espanto da mais gente.

Deus nos livre que em capitulo
Um dia possam votar!
Com presumpções por seu titulo,
Vae tudo — pernas ao ar...!
Deixal-os ; longe da feira,
Lhes veremos a carreira.

E com isto, ponho ponto
N'esta missiva de truz,
E, na escripta pouco prompto,
Assignarei só de ✠,
Tambem não dato, que é moda
Velha já, e de outra roda.

XLVIII

Via celeste

(Ás irmãs de caridade, franciscanas)

Pois que é seculo de luzes,
E tudo corre veloz
Vem minha irmã, não te escuses,
A caminho, tambem nós...
Chove progresso no mundo!
Hoje o saber é profundo!
Não sentes esse rumor?
Não vês essa lida activa?
Lá passa a locomotiva,
Lá vae o mundo a vapor!

Pois tambem nós, pobresinhas,
Tambem teremos saber,
Tambem nossas viasinhas
Onde saibamos correr...
Elles, passam, como o vento,
Com olhos é pensamento

Na terra, que Deus lhes deu;
Nós, já melhor inspiradas,
Vista e alma levantadas,
Á nossa origem, ao Céu!

Vamos, pois, que já contemplo
D'aqui a nossa *Estação;*
Entremos, irmã, no Templo...
Eis o bilhete — *Oração...*
Agora, antes da partida,
O *bufete* nos convida
Com variedade sem par...
Basta-nos pão e agua pura,
Faz viagem mais segura
Quem menos se regalar.

Eis o signal... toca o sino...
Vamos, vamos, todos vão...
Entremos no *amor divino...*
Lê na porta — *privação!*
Oh! como iremos seguras,
E depressa! Que venturas,
Ao cabo da linha, além!
Que linda locomotiva!
Basta-lhe o nome — *Fé viva!*
Que força! Que força tem!

Tenhamos nós a sciencia
De inda augmentar-lhe o calor,
Junte-mos-lhe a penitencia,
A caridade, o amor.

Tu verás que sem paragem,
Sem estorvos na viagem,
Correndo, voando, assim,
Alegres e satisfeitas,
Iremos sempre direitas,
Sempre direitas ao fim!

E eil-o... que já se avista!...
Vê, repara, minha irmã...
D'aquella nuvem na crista
Lá vem raiando a manhã!...
Oh! Força á machina, agora,
Não nos escapem n'esta hora,
Não nos escapem os Céus...
Ai! Não...! Não...! Que o sol já brilha,
Que assombro! Que maravilha!...
Emfim chegámos, meu Deus!!

XLIX

O esculptor e o Papa

Eil-o, pois, que empunha seu escopro divino,
Pobre, illustre *Melli*, romano esculptor!...
N'um cepo de marmor', d'alvor peregrino,
Com Christo na mente, começa o lavor...

Pouco a pouco, á pedra, que fôra tamanha,
Debastada, arranca seu mystico véu;
C'o braço do genio, de lá desentranha
Jesus, na columna, c'os olhos no Céu!...

Oh! Arte pasmosa, que á pedra dás vida!
Que accendes no marmor' a luz da paixão!
Oh! Magico FIAT... Vão vêl-o na lida...
Vão vêl-o, vão vel-o de escopro na mão!-

Humana figura lhe surge entre os dedos...
E fende-lhe a boca... respira, bem vês...
E cava-lhe os olhos... e sopra segredos
Da dôr, sobre as faces... espalma-lhe os pés...

Na fronte inclinada, lhe ondêa os cabellos,
Que quasi se agitam, entregues ao ar,
E vindo flexiveis, sedosos e bellos,
Nos hombros despidos, suaves, pousar!

Já sente... já soffre... nos tratos accorda...
Já tudo se espanta... geme a terra, e só
O escopro, inflexivel, retorce-lhe a corda,
Nos pulsos, no collo, lh'a aperta, sem dó!

Ha pouco, era um homem; agora que o fogo,
Nas mãos do bom *Melli*, baixára dos Céus,
Aos toques mimosos do amor, mudou logo;
O homem, d'ha pouco, mudou-se n'um Deus!...

O sol, recordádo da angustia d'outr'ora,
Vacilla, esmorece, com pallida luz,
Da estatua enganado, temeu, qual na hora,
Na hora tremenda do drama da Cruz!

Mas ai!... Mas que importa, poeta sublime,
Do escopro o milagre, se crias em vão?
Não sabes, acaso, que a crença hoje é crime,
Que um genio de crenças não tem hoje pão?

Ai! Onde os Monarchas, Egrejas, Mosteiros,
Que á estatua d'um Christo, nos lances da dôr,
Da Fé e das artes, no culto, os primeiros,
Sollícitos venham dar preço e valor?

E, triste, contempla a estatua, qual rosa,
Que, inutil, n'um êrmo, recende sem par...
Oh! Roma, foi Roma, rainha piedosa...
Se a Egreja é captiva, que tens que buscar?

Artista, vens tarde! Não tens, não descobres
Quem preze tua obra, quem olhe por ti...
Além, são os crentes; mas esses são pobres...
Ricos mas descrentes, são estes aqui!...

Por isso, de mingoa bem triste, suspiras,
Olhando o teu Christo, que é surdo ao teu ai...
Quebradas, dispersas, bem vês, são as lyras,
Que tinham nas cordas os sons do Sinay!...

Debalde, na imagem do amor e da esp'rança,
Cançado, na lucta, de sombras, só vêr,
Debalde essa vista, debalde descança;
Que logo a escurece teu duro viver!...

E ambas se argúem, na dôr sem conforto,
As duas estatuas, sósinhas assim....
Uma, porque vira, de novo, o seu Horto,
Outra, porque espera, já breve, o seu fim!...

Debalde?!... Que dizes?... Maldito o que seja
Descrido n'esta hora, n'esta hora sem Fé!....
Captiva, mas vive, na dôr vive a Egreja,
Tu vês o Captivo e a Cruz inda em pé!...

Vae lá Miguel Anjo! Vae prostra-te ao Solio...
Foi sempre, bem sabes, e ainda hoje será
Da luz e das artes melhor Capitolio
Que todos da terra... Não tens outro cá!

Já parte... lá entra... dirige-se ao Cedro,
Em torno açoutado das vagas do mar...
Mal sabe do caso, levanta-se Pedro,
Levanta-lhe o animo, ensina-lhe a esp'rar!..

Do pão que recebe, de esmola, Coitado!
Ao novo Canova dá largo quinhão...
Que bençãos do artista! Cá chega o seu brado,
Nas azas do vento, que diz — gratidão!

E o mundo, mais grato, de Pedro proclama,
Da Egreja, constante, perpetuo fulgor,
É Cedro, que mesmo despido da rama,
Ás artes dá sombra, dá vida e amor!

L

O remorso

Peccatum meum contra me est semper.
(Miserere).

Era n'um cêrro escalvado,
Que só mato e pedras tem...
Vi-o vir, de cão ao lado,
Vinha caçar, descuidado...
Eu, espreitava-o, d'além...
E devia estar medonho!...
Em furia, e rosto risonho,
Porque via emfim, o sonho
De meus ciumes chegar!...
Risonho, talvez, o aspeito,
Mas tinha dentro do peito,
Bramindo, revolto mar!...

Havia um bosque ali perto,
Entrou n'elle o caçador;
Eu, pelos ramos coberto,
De longe, com passo incerto,
Fui traz d'elle, e o meu rancor...

Eis que se abre uma clareira,
N'ella, uma cova, e, certeira,
Trazia o cão a carreira,
Um coelho a perseguir...
Ambos na cova se somem,
Segue-os, depois, o homem,
Gritando: *ávante, Èmir!*

O sol ia quasi posto;
Quasi escura a cova então;
Tudo era ao effeito disposto;
Elle curvo, e com o rosto
Para o fundo;... pizo o chão,
Sem me sentir, que é molhado
D'este inverno, e posso ao lado,
D'elle acercar-me, e lhe brado:
Vingança! Vingança, emfim!
E, ao mesmo tempo lhe enterro
Na garganta agudo ferro....
Caiu... olhando p'ra mim!...

Opprimido c'o meu feito,
Faltava-me, ali, o ar;
Sentia brazas no peito
Sentia o primeiro effeito
Do crime...! Fui respirar...
Saí fóra, á roda olhando,
A escutar de quando em quando...
Depois disse, em tom mui brando:

Ninguem! Não! Respiro, ó Céus!
Oh! Ninguem a vista alcança!
Ninguem viu minha vingança!...
Ninguem viu...?! Ai! Viu-me Deus!

Viu-me Deus!... E eu vejo escripto,
Com tintas de negra côr,
Por toda a parte o delicto!..
Cada som traz-me este grito,
Aos ouvidos: *matador!*
Se fecho os olhos ao dia,
Vejo o bosque, a penedia,
E *elle*, então na terra fria,
Cair... depois espirar!
Vejo sempre, em todo o mundo,
Vejo o olhar do moribundo...
Sempre, sempre aquelle olhar!

Vejo, em tudo, cruamente,
O peccado contra mim!...
Olhe... escute... ou só na mente...
Surge sempre, de repente,
Esta amargura sem fim...
Este espinho... e, afflicto, absorto,
Sempre a figura do morto,
Que, expirando sem conforto,
Em mim crava a vista, então,
E, com golpe, mais profundo
Que o meu punhal, chega ao fundo
De meu triste coração!

E deixa a ponta na f'rida
Perpetuamente a doer!...
Deixou-me assim n'esta lida
Cruel, amarga, pungida...
Mudado todo o meu ser!...
Eil-o... Ai! Eil-o se levanta...
Eil-o a apontar-me a garganta...
Eil-o... implacavel que espanta...
Eil-o aqui... ninguem o vê,
Senão eu... que, ao longe, ao perto,
Quer dormindo, quer desperto,
Vejo o cadaver em pé!...

Em pé?!... Ás vezes no prado,
Pallido, hirto, sem voz,
Sobre um tronco, ali tombado,
Vem assentar-se, ao meu lado,
Medonho, horrivel, feroz!...
Ou, do escarneo na fereza,
Insulto da natureza,
Vem comigo pôr-se á meza,
E metter no prato a mão;
Ou como a dormir se ageita,
Na mesma cama se deita,
Em crua, eterna visão!

E eu, que, d'antes, cuidava
Que a vingança era prazer!
Ai! Quem se vinga só cava
Este vulcão, que, na lava,
Me queima o triste viver!...

Este inferno já na terra,
Esta dura, estranha guerra
Em mim mesmo, que me afferra,
Dia e noite, em seu terror,
Negro terror, infinito,
Da consciencia no grito,
Do crime eterno clamor!...

Onde irei sem ir comigo
O pezo da culpa assim?...
Leva-me, ó vento, comtigo
Que em parte alguma comsigo
Fugir d'ella, estar sem mim!...
Irei fallar aos rochedos?
Insensiveis, mudos, quedos,
Irei contar-lhe os segredos
Da minha vida cruel?...
Ó Deus, esta dôr me acalma!
Ó Senhor, tira-ma da alma
A amargura d'este fel!...

Só em ti, Deus de bondade
Só em ti, eu posso pôr
Confiança! Tem piedade!...
Pois cá no mundo quem ha-de
Ter piedade d'esta dôr?!...
Ter de meu mal clemencia?
Dar-me, siquer, paciencia?
Socegar-me a consciencia?

N'estas trevas fazer luz?
Só tu!... E tarde não seja!...
Vou, na paz da tua Egreja,
Vou lançar-me aos pés da Cruz!!...

LI

Raio de luz

(Imitação)

Quando escura manhã fria,
Ás vezes, nos traz um dia
Coberto de negro véu;
Quando as nuvens em cortina
Toldam a vasta campina,
Toda a campina do Céu;

A terra, o homem, o bruto,
Tudo parece de luto,
Em tristeza é tudo então;
A mesma arvore virente
Parece que tristemente
Inclina as franças ao chão!

Mas se contra o espesso manto,
Consegue, por algum canto,
Um raio de sol romper,
O bruto, o homem, a terra,
Tudo a tristeza desterra,
Tudo alcança um novo ser.

Até as ervas do prado,
De florinhas estrellado,
Mais lustro, mais viço tem,
E da arvore pendida,
Ao raio de luz, que é vida,
Levanta-se a fronte, além!

Avezinhas, mudas d'antes,
Desatinam em descantes
D'harmonia enchendo o ar;
A tutinegra, que eu amo,
Lá anda de ramo em ramo
Nas balsas a gorgear!

Assim tambem, se nas fragoas
D'esta vida, se nas magoas
Por entre as nuvens da dôr,
Desponta n'alma, em desmaio
Da Graça um fulgido raio,
Luz da Graça do Senhor...

Oh! toda a amargura d'alma
Se transforma em verde palma,

Doura-se o escuro porvir;
A dôr, c'o pungente effeito,
Sente-se logo do peito
Espavorida fugir!...

D'esta luz, no doce encanto
Secca nos olhos o pranto,
E se correr inda lá,
Se inda banhar nosso rosto,
O pranto será de gosto,
Só d'amor, então será!

Porque a alma, então jubilosa,
Desabrocha em viva rosa,
Que tem perfumes dos Céus,
E segura em seu destino,
Eleva da terra um hymno
Rebenta n'um hymno a Deus!

LII

O cura d'aldeia

Era d'outono uma tarde,
Como ha só em Portugal;
Quando em calma se não arde
Nem de frio inda ha signal;
O ar, d'azul transparente
É cristalino sem véu;
E até parece que ao Céu
Se prende a vista da gente.

Fui-me então por montes fóra
Da linda tarde gosar;
E n'um serro, que demora
Já distante do meu lar,

Encontro um velho sentado...
Era o Padre Belchior.
Ia-se o sol quasi a pôr,
Mas eu sentei-me ao seu lado.

Da oliveira os bastos ramos
Faziam-nos tecto ali;
Como amigos conversámos,
E a conversa conto aqui;
Eu sabia-lhe a valia,
A intelligencia, a lição,
Do espirito a elevação,
Pois d'ha muito, o conhecia.

Na proxima aldeia Cura,
Vivia um pobre viver
Em pobre casinha obscura,
Occupado em bem fazer.
E disse-lhe—«Padre, lamento
«Não ser eu Bispo, uma vez;
«Não era em Cura montez;
«Que enterrava o seu talento!

Pois diga-me, sem disfarce,
E sem modestia tambem,
Como póde assim privar-se
Dos soccorros, e do bem,

Das idéas e progresso,
E da sociedade, emfim,
Morto em vida aqui assim,
Diga, diga-me, eu lhe peço?!

Pôz á banda o Breviario,
Meio aberto, inda na mão,
E, apontando-me um Calvario,
De pé, respondeu-me então:
«Das cidades essa lida,
«Que eu bem sei que vae por lá,
«Não me importa a mim por cá,
«Tenho d'além melhor vida!»

«Que me importa esse ruído
«Se errado caminho traz?
«Por ignorado, é perdido
«O trabalho em santa paz?!
«Idéas, progresso, mundo!...
«O tracto não me seduz
«Vem-me d'ali melhor luz,
«Vem-me saber mais profundo.

«Além d'isto, é vão seu brado;
«Homens, coisas, e pensar,
«Tudo na terra é mudado,
«Mudou tudo estranho mar;

«Luxo, prazeres d'outr'ora
«Só d'opulentos, então,
«São de toda a condição
«Necessidades agora.

«Junta a vaidade co'a inveja
«Brotam viçosas do chão,
«E por isso não viceja
«A semente do bom grão;
«De egoistas o evangelho:
«*Cada qual seja por si;*
«De todos agora ahi
«É já crença e bom conselho!

«Se ás aldeias mais remotas
«Inda o flagello não veiu,
«Um dia, ás brenhas ignotas
«Chegará; mas o receio
«De o vêr, é que eu não sinto,
«Que hei-de cá ter, então, só
«O meu corpo em cinza e pó,
«Já dos mortos no recinto.

«Hoje inda, em nossas campinas,
«Quer o marido á mulher,
«Aos filhos, ás leis divinas,
«Que lhe impõe esse dever;

«Se fordes a algum mercado,
«Talvez n'elle encontrareis
«Quem de mais uns cinco réis
«Leve no preço do gado;

«Mas não vos inveja nada
«O nosso bom camponez;
«Nem rebanho, nem manada;
«E ao que é seu, quer-lhe de vez;
«Com o que tem satisfeito,
«Franco, justo, folgasão,
«Vê-se o liso coração
«Atravez do largo peito.

«Crer que ha Deus, e Sant'Antonio,
«Tem por favor singular;
«E crê tambem que ha demonio,
«Nem sabe o que é duvidar!
«Lá nas cidades, amigo,
«Anda hoje perdida a fé,
«Em nada por lá se crê;
«Muito joio e pouco trigo!

«C'os ignorantes me quero,
«Que esta ignorancia é melhor
«Do que hoje o saber, que é fero
«Contra a Egreja do Senhor.

«Sou feliz entre esta gente,
«Socegado vivo assim,
«E lá no mundo, de mim
«Se ririam cruamente.»

Desceu a noite entretanto
O Cura partiu veloz...
Um pastor, com doce canto,
No caminho o segue apoz...
E de cima d'um penedo,
Ao frouxo clarão dos Céus,
Vi aquelle homem de Deus
Sumir-se atraz do arvoredo...!

LIII

Meditação

Grande Deus! Ó Senhor! Quando medito
Que tudo pódes, meu Deus!...
Que criaste o finito e infinito!
Que criaste a terra e Céus!
Que a um leve aceno teu o mundo nuta,
Braveja ou serena o mar!
Que o proprio raio, em temerosa lucta,
Se apaga n'um Teu olhar!...
Quando contemplo *tudo* em *nada* immerso,
E surgindo á Tua voz,
Ao Teu FIAT pod'roso, este Universo,
E o homem tambem, apoz!...

Admiro o Creador!... Todo o meu peito
Transborda de pasmo, então!
Consagro o meu espanto, o meu respeito
Ao author da Creação!

Quando tambem medito, Deus Eterno,
Nos graves castigos Teus,
E que abysmaste, sei, no fundo inferno
A rebellião dos Céus!
Que do homem primeiro a culpa é morte,
E legado perennal!
Que a terra alagou já, de sul a norte,
O diluvio universal!
Que Sodoma e Gomorrha, em chuva ardente,
Tu puniste, Vingador!
Que o Egypto desolaste, de repente
Com varias pragas, Senhor!
Que cidades submerges, que espedaças
As mais florentes nações!
Que em Tua justa colera, as desgraças
Vem sobre nós, aos bulcões!
Ai quando penso em Teu rigor extremo...
Confrangido o coração,
Do susto cheio, todo temo e tremo
Da tua rigida mão!

Mas quando, ó Deus, Te vejo em tristes palhas
Fraco, pobre, humilde, nú,
Feito menino, e vejo os dons, que espalhas
Assim, já mudado, Tu!

Quando Te vejo erguido no Calvario,
Renovando ao mundo a luz,
Quando, já morto, envolto no sudario,
Ou moribundo na Cruz;
Quando elevo, Senhor, o pensamento
Ao grão sacrificio Teu,
Ás affrontas, ás magoas, ao tormento,
E por beneficio meu!
Quando Te vejo assim... é que meu peit
Já despido de pavor,
Sem lhe lembrar, talvez, pasmo e respeito,
Rebenta em chammas d'amor!
Teu poder e rigor espanta a mente!
Mas do amor pod'rosa acção,
Captivando melhor, mais gratamente,
Cria amor no coração!

LIV

Sê bem vinda

Bravo! Que feliz estreia,
Estreia sem ser esp'rada,
Tão louçã,
Teve hoje esta pobre aldeia,
Quando estava descuidada,
De manhã!...

Do seu campo entre os verdores,
No regaço dos seus montes,
Linda flôr,
Mais linda que as outras flôres,
Fonte melhor que outras fontes,
Do Senhor.

Appar'ceu-lhe de repente,
Como um anjo, que descido
Lá do Céu,
Mostrasse o rosto innocente,
Todo em luz pura incendido,
Já seu véu!...

Oh! Bravo! Bravo! Que estreia!
Flôr e fonte, anjo formoso,
Luz d'amor,
Sê bem vinda á nossa aldeia!...
E n'este ramo cheiroso
D'alva côr.

Te fadam ditosos fados
As velhas fadas rugosas
Do logar:
«Contes mil annos contados
«Por alegrias ditosas,
«Sem ter par.

«Serás boa como és bella,
«Dos teus paes encanto e gloria
«D'olhos seus;
«No mundo serás estrella,
«Do mundo terás victoria,
«Para Deus.

«Sê pois, bem vinda, florinha,
«Sê bem vinda á nossa aldeia,
Tão louçã,
«E veja-te a *mamanzinha*
«Tão feliz, qual nossa estreia
«Da manhã.»

LV

No tumulo de uma criança

Silencio...! Nem rumoreje
Na relva, a brisa do val;
Dorme...! Que o mundo lhe inveje
Placido somno immortal.
Anjo, na terra ouviria
De seus irmãos a harmonia
Nas harpas de eterna luz,
E lá do Céu co'a saudade,
Da vida na soledade,
Adormeceu junto á Cruz! (*)

(*) Sobre a sepultura ha uma Cruz de pedra e junto d'ella a imagem, tambem [de p]edra, [d]e uma criança dormindo.

LVI

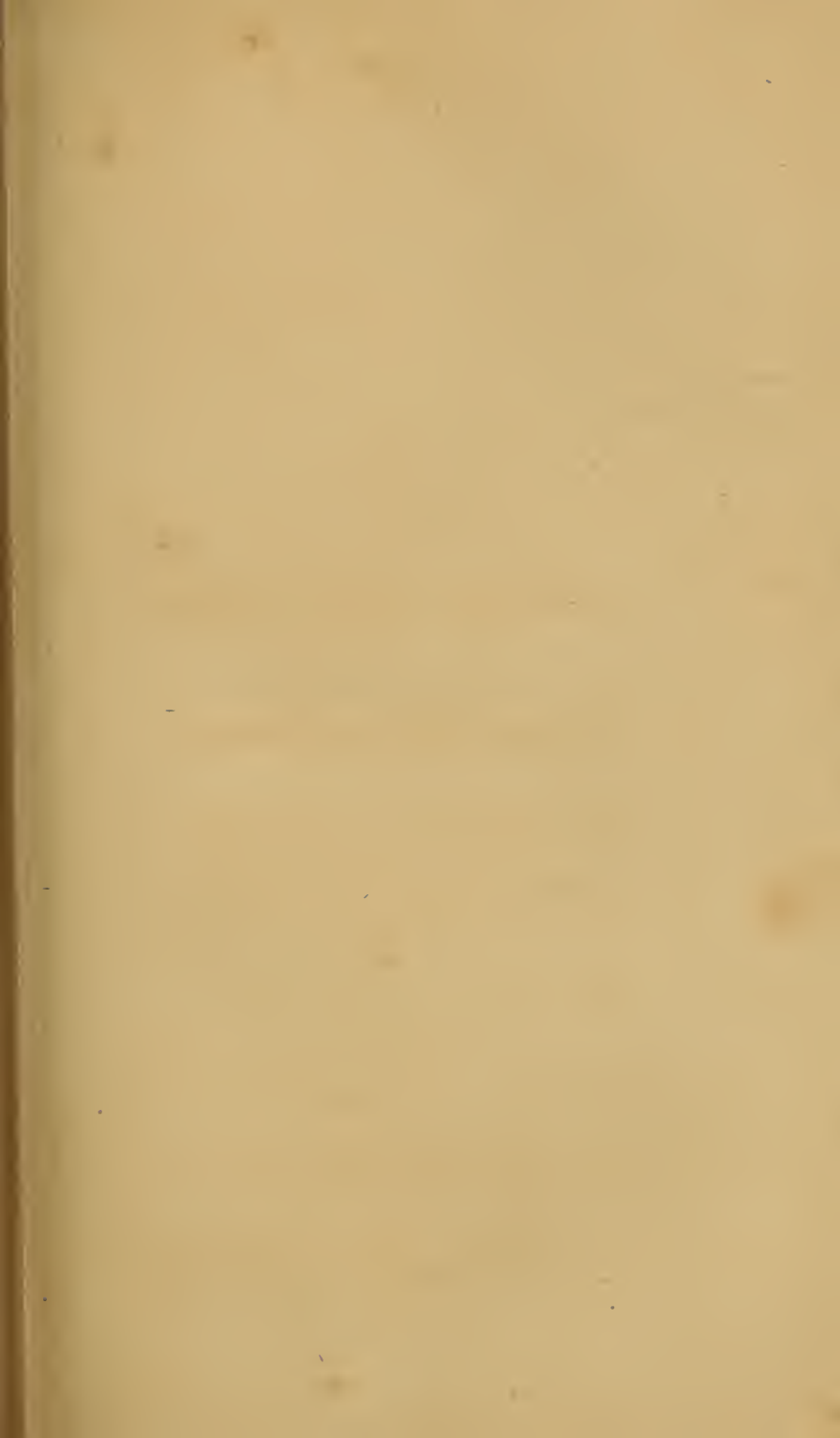
Na ultima pagina do album

DO POETA BRAZILEIRO

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Serei ultimo aqui, como sou ultimo
Em tudo; e só primeiro
No sincero louvor no preito ingenuo
Ao vate brazileiro.

Serei ultimo aqui, porque do espirito
Nas lides porfiadas,
Sempre me coube em sorte logar infimo
Das paginas douradas.

Mas se ultimo sou n'esta aurea pagina,
Por lei da sorte crua,
Que o não seja sequer meu nome exiguo
Ai! Na memoria tua!

NOTAS

NOTAS

1.ª

AS ROSAS DE SANTA IZABEL

O milagre das rosas é attribuido, tanto a Santa Izabel, Rainha de Portugal, e mulher do nosso excellente Rei D. Diniz, como á outra Santa Izabel, Rainha de Hungria, Duqueza de Thuringia, ascendente da nossa portugueza Santa, de que o reino, e particularmente Coimbra, tanto se gloriam. Na excellente obra—*Histoire de Sainte Elisabeth de Hongrie, Duchesse de Thuringe*— pelo illustre *Conde de Montalembert*, porventura uma das melhores, se não a melhor obra, de sua penna, conta o caso, com referencia á Santa Rainha de Hungria, do seguinte modo, a pag. 270 e seguintes do 1.º vol:

«Elisabeth aimait á porter elle-même aux pauvres, á la dérobée, non-seulement l'argent, mais encore les vivres, et les autres objects qu'elle leur destinait. Elle cheminait ainsi chargée par les sentiers escarpés et detournés qui conduisaient de

son chateau á la ville et aux chaumieres des vallées voisine Un jour qu'elle descendait, accompagnée d'une de ses suivantes favorites, par un petit chemin tres-rude que l'on montre encore (*) portant dans les pans de son manteau du pain, de la viande, des œufs et d'autres mets, pour les distribuer aux pauvres, elle se trouva tout á coup en face de son mari que revenait de la chasse. Étonné de la voir ainsi ployant sous le poids de son fardeau, il lui dit: «Voyons ce que vous portez ;» et en même temps ouvrit, malgré elle, le manteau qu'elle serrait, tout effrayée, contre sa poitrine; mais il n'y avait plus que des roses blanches et rouges, les plus belles qu'il eût vues de sa vie: cela le surprit d'autant plus que ce n'etáit plus la saison des fleurs. S'apercevant du trouble d'Elisabeth, il voulut la rassurer par ses caresses; mais il s'arrêta tout á coup en voyant apparaitre sur sa tête une image lumineuse en forme de crucifx. Il lui dit alors de continuer son chemin sans s'inquiéter de lui, et remonta lui-même á la Wartbourg, en meditant avec recueillement sur ce qui Dieu faisait d'elle, et emportant avec lui une de ces roses merveilleuses, qu'il garda toute sa vie. A l'endroit même où cette rencontre eut lieu, á coté d'un vieil arbre qui fut bientôt abattu, il fit élever une colonne surmontée d'une croix, pour consacrer á jamais le souvenir de celle qu'il avait vue planer sur la tête de sa femme (**).

(*) Il se nome encore, comme aux jours d'Elisabeth, du nom tres expressif de «Kniebrecher;» casse-genou.

(**) Hermann de Fritzlar, le manuscrit des Franciscains, e Pelbartus de Temeswar dans son sermon xcvi, reportent ce miracle au temps de sa première enfance. Selon eux, un jour qu'elle sortait des cuisines avec des vivres qu'elle avait derobés pour les pauvres, elle rencontra son père ou beau-père, qui lui dit: «Chere petite, que portes tu lá?» Elle repondit: «Des roses pour me faire une gairlande. — Voyons ces roses» dit-il. Et, en effet, il n'y avait que celá. Nous avons préféré suivre la majorité des auteurs et la tradition générale, que appliquent ce miracle a sa vie conjugale, et y font intervenir son mari. «C'est, du-

Não me metto em reivindicar o milagre para a santa portugueza; basta-me que tambem, na lenda lhe seja attribuido; e com quanto alguma coisa aproveitasse da lenda estrangeira, parece-me preferivel a simplicidade da nossa tradição popular, que segui com a fidelidade possivel.

2.ª

AH! PATO!

Quando no jornal *A Nação* se publicou esta pequena composição, puz-lhe a seguinte *nota:*

«Pela *provocação* d'um amigo particular, só agora se publicam estes versos, que, aliás, foram logo improvisados, assim que appareceram os *destemperos religiosos e politicos* do meu amigo Bulhão Pato.»

Effectivamente, logo que a Buarcos, onde então estava, me chegou a noticia dos *destemperos* — mantenho o nome — do meu amigo Pato, lembrando-me do *amicus Plato, sem magis amica veritas,* rebentou-me espontaneamente o referido improviso. Não havia a minima intenção de o dar á estampa. Sou amigo de Pato Bulhão, e por isso mesmo é que mais senti que os seus destemperos estivessem merecendo a indignação

reste, le plus célébre et le plus populaire des miracles de notre sainte: elle a été souvent representée, par les peintres et les sculpteurs catholiques, avec des roses dans son manteau. On cultive encore des roses en grande quantité autour de son eglise á Marbourg, comme aussi sur la Wartbourg. Le peuple de ces deux lieux quoíque protestant, a conservé avec amour cette legende. Nous l'avons entendu raconter par un paysan des environs de Marbourg, le 29 juin 1834, avec le detail de la rose prise et gardée par le landgrave; que nous n'avions trouvé dans aucun auteur. Le même miracle est attribué á sainte Elisabeth de Portugal, petite-niéce de notre sainte, et á sainte Rose de Viterbe.»

de toda a gente d'um certo feitio, mas tambem não tinha muita vontade de lhe dizer aquellas verdades em letra de molde. De viva voz ou em carta particular, dizia-lhe, de certo, muito mais.

Veiu, depois, outro amigo, o sr. M. J. C. da S., e com as coisas, que me escreveu a tal respeito, *provocou-me* — mantenho tambem a palavra — a mandar para a imprensa os taes versinhos.

E se o meu amigo Pato Bulhão não tinha hesitado em ferir cruelmente as minhas crenças religiosas e politicas, que hesitação poderia eu ter em lhe repellir a aggressão? E se esta tinha sido publica e clamorosa, porque havia a minha condemnação ficar na gaveta? Não ficou. Da mesma nossa velha amisade é que eu tiro o direito de francamente lhe reprovar as suas más acções. Nem deve ter o mal mais coragem para affirmar suas opiniões, do que o bem.

3.ª

SAUDADES DO CLAUSTRO

Foi no jornal de Braga, intitulado o *Futuro*, que primeir appareceram estes versos. A *Nação* de 24 de outubro de 1874 por occasião de os reproduzir, dizia o seguinte:

«Transcrevemos do *Futuro* uma poesia de J. de Lemos. uma bella composição e uma boa acção, sobre tudo n'este tempos, em que a poesia anda por ahi derrancada, feita serv das mais aviltantes, e *deshumanas* theorias.

«E é para notar que emquanto a musa legitimista só faz r soar as cordas de sua lyra para cantar tudo o que eleva par

Deus, a musa *liberal* não sabe senão, como anjo decaído, enflorar as vias da perdição e da morte.

«Cante J. de Lemos a vida, a vida que alevanta, que *divinisa*, objecto condigno d'esse dom de Deus, pois que nem o progredir dos annos tem feito sentir a sua acção em seu estro sempre juvenil.

«É necessario; é serviço de Deus e da Patria.

«O poeta não póde faltar-lhe.»

E parece que, com effeito, fôra uma *boa acção*, como a *Nação* dizia; porque de toda a parte me chegaram logo as recompensas. Entre as muitas cartas, que recebi, felicitando-me por aquelles versos, merece especial menção a do meu bom amigo Marquez de Penalva. Dizia assim:

«Meu caro João de Lemos.

«Agradeço-lhe as lagrimas, que, me fez derramar, lendo as suas *Saudades do Claustro*.

«A musa de *João de Lemos*, é, sempre a mesma!

«Eu tão bem, sou, sempre o mesmo.

«Lisboa—24—10—74.

Seu amigo e admirador
m.to obrig.do

Marquez de Penalva.

Estas lagrimas são, na verdade, um excellente elogio; mas perdôe-me o meu caro marquez de Penalva se, assim como dei mais valor ás suas lagrimas do que aos gabos dos jornaes, que me não faltaram, tambem apreciei mais ainda as lagrimas, d'uma criada minha antiga, Maria Simões, ao ouvir ler esta composição, dizendo: «*Coitadinhas das freiras! Parece que as está a gente a ouvir!*»

4.ª

SINIGAGLIA

Esta composição nasceu das seguintes linhas, que se liam na *Nação* de 28 de outubro de 1874:

A casa de Pio IX — Do *Jornal de Florença* transcrevemos a seguinte carta de Sinigaglia, terra natal de Sua Santidade Pio IX:

«Estou em Sinigaglia. Foi aqui que Pio IX passou os primeiros dias da sua juventude.

O seu palacio, situado na rua do Monte da Piedade, com o numero 33, tem mais duas entradas, uma pela rua do Duomo e outra pela do Tambor.

O exterior do edificio é de aspecto senhoril, ainda que modesto. É construido de ladrilho fino, adornado de marmores. Em cada um dos tres andares conta cinco varandas.

O quarto em que nasceu o Pontifice, é situado no segundo andar e habitado actualmente por sua cunhada, a condessa Victoria, que é da mesma idade do Pontifice.

Ao subir, depara-se na escada com uma imagem da Virgem, alumiada por uma lampada. Na capella, sita no primeiro andar, admira-se um quadro de grande valor.

A casa do conde Jeronymo, pae de Pio IX, passou a seu filho mais velho, o conde Gabriel, que dotou Sinigaglia com um aqueducto d'agua, fontes e lavadouros publicos.

Por sua morte succedeu-lhe seu filho o conde Luiz, casado com a condessa de Drago.

Fóra da porta dos Capuchinhos, para lá da ponte da Misa, á esquerda da fonte erecta pelo conde Gabriel, vê-se uma casa

pequena e modesta em cuja parede está collocada uma imagem da Virgem das Dores, com a seguinte inscripção em italiano.

«M D C C C X L V I. Sabe, oh! viandante! que n'esta cabana, dada pelos condes Mastai Ferreti a seus servos, foi criado comigo, Domingos Gevernatori e por minha mãe Mariana Chiavini, Pio IX, P. O. M. Oh! Se a nossa querida anciã vivesse hoje, que prazer e consolação para ella!»

O irmão collaço de Pio IX vive ainda, parecendo sempre moço, tal é a sua robustez, occupando-se nos trabalhos do campo.

O sepulchro da familia Mastai está na egreja da Magdalena, diante do altar de Santo Antonio de Padua. Das inscripções contidas no referido tumulo vê-se que:

João Maria, bisavô de Pio IX, viveu setenta e tres annos;

Hercules, seu avô, viveu noventa e tres annos;

Jeronymo, seu pae, viveu oitenta e tres annos;

Sua mãe, viveu oitenta e oito annos;

Dos tres irmãos de Sua Santidade, José, morreu aos setenta e seis annos;

Gabriel, aos oitenta e oito, e Caetano, aos oitenta e nove.

Foi este ultimo que restaurou a capella da Magdalena. Deixou um legado ao hospicio para que n'elle se alberguem constantemente vinte pessoas, dez de cada sexo.

(L.)

5.ª

BERLIOZ

Na *Revue Musicale* d'um jornal francez do 1.º de outubro de 1868, com a assignatura de *Marie Lassaveur*, lê-se o seguinte a respeito de *Berlioz*:

«Hector Berlioz naquit le 11 novembre 1803, à la Côte-
«Saint-André, petite-ville du departement de l'Isére.

«Son enfance fut bercée par les enseignements pieux et par
«les aspirations chrètiennes. Dans un article donné á l'une de
«nos feuilles musicales, l'auteur de *Roméo et Juliette* nous ap-
«prend qu'il fit sa première communion á la chapelle d'un
«convent ou sa soeur etait pensionnaire. Il a toujours conser-
«vé depuis l'ineffable souvenir de cette solemnité religieuse.
«Comme il approchait de la table sainte, des voix de jeunes
«filles au timbre éclatant et pur entonnerent un hymne á l'Eu-
«charestie: le communiant crut voir s'ouvrir le ciel et les an-
«ges descendre jusqu'á lui. L'orgue jetait ses notes graves sous
«les voûtes de la chapelle. De ce jour, la puissance de la mu-
«sique lui fut revelée. Sa vocation devint irresistible.»

. . . .

É o que basta para o intento de se comprehenderem os
versos.

6.ª

O ESCULPTOR E O PAPA

No jornal a *Nação* de 17 de outubro de 1874, lia-se o se-
guinte, que deu origem a esta composição:

O *Echo de Roma* dá uma noticia que muito depõe a favo
da protecção que a Santa Sé tem dispensado, dispensa e dis
pensará sempre ás bellas artes. Agora que tão boas bibliothe
cas se estão destruindo em Roma, não póde deixar de chama
a attenção d'um modo especial o rasgo de Pio IX que em se
guida vamos relatar:

Ha em Roma um afamado artista, chamado Josué Mell

ue tendo mais genio que fortuna se vê na necessidade de rocurar quem lhe compre uma estatua para poder dedicar-se fazer outra.

Ultimamente conseguiu terminar um «Christo preso á co-ımna,» que, segundo a opinião de todas as pessoas que o vi-am, é de grande e verdadeiro merito. Precisou de vender sua bra; mas para isso era preciso que um grande senhor, um ei ou opulento banqueiro lh'a comprasse. Mas que banqueiros pulentos ou que reis piedosos pensam hoje em comprar uma ıagnifica estatua que representa a Christo na columna? O mundo moderno» não vae por este caminho. Por este motivo celebre artista se affligia ao contemplar sua obra, lembran-o-se de que, como a Egreja é hoje tão pobre, não podia ser lle tão feliz como muitos outros artistas que nos seculos pas-ados o precederam.

Victor Manuel tinha ouvido fallar do artista e de sua esta-ua; mas a politica do seculo XIX, que tanto se occupa em estruir as bibliothecas de conventos, não lhe permitte pensar ıa acquisição de estatuas representativas da paixão do Salva-lor. Pio IX, pelo contrario, não obstante sua prisão e sua po-ıreza, desejando estimular e premiar d'algum modo, do unico nodo que lhe era possivel, o artista Melli, o chamou, conso-ou-o e além d'isso lhe deu *trinta mil francos* por sua esta-ua. Isto provou ao artista e mostra ao mundo que a Egreja, se bem que perseguida, se bem que encontrando-se no calix la amargura, tem e terá sempre protecção para o merito.

Esta estatua poderá ser muito breve admirada por todos os catholicos que vão a Roma em peregrinação, porque Sua San-idade ordenou que seja collocada na *Escada Santa*, em S. João de Latrão.

7.ª

O REMORSO

Sobre a composição, que tem este titulo, escreveu-me quando ella se publicou, o Visconde de Juromenha, a seguint carta:

«Meu João, Primo e Amigo:

«Cá tenho lido os teus versos, e muito folguei por que vej que rejuveneceste, e te atreves a fazer versos n'esta época tã prosaica. Deram-me no gôto principalmente os do *Remorso*, aqui para nós dize-me baixinho, que eu nada revello, tu que mataste o homem? Só o assassino podia descrever con tanta verdade e exactidão: *ergo*, como se dizia antigamente tu é que foste o assassino. Mas se queres que te falle com minha franqueza habitual, escolheste mau thema porque o ta vocabulo é d'aquelles que o nosso Horacio diz que *jam coeci derunt;* para haver remorso é preciso que a virtude accord no coração, onde uma vez teve entrada; que o crime se es pelhe constantemente, como tu o pintas; e que o acto seja re putado criminoso por aquelle que o perpetrou e pela sociedade mas para isto é necessario que acreditemos que o que dá cord ao corpo é isto a que se chamava a alma. Ora se tudo isto peta, como nos dizem estes senhores, que, apezar de tud querem estatuas depois da vida; se o homem serve para guan é da economia agricola não esperdiçar este importante el mento fertilizante, e não ha assassino nem crime; e assim vão entendendo os neophytos da nova Egreja. Que assim o en tendem não ha duvida; se queres desenganar-te, quando vi res, dá um passeio pela cidade, se as carruagens american te não esmigalharem a cabeça, como ha annos me ía acont

ndo com as outras, e confesso-te que não é nada agradavel
r as patas dos brutos sobre a cabeça.

«Vae por essas Egrejas arrazadas, e que vês?

«Vae por exemplo, ao largo de Santa Marinha, e que vês?
n passeio com bella vegetação. E quem estrumou aquellas
vores?

«As ossadas, o bandulho e cabidella de mais de um heroe
primeira dynastia; heroe na phraseologia materialista,
is desde que descobri que eu era um atomo da soberania
cional, estou no progresso — heroe machina que dá bor-
ıdas de cego, uma especie de krupp de carne e osso, e au-
nato pensante.

«Vae ao largo de S. Thomé, que vês?

«Vegetação a mais vivaz. Vae ao largo de S. Martinho e in-
ga para que estrumeira foi a ossada do infeliz Conde d'An-
ro? Mas queres desenganar-te de que isto é uma verdade
ıngelico-materialista? Sóbe a rua de S. Bento, e dirige-te
proprio templo das leis, a esse Areopago, d'onde a nação
re boqui-aberta os seus destinos, e d'onde, salvas excepções,
ouvem tantas materialidades materialistas, substantivos e
ectivos; que concordam em genero, numero e caso. Entra
latrina, tem paciencia, põe a mão no nariz, e desculpa a
idade da phrase; vela-has toda lageada com as campas de
s *animaes* que ahi habitavam, *comilões*, que não faziam
ra coisa senão rabiscar *frioleiras*, que *hoje* não servem
a nada, e que os *mouros* toleravam no paiz.

«Ahi verás essas campas com os seus competentes epita-
os: Aqui jaz Fr. F... e Fr. F... Ora entra um viajante n'a-
lla casa, — que todos somos viventes — e dize-me se não
rá julgando que ali está misturado o adubo agricola dos
rtos e dos vivos? Com o dos animaes tambem já o vimos,
s vimos a estribaria. onde estava a Egreja.

«Lembra-me, quando se fizeram umas obras em S. Francisc
da Cidade, no entulho onde estava a Egreja provisoria, de qu
tu te não lembras, mas onde eu mais de uma vez entrei n
tempo dos *comilões* (dos frades), de ver um cão com um oss
na bôca dos que ahi estavam a granel, por signal que o enxote
sem ser enxota-cães; lembrei-me se seria alguma canella
que outr'ora cingiu a jarreteira, do pobre D. Alvaro de Abran
tes (o Conde), que tanta estocada levou na batalha da Alfarr
beira, d'aquelles villões, como elle lhe chamava, crivado d
feridas; no tempo em que me occupava n'estas toleima
debalde procurei a ossada do pae, que estava á saída da port
travessa da egreja matriz de Santa Maria do Castello de A
mada, onde ainda no principio do seculo passado a viu um f
dalgo do casa de Calhariz, por signal que não copiou o epit
phio por estar a chover! Foi pena não ter á mão o seu gua
da-chuva.

«Os ossos servem tambem para botões, e quem sabe se
trazes entre os teus algum dos ossos d'algum homem n
tavel.

«Outro emprego é o carvão animal, e assim sabe, mas n
te enjôes, que quando tu bebes o Marrasquino, o Anniz
Bordeaux, e Dantzic e mais licores, que esses liquidos espi
tuosos passaram já por um micro-cemiterio, e d'ahi para
teu estomago, e cabeça se beberes demasiado. Ora como e
tamos n'este capitulo de bebidas e extractos, ou n'esta ar
tomia, visto achares-te ahi mais perto da Luza-Athenas
quem pódes consultar, dize-me: não seria facil formular u
extracto-elixir, uma especie de *beaf-thecc* como se faz
carne de boi, dos miolos dos nossos antepassados, que bebi
pela acção do chilo, se distribuisse pela economia da vida,
já se sabe corporea — que affinasse este teclado dos ner
sensitivos e do pensamento, que antigamente, com erro n

ifesto, se acreditava que tinham a sua derivação do que se
ıamava a alma.

«Ora se depois da morte tudo é peta, não ha assassinio.
ois póde um rachador de lenha fazer em estilhaços um tronco,
ue já foi arvore, que tambem teve a sua vida, em cujos ra-
ıos pousou o rouxinol, bebeu pelas raizes o humor do arroio,
ue banha as plantas, foi afagado do Zephyro; póde a ingra-
dão do homem levar o boi velho, que enfraquece, ao mata-
ouro como diz o nosso *Sá de Miranda*, e não ha-de ser li-
re ao cidadão matar o animal humano bipede congenere,
ue, conforme o ultimo genesis, descende em linha recta do
dão do Brazil, o macaco?

«Mas deixemos este capitulo. Has-de querer novidades, e
u pouco posso acrescentar ao que dizem os jornaes, que te-
ho estado ha dias sem ler, mas ultimamente fui a Lisboa, em-
urrado por um ataque de asthma ou coisa que se parece com
sto, com que sou sempre hospedado n'este sitio, e então pro-
urei encher o saco. Lá tens os jornaes, mas dou-te a cifra
ara encontrares a verdade; quando disserem branco acredita
ue é preto.

«Saberás que um ratão de allemão, que folheou os archivos
e Italia, e que é protestante, um tal sr. Gregorovius, escre-
eu uma vida de Lucrecia Borgia, em que parece encostar-se
. boa opinião que eu faço da dama italiana.

«Que se façam Lucrecias Borgias no seculo XVI — concebe-
e, mas no seculo XIX — *o das luzes* — as gargantas estão com
squinencia para engulir tanta patranha. Comprehendes onde
onho o dedo...

«Aqui por estes sitios não ha nada de novo — porque isto não
novidade — mais um desacato na Egreja da Carvoeira. Pa-
ece que depois de quebrarem um braço á Virgem, a pozeram
or escarneo no adro; haverá uns dois mezes que na nossa

visinhança, no Lumiar, na festa que ali teve logar, houve uma especie de sermão de enterro do bacalhau, de que foi thema a Senhora, á qual não pouparam nomes injuriosos!

«Poucos dias depois appareceu a Cruz de pedra com os braços partidos. É preciso acabar com elle; *écrasons l'infame*. Vê se recrutas por lá algum *canarim*, que os de cá nunca dão com estes roubos e attentados contra a Magestade Divina. Comtudo, apezar d'estes energumenos, dizem uns reaccionarios pyrronicos que a Cruz ha-de triumphar, mesmo a despeito dos maus catholicos, *stat crux dum volvitur orbis*; mas para isto é necessario que primeiro nos façamos todos protestantes, e eu te vou dar a explicação.

«Os inimigos mais encarniçados do Catholocismo, são certos catholicos; e os protestantes convertidos são hoje os mais acalorados obreiros da religião, que, reconhecido o seu erro, abraçaram desenganados, e trazem o que nos falta a nós, que é a verdadeira crença; haja vista aos Mannigs, Newmans, e tantos outros.

«As importantissimas conversões, na Inglaterra e na Allemanha, nos fazem aguardar um futuro esperançoso e consolador.

«É notavel o discreto silencio, que tem guardado os jornaes liberaes sobre estas conversões talvez por não dar desgosto *á familia* porque entre os convertidos se conta S. A. o Duque de Saxonia-Coburgo-Gotha, para a qual será um desdouro contar agora no seu gremio um membro ultramontano, reaccionario, inquisitorio, jesuita ou sotaina preta, S. Bartholomista, etc., e toda a mais metralha do costume. Eis o rifão culinario que em tempo de tomates não ha cosinheiro mau. Assim, com estes ingredientes se faz um especifico com que se dá cabo de todos os reaccionarios, como os *pós prussianos* d'aquelles bixos que tem farda ingleza, e nos chupam o sangue.

«Que importa queiram a verdadeira liberdade portugueza
s reaccionarios, alliada com o suave freio da religião; que a
ıquisição protestante, em que ninguem falla, fosse muito
ıais cruel do que a catholica, pela qual, comtudo não mor-
emos de saudade; que os tribunaes civis de um governo par-
ımentar, que se invoca para typo, e que nos embutiu e sus-
:ntou a carta, condemnassem ao patibulo nos quatorze an-
os que precederam a 1820, se a minha memoria me não fa-
ıa, uns mil e tantos homens?!! isto é, em quatorze annos,
m numero superior ás victimas da Inquisição *de tres secu-
's!!!* Olha que não sou eu que o digo, é o insuspeito *Times*
e 1820 (*).

«Que importa que os sotainas pretos, homens, e instituição
umana, e por isso sugeitos a erros e até crimes, como qual-
uer de nós, menos os seus angelicos inimigos, fizessem
:andes serviços á humanidade e ás lettras, principalmente na

(*) Refere o «Times,» folha diaria, de março 31, 1820, debaixo do titulo:—
Ńoticias de Hespanha» que desde o anno de 1621 a 1665, no espaço de 44 an-
os foram queimadas vivas pela Inquisição 2.816 pessoas, fazendo o computo de
ı em um anno. De 1665 a 1700, no espaço de 35 annos, 1.728; pouco menos de
' por anno. De 1700 a 1746, no espaço de 46 annos, 1.564, por anno 34. De 1746
1754, periodo de 8 annos, só 10. De 1759 a 1788, no espaço de 29 annos, não
ouve mais do que 4 execuções. De 1788 a 1800, periodo de 12 annos, não houve
na só execução.

....

Temos diante dos olhos um mappa official do numero dos criminosos das
fferentes prisões de Inglaterra e paiz de Galles, que foram julgados desde o
ıno de 1805 a 1818, no espaço de quatorze annos, d'onde tiramos o seguinte
:tracto. Foram presas 98.483 pessoas: d'estas foram absolvidas por falta de provas
'.282. De 61.201 condemnados, foram condemnados á morte 8.410 e d'estes ef-
ctivamente executados 1.035, o que faz nem mais nem menos uma percenta-
·m annual de 74 pessoas, o que excede o numero a cargo da Inquisição no
ngo espaço de dois seculos... N'este mesmo espaço de tempo, isto é, desde
anno de 1805 a 1818, foram condemnadas a desterro não menos de 11.943 pes-
ıas. No anno de 1817 foram executadas 115, o que dá o resultado de uma exe-
ıção de tres em tres dias!!!

America, onde domesticaram os indigenas boçaes trazendo-os á civilisação? Mal pensavam que seria para assassinarem os seus conquistadores e civilisadores, e lançar nas masmorras o que ha de mais respeitavel no sacerdocio, como as victimas d'esta perseguição, quando se inspiram da dignidade da sua alta missão, e isto reinando no Brazil um Bragança!

«Que importa que os sotainas pretos, fossem até indigitados como cumplices do mysterioso regicidio de D. José 1.º— quando no processo não ha uma unica referencia a elles?

«Que importa que hoje se saibam as verdadeiras causas do S. Bartholomeu documentadamente?

«E se omittam as excitações, o S. Bartholomeu dos Huguonotes de 1569? Que se pintem os Huguonotes como uns anjos capitaneados por um *principe desleal, que cunhava moeda de Rei*, e que levavam a propaganda á propria familia real, que lançavam das ameias dos castellos sobre as baionetas dos seus soldados os catholicos, e cortavam braços e pernas antes de os lançar ao mar, a uns sotainas pretos, que estes corsarios apanharam no alto mar? Se quizeres dar cabo dos reaccionarios, dá-lhe com o tal molho de pasteleiro *à la Tartare* e calla todas estas coisas. Quando vem esta metralhada irresistivel, lembra-me o estribilho constante com que o mais gracioso poeta moderno, que teve a França (Beranger)—oxalá não estragára a sua musa,—terminava uma poesia satyrica em que contava as glorias militares do *Rei Cidadão;* terminava sempre por:

Jemappes e Valmy.

«Ou aquelles versos com que rematava umas vinte e quatro cartas, se não me engano, o Padre José Agostinho matraquecando, nem sempre com razão, o Pato Moniz:

São provas do que eu digo
Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

«Como tu és homem discreto, e sabes guardar segredo, empre te dou uma relação d'estes ultimos convertidos. Colɔco na cabeceira do rol S. Magestade a Rainha mãe, de Baiera, *Prussiana*, o que deve ter enchido de jubilo a Caza eal da côrte de Munich. Quem sabe se aquelle anjo que eu i em Brombach, concorreria para accelerar o bom proposito a Rainha?

«Em todo o caso, demos os parabens a S. A. Real, por um contecimento tão festivo, na sua Real familia adoptiva, que evia sensibelisar o seu coração, e estreitar, pela harmonia e crenças, ainda mais os laços, que prendiam a joven e virıosa Princeza á veneranda anciã da caza de Baviera.

«Em seguida denunciar-te-hei, além do duque de Saxe Courgo-Gotha, em que já fallei, o Principe Henrique Shoenırgo; S. A. R. o Principe Augusto de Hesse Darmstadt; S. A. A. os Duques de Anhalt Koethem; a Princeza Carlota do echlemburgo Schwerin; — Principes e Princezas, sete! O ɔnde de Ingenheims, de Stolberg, de Schoenburgo, de Blouer e Barão de Semifft, Pilasch e outros personagens distinos entre os quaes se mencionam nomes como *Schlegel*, *Brenno*, *d'Edistein*, *Adam Muller*, *C. L. Haller*, *Hurster Iarke*, *hilipps*, *etc.*

«Mas o que deve ter dado muito jubilo aos catholicos é a cente conversão do Marquez de Ripon, Grão-Mestre, que foi maçonaria ingleza, e de Mr. Harlss, chefe da egreja protestante da Baviera.

«E que me dizes tu á propria filha de Mr. de Bismark quer fazer a pirraça ao papá de se converter ao catholecismo?! ıs não te admires, que Deus escreve direito por linhas tortas.

Ao mesmo tempo que entre nós os campeões da liberdade de associação tem pretendido fazer uma *omelette* de freiras, que vês tu? A filha de um homem que mais de uma vez tem presidido ao conselho de ministros, da mais elevada aristocracia, mas chefe do partido democratico e perseguidor das Irmãs da Caridade, lá abandona a caza paterna e procura o asylo do claustro em um paiz estrangeiro, e que orna com as suas virtudes. A filha de uma caza egualmente aristocratica e respeitavel, lá vae tambem no claustro procurar um retiro, e junto á familia Real Proscripta, acompanha, consola, educa, ensina a lingua patria ás jovens princezas. Eu estive junto á sua sepultura no seu convento, na cidade de Tours, e sensibilisaram-me os encarecidos elogios da sua virtude, que ouvi proferidos pela boca das suas companheiras.

«Era um contraste singular ver um velho, que se havia arrastado cheio de jubilo a cumprir um dever, vir casualmente longe da patria, em terra estranha, encontrar-se junto á beira da sepultura de uma donzella joven, bella e virtuosa, que havia sabido comprehender toda a magestade do infortunio immerecido! É que se o sol é bello no seu zenith, no seu accaso tem mais belleza para as almas sensiveis; a rosa não só vive e brilha nos jardins frequentados, tambem a encontramos na solidão, e entre os espinhos e agruras.

«Ouço tambem que uma joven senhora, descendente de um grande nome historico, se recolhe egualmente ao abrigo de um convento. E que dirão a isto os senhores liberaes? Na verdade não póde haver maior tyrannia do que vedar o verdadeiro refugio aos desgostos do coração, aos desenganos do mundo, e ao remorso, e condemnar o homem e a mulher a uma tortura constante.

«Aboliram a pena de morte e crearam uma pena peior que a morte, que é a prisão cellular; julgava-se que não se po-

r além d'aquillo que é peior que a morte, pois bem, ainda
aventaram outra, que é a prisão *cellular moral* para o infeliz
a innocente? Os materialistas não sabem comprehender o
ue não sentem; para isto é preciso ser espiritualista ou para
nelhor me explicar ter coração.

«Agora peço-te desculpa de ter comparado em uma coisa,
ue ahi rabisquei, o ferreiro ao poeta. O ferreiro tambem faz
onsoantes com o malho na bigorna. Demais descende em li-
.ha recta do Deus Vulcano, que foi casado, pelo casamento
ivil, com a Deusa Venus, da qual apezar das suas travessu-
as, se não divorciou, porque ainda não estava em moda o
ivorcio. Bem sabes que a tal Deusa, em que peze aos con-
rades da guilhotina, tem mais poder nos tristes mortaes do
ue a Deusa da Razão, e é a causa de mais de um disparate
os que se fazem n'este mundo.

«Esquecia-me dizer-te que falleceu Joaquim Gualberto da
ruz; agora me perguntarás tu quem era este homem? Era o
roprietario da hospedaria das Varandas, honrado e antigo
rtista legitimista, como muitos a quem não engordam as pa-
ranhas com que os espertalhões lhes põem albardas, para se
ristocratizarem e cavalgarem S. Ex.as, e engordarem com o
eu suor. Era este o sapateiro que offertou ao Senhor D. Mi-
uel de Bragança um par de sapatos de abafo ou chinellas,
ue o popular monarcha talvez te mostrasse, como fez a mui-
os, todo sensibilisado, a modesta offerta do artista portuguez.
u vi o seu retrato no copioso album de photographias de
ortuguezes de differentes condições, pertencente á Senhora
. Adelaide de Bragança. Julgou o artista que para o Rei, que es-
olheu para divisa do seu sinete: Deus e Povo, não podia of-
ertar-lhe coisa mais agradavel do que a offerenda modesta do
lho do povo. Para o Rei, que apenas chega á sua patria se
espe dos seus fatos estrangeiros, e se veste de fazendas na-

cionaes, não podia haver offerta mais aprazivel do que um artefacto nacional; era acertada a escolha, porque era aquillo que elle, respeitoso subdito, podia depositar aos seus pés; era extremosa a lembrança, porque julgou que em um clima tão frigido e tão contrario ao nosso lhe podia servir de conforto.

«Agora compara tu, meu João, este amor mutuo paternal e filial, com ver um sapateiro enxotado dos Paços dos nossos Reis—fazemos justiça ao Senhor D. Luiz,—não por sua ordem, mas por outros sapateiros afidalgados, que não queriam lá o collega. Compara tu a indignação dos nossos paes da patria, que não toleram a representação de uns ferreiros da cidade eterna, sem o adjuctorio dos quaes talvez não estivessem no poleiro; este desprezo pelo *pé fresco*, vocabulo que só entrou nos diccionarios das ultimas edições de 1834, que nós chamavamos povo; que tinha entrada nos paços dos nossos reis; que formou um dos tres braços da nação; e que amavamos e respeitavamos.

«Termino esta comprida conversa por onde devia começar que é pedindo os meus cumprimentos... etc.

«Não a fiz laconica porque julgarias que era parte telegraphica e não acreditarias coisa alguma, e porque me é sempre agradavel conversar comtigo, e não o podendo fazer de viva voz recorro á escripta; e acredita-me sempre

Primo m.to am.o

Visconde de Juromenha.»

8.ª

SÊ BEM VINDA

Foram feitos estes versos a uma linda creança filha do meu amigo o Ex.mo Sr. Sebastião de Mello Falcão Trigoso, quando

ım dia, com a sua familia e com a minha, fomos de Buarcos, antar á minha Quinta d'Anta, cortando, em as agradaveis horas, que ali passámos com folgada intimidade, a monotona sem-saboria da historia ordinaria da vida. Toda aquella excellente amilia, era a primeira vez que ali ía. Costuma a menina cha-nar a sua boa mãe, a Ex.ma Sr. D. Thereza de Saldanha, *a namãzinha*.

9.ª

NO TUMULO D'UMA CREANÇA

Foi em 1854, cuido eu, que fiz esses versos para a sepul-ura d'um estremecido filhinho do meu querido e antigo amigo ugusto Cezar d'Almeida. Não quero deixar, com a publica-ão d'elles, de lhe dar aqui publico testemunho de extremosa ffeição, que data dos melhores tempos da nossa juventude. Bem sei que não pertencem, rigorosamente, ás *horas vagas de Buarcos*; mas não sei se terei outra occasião de os metter d'alguma collecção de versos meus, e deliberei incluil-os qui.

10.ª

No proprio dia em que eu ía entregar o manuscripto d'este volume aos srs. editores, e já em caminho de sua morada, chegaram-me ás mãos a carta e versos, que em seguida transcrevo. Li ambas as coisas no *omnibus* do Campo Grande para Lisboa. São de Sebastião Pereira da Cunha, do mancebo em que já resplandece um futuro immenso, e a quem quero quasi como filho, pelo ser do meu estremecido amigo Antonio Pereira da Cunha. Bem sei que nem elle suppôz que o publico lhe assistisse ás suas affectuosas expansões, nem eu deveria talvez concorrer para que ellas se divulgassem, coroando-me de um favor tão exagerado. Mas como na amizade as proprias superstições são respeitaveis, não me atrevo a esconder o que d'ella me vem, para tambem publicamente, em signal de profundo reconhecimento, o estreitar nos meus braços com toda a effusão do meu vivo e sincero affecto.

Eis ahi a carta e os versos.

«Meu caro J. de Lemos,

«Ao chegar-me a noticia de que ías enriquecer a nossa lit-
:eratura em mais um volume das tuas inspiradas poesias,
não pude conter-me que não escrevesse esses pobres versos,
que hoje te offereço.

«Sei que nada valem. Sou o primeiro a reconhecêl-o; mas
lictou-m'os a consciencia, e isso, e só isso, os tornará menos
ndignos de ti.

«Acceita-m'os, com os protestos da consideração, que te
ledica o

Teu mais sincero admirador,
e o teu mais obrig.º cr.º

Vianna—27—3—75.

Sebastião Pereira da Cunha.»

A JOÃO DE LEMOS

Em tua fronte, ó genio,
De antigos loiros cheia,
Outros, não menos vívidos,
A *tarde*, faz brotar;
Outros, que abrindo as petalas,
Co'o aroma da epopeia,
Mostram assim teus canticos,
Harmonicos sem par.

Se acaso, póde o incognito
Obreiro, que perpassa,
Dependurar um lyrio
Da gloria entre os festões;
Se é permittido o óbulo
Do pobre, em uma taça,
Onde trasbordam, inclitas,
As justas ovações;

Então, poeta, escuta-me
A voz, que, tão singella,
Se eleva no thuribulo
Da funda convicção;
A voz, que ergue o discipulo
Ao mestre, a quem revéla
N'um canto humilde a effigie
Da eterna gratidão.

Quando, eu nasci, mostraram-me,
Como A B C primeiro,
Um livro, o mais esplendido,
Rico de crença e ardor;
E eu, soletrando as paginas
Do teu *Cancioneiro*,
Com pasmo e infantil jubilo
Saudava-te, cantor!

Depois, na adolescencia,
Co'os olhos mais abertos,
Sorria, acompanhando-te
Nos vôos do ideal,
Ou ajuntava lagrimas
Ás tuas, vendo incertos
Nossos irmãos, e examine
O velho *Portugal*.

Pelas gargantas lobregas
Do abysmo do passado
Vi-te descer intrepido
Á Roma, ainda pagã;
Abrir de *Nero o tumulo*,
E achar de Nero ao lado
Em pé, a Cruz, o symbolo
Da redempção christã.

Vi-te, mais tarde, estatico,
Erguendo a voz, que aterra,
Ao percorrer, somnambulo,
De noite, o *Colyseu*
Vi-te evocar a cupula
Azul da nossa terra,
Olhando a *lua* pallida
No estranho, *plumbeo céo*.

Vi-te carpir a gloria,
Que o moiro, emfim, supplanta
De *Alcacer* sobre o torrido
Maldicto e esteril chão.
Vi-te, romeiro mystico,
Subindo *a Escada Santa*,
Co'a fé por lampadario,
E a lyra, por bordão.

Vi-te chorar co'a patria,
Quando ella, entre pezares,
Sentia a alma a partir-se-lhe,
Ao ver seu rei partir.
Vae, ao *Proscripto*, ajuntas-te,
Rasgas como elle os mares,
E, ao longe, em tom prophetico,
Apontas-lhe o provir !

Assim, o que, ao crepusculo
Da *tarde*, agora *cantas*,
É o sublime epilogo
Das matinaes *canções*.
És grande em *Sinigalia*,
Quando nas mãos levantas
O vulto do Pontifice,
O assombro das nações !

Sebastião Pereira da Cunha.

APPENDICE

Tendo eu receiado que, pelo silencio de muitos annos, publico se tivesse esquecido do meu nome, a imprensa periodica nacional, pela voz de seus mais lidos jornaes, dignoue assegurar que me enganava, assim que appareceu o prospeto d'esta obra.

E com tamanha benevolencia o fez, que me corre a grata brigação de manifestar-lhe aqui publicamente o meu sincero profundo reconhecimento.

Os applausos foram unanimes. N'algumas folhas, porém, ia-se claramente que mão amiga se tinha comprazido em ccumular louvores. Desculpem os leitores áquelles a sua inulgencia, e á amizade as suas fraquezas, que a mim só me oca dar testemunho de agradecido.

Por isso, e tambem por incentivo a outros que melhor os nereçam, aqui fica archivado o que os jornaes disseram, no-

ticiando a proxima publicação das *Canções da Tarde*. Talvez haja quem, n'isto me taxe de vaidoso; embora. Antes vaidoso do que ingrato.

J. L.

Lia-se no *Diario de Noticias* do 1.º de fevereiro de 1875:

«João de Lemos, o mavioso poeta dos amores castos e das crenças vivas, não morreu para as letras. Ao seu *Cancioneiro*, que encerrou os canticos phantasiosos e ardentes da aurora e da manhã da vida, vão seguir agora as reflexivas *Canções da Tarde*, em que nos ocios do lar e do campo se associaram os affectos brandos, e as inspirações da saudade aos conceitos do pensador experimentado. O livro consta de duas partes:—1.ª *Ultimos reflexos*; 2.ª *Horas vagas de Buarcos*. Receia o auctor que, por seu silencio de muitos annos, o favor publico se tenha esquecido do seu nome. É uma sem rasão. Ha nomes que não morrem na estima publica. Este é um d'elles.»

Lia-se no *Conimbricense* de 30 de janeiro:

«João de Lemos.—O mimoso poeta o sr. João de Lemos de Seixas Castello Branco vae publicar mais um volume de poesias suas.

«É caso para felicitarmos os amantes das boas lettras.»

Lia-se no *Campeão das Provincias* de 3 de fevereiro:

«Boa nova.—O sr. João de Lemos vem enriquecer a litteratura patria com mais um trabalho seu.

«O illustre, o notavel, o sublime poeta envia ao paiz a seguinte nova.

(Segue o prospecto).

«É de certo boa e valiosa a companhia que traz comsigo. Mas conscienciosamente fallando, cremos que a companhia, ainda assim nobre e luzida, nunca foi menos necessaria.

«O merecimento na elevação em que o possue o illustre auctor do *Cancioneiro* tem d'estes comedimentos. A exposição que agora se exhibe tem, para nós e cremos que para toda a gente, essa significação apenas.

«O sr. João de Lemos póde sempre, em trabalhos de profunda litteratura, vir só á arena da publicidade. Conceituado e querido no paiz e fóra d'elle, a obra que agora nos annuncia ha de ter em toda a parte o acolhimento devido. Cremol-o.»

Lia-se na *Palavra* de 4 de fevereiro:

«CANÇÕES DA TARDE.—Com este titulo vae publicar o nosso afamado poeta o sr. João de Lemos um livro de versos, ao qual auspiciamos a acceitação que deve ter mais esta producção litteraria do auctor do *Cancioneiro*. Ha muitos annos que o sr. João de Lemos apenas de quando em quando nos ostentava na imprensa periodica mimosos fructos de sua naturalissima veia poetica e robustissima intelligencia, sem continuar a abrilhantar nossa litteratura com obras de maior vulto.

«Eis porque é recebida com tanto jubilo por todos os que nos presamos de amigos das letras a noticia da proxima publicação das *Canções da Tarde*.

«Damos desde já os nossos emboras ao auctor e ao publico.»

Lia-se no *Commercio do Minho* de 6 de fevereir

«Canções da Tarde.—Com este titulo vae o nosso poeta lyrico, João de Lemos, publicar mais um volume de poesias.

«É dividido em duas partes: 1.ª *Ultimos reflexos*, 2.ª *Horas vagas de Buarcos*.

«O nome do auctor dispensa recommendações.»

Lia-se no *Jornal da Noite* de 5 e 6 de fevereiro:

«—Canções da Tarde *por João de Lemos*. Este livro constará de duas partes, a primeira com o titulo de Ultimos Reflexos, e a segunda com o de Horas Vagas de Buarcos. Escusado seria dizer que o annuncio de um volume de João de Lemos é sempre boa nova para o paiz inteiro que ha tantos annos lhe admira e celebra o talento, e que lhe quer como sempre quiz aos poetas primorosos que o deleitam e commovem. Quantos lêem, e alguns que sem saberem ler as decoraram, repetem nos mais reconditos logares do reino as poesias de João de Lemos. Não é pois necessario declarar boa nova o que todos têem por tal.

«Ha todavia quem pareça duvidar, e é pessoa conspicua, entendida, e insuspeita por não ser adversa ao poeta. A esse incredulo, injustamente desconfiado, e um tanto ingrato para com os seus bons amigos portuguezes, é forçoso dizer a verdade inteira, e affirmar-lhe que um novo livro de tal auctor é sempre occasião de applauso entre os homens de letras, e de prazer para quantos apreciam os encantos da poesia.

«Mas quem é o incredulo, o desconfiado, e o ingrato? Vão ficar pasmados os leitores! É o proprio João de Lemos!! No programma que recebemos, vem as seguintes phrases:

«Receiando o auctor de que, por seu silencio de muitos annos, o favor publico se tenha esquecido do seu nome, fez-se acompanhar, n'este volume por dois distinctos e estimados nomes litterarios, *o Visconde de Juromenha, e A. X. R. Cordeiro*. A benevolencia que não poderá obter por si, lh'a grangearão, de certo, estes dois nomes, de cuja boa sombra se serve para desvanecer o esquecimento de antigos leitores, e alcançar outros novos.»

«Já leram injustiça egual? Já viram modestia mais exagerada? Já souberam de maior desconfiança de si proprio, e do gosto alheio? A elle pois nos dirigimos a protestar contra supposição tão infundada. João de Lemos não carece de padrinhos para os seus livros, mas emfim a não querer vir só, não podia escolher melhor. O sr. visconde de Juromenha, e o sr. Rodrigues Cordeiro são dois escriptores de grande valia, e dois caracteres que inspiram respeito e grangeam affectos entre quantos os conheçam. Venha pois o poeta e os dois criticos, amigos seus e nossos ha muitos annos. Cá estamos de braços abertos para o receber, e aos seus estimados companheiros.

«Vimos brotar e crescer vigorosamente o talento poetico de João de Lemos em Coimbra onde chegou quando frequentavamos o segundo anno de direito, e depois fomos observando como se lhe desenvolviam seguidamente todos os dotes de escriptor, e com que rapidez a opinião geral inscrevia o seu nome na lista dos melhores poetas contemporaneos. Os volumes do Cancioneiro obtiveram as maiores demonstrações de apreço. Ninguem ignora como foi celebrada em todo o reino a meiga suavidade e o sentimento patriotico da Lua de Londres, e com que alvoroço applaudiram todos a rara nobreza de alma de João de Lemos na admiravel poesia O Funeral e a Pomba.

«O publico não esquece nunca escriptor d'esta ordem, e festeja-lhe com tanto maior jubilo o novo advento quanto foi sincero o pesar de que por tantos annos se concentrasse em profundo silencio.

«Só nos resta accrescentar que o livro custa 600 réis, e que as assignaturas se dirigem ao auctor.

«T. DE V.»

Lia-se na *Nação* de 6 de fevereiro:

«Geralmente fallando, não nos parece que vá bem aos poetas n'estes annos de prosa.

«No que se cuida hoje é em inventar alguma empreza de lucro, e em descobrir o modo mais prompto de amontoar cabedaes.

«No que se falla e pensa é na questão politica, e na solução, que ha-de ter o problema do sêr, ou do não sêr da sociedade actual.

«Quem quer ahi saber de poesia?

«Só se ella se ensopar em petroleo e se envolver na espuma sanguinolenta das luctas civís, ou se prestar a ser instrumento das mais sordidas paixões.

«E nem assim talvez.

«Se a vêem assoprando o facho da discordia publica, ou a empunhar impudicamente a taça da bachanal, agradecem-lhe o serviço, se lh'o agradecem, mas não lhe avaliam o preço do sacrificio.

«E que sacrificio! o de prostituir a sua sublime essencia, e falsear a missão, que lhe fôra dada!

«Não estão propicios os tempos para a poesia.

«E no entretanto, convém confessal-o, tão irresistivel é o poder do genio, que se n'esta Barataria de interesses materiaes

e por cima das discussões dos que pretendem curar o mal so-
cial com panaceas gastas, se ergue uma voz pura, harmonio-
a, crente, que procurou inspirar-se para os seus canticos na
verdadeira grandeza moral e no verdadeiro *bello*, ainda se vê
o prodigio mythologico de Orpheu.

«A multidão, como que subjugada por uma força occulta,
detem-se instinctivamente, presta attenção, escuta, sem saber
quem a isso a obriga, começa a sentir o espirito purificado
por aquelles sons, que lhe refrigeram a aridez d'elle, á simi-
lhança de gottas de um orvalho celeste, e adivinha a existen-
cia de um mundo melhor, embora d'ahi a pouco se deixe ar-
rastar, de novo, para a voragem da sua sofrega labutação.

«Parece incrivel; mas é verdade.

«Ora, para operar um milagre d'este genero, está destina-
do, julgamos nós, um livro, que se tem annunciado, ultima-
mente.

«É do auctor do *Cancioneiro*.

«E que outra recommendação será necessaria? Ha nomes,
que fallam por si só!

«João de Lemos, que pela elevação do seu caracter, e pela
distincta polidez do seu trato, tem tão geraes sympathias,
reune todos os dotes indispensaveis para que com justiça, e
sem menor sombra de lisonja, se possa dizer d'elle que é uma
nossa gloria litteraria.

«Prosador, nas suas paginas, que não desdizem em casti-
dade vernacula das do padre Vieira ou das do chronista de
San'Domingos, brilham simultaneamente a graça facil de Al-
meida Garrett e a severa elegancia de Nodier.

«Como poeta, enriqueceu a arte, introduzindo, e adaptando
com rara felicidade ao rhythmo nacional algumas das melho-
res formas da escola franceza, como outros, antes d'elle, as
foram procurar na italiana.

«Por isso os seus versos conseguiram desde logo uma voga extraordinaria, e o joven estudante de Coimbra, que se ensaiava no *Trovador* para mais largos vôos, começou a tornar-se popular. Foi uma estreia invejavel.

«Não ha ninguem que não saiba de cór a *Lua de Londres*, aquelle mimoso canto, tão repassado de sentimento e de suave melancholia.

«E quando, e em que lingua se escreveu nunca um trecho que exceda os dois breves, mas explendidos quadros do diluvio e da chuva de fogo, no *Consummatum est?*

«Que vigor tão incisivo, e, ao mesmo tempo, que singeleza tão natural!

«Bem dizia o nosso amigo Tullio que ficára assombrado de os ouvir.

«Ha ainda, em uma outra composição do poeta, pelos menos, alguns traços, que, como modelo de primor discriptivo fariam a reputação de um Byron, ou de um Victor Hugo, seja dito sem hyperbole. São as que nos fazem a magestosa pintura do Colyseu n'uma noite de luar.

«A correcção do pincel eguala as opulencias do colorido.

«Estamos a ler, e vemos e apalpamos aquellas ruinas, e pisamos aquelle amphitheatro, em que se estampa, ao clarão de uma luz prateada, a sombra da cruz, que.. já lá não existe, prostrada sacrilegamente pelos modernos e mais criminosos iconoclastas.

«João de Lemos é isto. E o novo livro, que nos promette não desmerecerá, de certo, dos creditos do seu auctor.

«Os annos passam; as illusões murcham; mas aquelle grande espirito não tem decaído; pelo contrario rejuvenesce

«O publico terá em breve occasião de convencer-se d'isso.

INDICE

ULTIMOS REFLEXOS

HORAS VAGAS DE BUARCOS

RECTIFICAÇÃO IMPORTANTE

A pagina 113, a estrophe 13.ª da composição «*Junto ao mar*» sahiu com a ordem alterada nos ultimos quatro versos. Restabelecida, pois, essa ordem, devem lêr-se assim:

Do pôr do sol a luz bella,
Que nos convida a scismar,
Quando desponta uma estrella
Precursora do luar!...

Os outros erros typographicos d'este volume são de menor monta, e poderão pelo leitor ser facilmente corrigidos.

LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA
RUA DA PAZ, 7
1875